

N^o 119

Coleção

TEXTOS

ACADÊMICOS

Ano 2

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

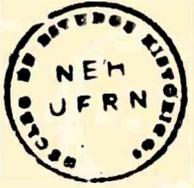
**SAÚDE E HISTÓRIA: ESTUDO DE
MICRO REGIÕES DO
RIO GRANDE DO NORTE**

Maria Leneide Câmara de Oliveira

.32
5/95

Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Departamento de História

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA



*1 sobre,
com o documento
de [illegible]
M. L. Oliveira
10/03/82*

SAÚDE E HISTÓRIA:
ESTUDO DE MICRO-REGIÕES
DO RIO GRANDE DO NORTE

MARIA LENEIDE CÂMARA DE OLIVEIRA

Dissertação apresentada como exigên-
cia parcial para obtenção do título
de Mestre em História à Comissão Jul-
gadora da Pontifícia Universidade Ca-
tólica de São Paulo.

PRÓ-REITORIA PARA ASSUNTOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA
PROGRAMA DE ESTÍMULO AO TRABALHO INTELECTUAL
NATAL, FEVEREIRO DE 1982

PRÓ-REITORIA PARA ASSUNTOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA
PROGRAMA DE ESTÍMULO AO TRABALHO INTELECTUAL
COLEÇÃO TEXTOS ACADÊMICOS, 119



REITOR: Prof. Diógenes da Cunha Lima
VICE-REITOR: Prof. Esequias Pegado Cortez Neto
PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO: Prof. Pedro Simões Neto
COORDENADORES DO PROGRAMA: Heloísa Carmen Lordão Monteiro
Maria Salete Pereira da Silva
João Afonso do Amaral
EQUIPE DE APOIO: Jacinta Leite de Oliveira
Pedro Gutemberg Pinheiro de Souza
Roberto Anderson da Silva
José Tavares Filho
Jonas Rodrigues do Nascimento

Oliveira, Maria Leneide Câmara de.

Saúde e história: estudo de micro-regiões
do Rio Grande do Norte. Natal, PRAEU, 1982
191p. il.

Tese (mestrado) PUC - São Paulo

1. Medicina popular - Rio Grande do Norte-
Teses. I. Título.

CDU 615.89(813.2)(043.5)

A Universidade Federal do Rio Grande do Norte mantém um programa de estímulo ao trabalho intelectual que nasceu da necessidade de valorizar e difundir a produção intelectual acadêmica. Consiste, basicamente, na reunião de todas as dissertações, teses e monografias elaboradas por Professores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, num espaço físico a que denominamos "Banco de Estudos Universitários" e que serve como fonte de consulta à toda comunidade acadêmica.

A partir da classificação desses trabalhos, uma comissão composta por membros do Conselho Editorial e representantes dos departamentos acadêmicos, seleciona obras representativas de suas áreas, para publicação.

O programa prevê a edição de duas coleções: Estudos Universitários, com livros impressos em off-set pela Editora Universitária e Textos Acadêmicos, reproduzidos pelo sistema de mimeógrafo, pelo grupo técnico da coordenação do programa, na sede da Pró-Reitoria para Assuntos de Extensão Universitária.

A UFRN pretende editar cerca de 400 títulos através das duas coleções, ao mesmo tempo em que publica um Catálogo Geral, demonstrativo de todo o esforço intelectual da comunidade universitária norte-rio-grandense.

É um programa ambicioso, mas simples e concreto como a vontade de fazer. Na medida em que estabelece um volume quantitativamente ousado de títulos para publicação, adota uma definição técnica no mínimo humilde para realizá-lo: a opção do mimeógrafo para a maioria das edições.

Há de ser reconhecido que a produção intelectual das Universidades tem sido dirigida para objetivos que escapam à produção ou transmissão de conhecimentos: promove currículos acadêmicos, ou é confinada em prateleiras. Em ambas as hipóteses, o ineditismo dos trabalhos conspira contra os seus verdadeiros desígnios.

Nosso programa atende ao objetivo maior de difundir o conhecimento assimilado ou produzido pela Universidade, revalorizando o esforço intelectual dos professores ao mesmo tempo em que estimula a sua aplicação. E nenhuma outra pretensão nos orienta.

Diógenes da Cunha Lima

Reitor

AGRADECIMENTOS

Queremos expressar nossos agradecimentos à Reitoria da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, na pessoa de Domingos Gomes de Lima, ex-Reitor e Diógenes da Cunha Lima, Reitor.

À CAPES que nos concedeu uma bolsa, graças à qual tornou possível a realização deste trabalho, nossos agradecimentos.

Aos colegas e professores da Faculdade, Mônica Melo Lima de Medeiros, Artur Marinho de Medeiros, Geruza Sotero da Cunha, Raimundo Braz de Oliveira e Raimundo Teixeira da Rocha, que acompanharam todos os passos de nosso trabalho dando-nos seu incondicional apoio, o nosso muito obrigada.

Ao Professor José Eduardo Moura, chefe do Departamento de História e Geografia da Faculdade, nossos agradecimentos pela compreensão e auxílio.

Ao Professor José Carlos Sebe Bom Meyhi, pela atenção, colaboração e interesse demonstrado, introduzindo-nos na Biblioteca de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, onde fomos recebidas atenciosa e carinhosamente por todos, nossos sinceros agradecimentos.

Aos nossos familiares que sofreram conosco em todos os momentos de angústia e compartilharam, igualmente, de nossas alegrias, o nosso muito obrigada.

Aos professores do Curso de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica, os nossos agradecimentos.

À nossa orientadora, Yvone Avelino Dias, que acreditou em nossas possibilidades, acompanhando cuidadosamente nosso desenvolvimento e, com seu conhecimento de mestre e sua dedicação de amiga tornou possível este trabalho, nossos agradecimentos mais profundos.

E, finalmente, à parte talvez mais importante deste estudo, aos ervateiros e raizeros que colaboraram em nossa pesquisa, respondendo aos questionários, embora às vezes, medrosamente antes de entenderem nossos propósitos, mas alegremente após entenderem os mesmos, os nossos mais sinceros agradecimentos.

A todos aqueles que, diretamente ou indiretamente colaboraram conosco - muito obrigada.

A meus pais Luiz

Luiza

A minhas tias Lourdes Câmara

Hilda Rocha Martins

A meus irmãos Maria Luiza

Maria Lucineide

Maria Leide

Lindbergh

Lindoal

Lindenor

*Como sei pouco, e sou pouco
Faço o pouco que me cabe
Me dando inteiro.
Sabendo que não vou ver
O Homem que eu quero ser.*

Thiago de Mello

INTRODUÇÃO

O Mundo presente, traz em seu bojo cultural uma bagagem considerável. Tarefa de cada geração é a elaboração do próprio conteúdo cultural da sociedade.

No momento presente a reavaliação da carga cultural herdada se faz necessária. Temas novos, técnicas e métodos coerentes com os avanços galgados pelas Ciências em geral e, pela área do Humanismo em particular, tem ocupado os pensadores contemporâneos. É em meio a este cenário que inúmeros trabalhos têm surgido extrapolando os limites tradicionais que davam as linhas básicas de uma historiografia que era, eminentemente, política e/ou econômica.

A análise meramente historiográfica, hoje considerada fora de uso, mas que guarda sua validade à medida que é filha do tempo, excluía de seu *idearium* alguns pontos analíticos apenas justificados pela Antropologia ou, mesmo, só registrados como curiosidades e, pois, secundários.

Os tempos mudaram. A História Social, a interdisciplinariedade aconteceram. Hoje fica em novos campos que se rompem às pesquisas, inéditos assuntos são assumidos, novos enfoques são dados e o produto científico se faz outro.

Entre os temas que ganharam atenção pode-se citar o caso da Medicina Popular.

Medicina e Povo. Povo e Medicina. Interessante como estes dois conceitos guardam todo um universo de ponderações. O que é a medicina? Ou desdobrando a questão o que é cura? O que é doença?

Em relação ao questionamento de povo então, o leque que se abre apontando múltiplas direções é realmente infindável. Quais os critérios para se definir povo em um país como o Brasil onde o número de analfabetos, de não assalariados ou assalariados mínimos é estupendo?

Limitando o espaço conceitual da Medicina Popular, resta o questionamento inevitável. Vale a pena se adentrar em terreno tão movediço? A resposta, contudo, flui fácil visto que, concomitantemente, o problema é tão difícil como fascinante e, mais que tudo, a discussão acadêmica pode jogar luzes sobre a problemática e fazê-la ponto de discussão de partida para análise de nossa sociedade como um todo.

Procurando analisar mais profundamente na medida do possível, os elementos componentes e característicos na cultura de um certo grupo de indivíduos no interior do Estado do Rio Grande do Norte, inegavelmente, não se pode deixar de ressaltar o tempo e o ambiente em que vive o homem, com um linguajar próprio, como um estilo próprio de vivência sócio-cultural que reflete sua vida, suas tensões, anseios e forma, de tentar explicar o desconhecido. O sentimento místico, o que, no todo é o espírito popular e cultural da região. São artifícios quase que naturais dos homens nestas circunstâncias. Tais transparências da sociedade estão sempre aflorando nas tradições e na vida rururbana da região.

Definir o espaço sócio-geográfico do Rio Grande do Norte implicaria em derrubar os tradicionais conceitos definidos por autores que procuram, dentro dos descondicionamentos, características dos analistas da terra — o ambiente social sem o homem.

Desde que se defina o Homem como objeto da História, e mais, das Ciências Sociais, propõe-se uma análise do ambiente sócio-humano do homem superando os esquemas meramente geográficos. Pensa-se, pois, num mundo Rururbano, onde o campo penetra na cidade e vice-versa, amalgamando estilos de vida que, sem ser "novo" não é "tradicional" e, que sem ser apenas tradicional "não é novo".

É preciso pensar-se em uma História que deixe ver no presente o produto do passado pois, no Rio Grande do Norte, não é possível dissociar o remoto da imensa onda de modernização que povoada pela indústria que invade partes do Estado, acontece.

Diferentes autores têm abordado o problema da cultura do homem do Rio Grande do Norte.

Face a exposição é de se questionar o por que da região em caso. Seria o Rio Grande do Norte representativo? Seria suficiente estudar-se esta região como representativa do país? Neste sentido as respostas são múltiplas.

O Rio Grande do Norte foi escolhido como campo de atuação da referida pesquisa por vários motivos. O primeiro, por ser o nosso lugar de origem e, como tal, não poderia passar despercebido. Região rica de tradições seculares; deixou em nosso consciente desde criança muitas tradições que se plasma em nosso espírito, exigindo, hoje, uma explicação acadêmica. Com o passar do tempo, foi despertando-nos para a visão de fatos que deixavam de ser folclóricos ou manias populares, passando a representar maneiras de viver que precisavam ser analisadas.

É bem verdade que alguns autores já empreenderam a tarefa de buscar as explicações do difícil viver do riograndense do norte. Contudo, no panorama analítico, faz-se preciso um trabalho que, concomitantemente, implique um conhecimento minucioso da região, pesquisa de campo e abordagem histórica. Outro motivo foi que, trabalhando como secretária durante oito anos nos Departamentos de Medicina Clínica e Cirúrgica da antiga Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, hoje, Centro de Ciências da Saúde tivemos inúmeras oportunidades de ver e ouvir coisas do mais alto interesse sobre o povo e a região. A então secretaria estava localizada no Hospital Escola nos proporcionando um convívio diário com os profissionais da medicina, sendo esta Escola o ponto de encontro dos chefes de Departamentos e sextanistas do curso médico para discutirem as anátomo-clínicas e falarem de suas experiências como estagiários no interior do Estado nas áreas de abrangência do CRUTAC (Centro Rural Universitário de Treinamento e de Ação

Comunitária) (1) e das dificuldades para colher a história clínica do paciente, isto porque o homem do campo tendo uma maneira própria de falar e de se expressar, dificultam o entendimento. É comum ter-se oportunidade de presenciar o doente relatando ao médico, por exemplo, o que sente

"Seu Dotô é uma do que vai das caine pas peias e das peias pas caine, atravessa as cruz e termina no osso de mucumbú" (2).

Isto é o reflexo de um pequeno testemunho na vivência do homem nordestino em sua cultura, tentando explicar, verdadeiramente, o que está sentindo, dentro de suas limitações pessoais, nos dando, com sua espontaneidade e riqueza vocabular a dimensão exata, a essência da pureza da literatura oral terapêutica. Por outro lado, a medicina elitizada não deixou condições para que o clínico, despreparado para enfrentar o povo, o entenda. Neste sentido, também acredita-se na validade deste estudo.

O tempo e a documentação

- O tempo

Das mais perigosas investidas que podem acontecer ao historiador é a definição do tempo histórico quando este suporta a coexistência de diferentes momentos culturais.

No Brasil — é até lugar comum repetir-se — existem ao mesmo tempo cronológico, períodos culturais diferentes. Junto ao moderno, está contrastando, o velho. Ao lado

(1) CRUTAC - Tem por finalidade integrar o estudante universitário à realidade regional de pobreza, doença e analfabetismo e levar ao homem do campo assistencialismo. Fazendo-se, enfim, compreender que sua saúde e formação educacional são valores que lhes dão novas condições e esperança de uma vida melhor (Esta nota resulta da observação direta da autora).

(2) As palavras obedecem, o mais aproximado possível, às pronúncias ouvidas, embora as grafias não correspondam às exigências do vernáculo. "Seu Doutor é uma dor entre a carne e a pele e da pele para a carne que responde nas costas e termina no cóccix". (N.A.)

do novo, o tradicional.

O tempo histórico, pois, não obedece; o caso do Rio Grande do Norte é exemplar, um ritmo de mudanças harmônico, coerente, uniforme ou sequer contínuo. Maneiras de vida, tidas pelo homem da era industrial como superadas, são localizadas ao lado das formas quase coloniais de sobrevivência.

Desde que tenha que se definir o tempo histórico, e que se trata de um trabalho de História, pensa-se em um período cronológico contemporâneo, mas que obedece a momentos sócio-culturais múltiplos. Acredita-se que nesta ambigüidade esteja situado o maior desafio deste estudo pois o encontro de tempos históricos diversos é muito pouco sentido e enfrentado pelos historiadores.

O presente estudo, pois, pretende ser mais do que sociológico, histórico uma vez que não deixa de empreender uma análise do passado através do presente.

- A documentação

Foram elaborados para a pesquisa de campo seis tipos de questionários, a saber:

1. Identificação
2. Público (consumidor)
3. Benzedor, ervateiros, curandeiros
4. Profissionais liberais ligados à área de saúde
5. Pesquisa oral
6. Ficha nº 1 - Tipos de ervas (anexo 1)

Tais questionários foram passados durante os meses de janeiro e fevereiro de 1979 e, posteriormente, no mês de julho do mesmo ano, nos seguintes lugares:

1. Natal
2. Mossoró
3. Caicó

Perfazendo um total de 235 questionários que resultaram em 57 tabelas, assim distribuídos:

	Questionários	Tabelas
Pesquisa oral	150	10
Profissional	32	6
Consumidor	12	11
Benzedor	23	10
Vendedor de ervas	18	20
T O T A L	235	57

Conceito de cultura

Parte-se de um significado que expressa, realmente, a verdadeira acepção da palavra "cultura" dentro das diferentes abordagens científicas sobre o conceito de cultura e as diferenças existentes e desenvolvidas em culturas diversas que caracteriza um certo grupo de indivíduos, tribo ou uma sociedade. Cultura quer dizer todas as manifestações de vida de um povo ou, mais precisamente, cultura são os modos de agir, sentir e pensar de um povo. No dizer de Kroeber (3):

"a cultura é uma entidade superorgânica, isto é, existe em si e por si atuando na vida dos homens, os quais, não são senão instrumentos passivos sob seu domínio".

Antropologicamente falando são sinônimos: cultura, civilização e tradição. Dentro desses conceitos inclui-se não só a cultura popular, mas todos os conhecimentos, crenças, arte, moral, lei, língua e costumes, religião, enfim, toda uma herança sócio-cultural tradicional.

Nenhuma cultura é estática, sofre, constantemente, transformações na caminhada dos séculos. Tais mudanças são resultados do trabalho mental do homem, formulando hipóteses, formando teorias e que, através dos tempos, propiciou, como ser pensante, a evolução das ciências, das artes, das letras, da filosofia. Cada conquista representa uma

(3) PIOVESAN, Armando - Antropologia. São Paulo, 1959.

época, um valor na sucessão dos fatos, o passado com o presente. Isto só foi possível a partir do momento em que o homem descobriu e transformou o mundo usando suas técnicas, atitudes e criando sistemas de valores. O homem como tal, dentro do mundo das idéias com sua força criadora tem sido o ali- cerce do progresso, apesar da evolução dos tempos não apagou os valores do mundo antigo, mas encurtou a distância tempo- ral entre o fato e o conhecimento humano.

O "progresso" que é imprescindível dentro das socie- dades não acontece uniformemente, isto porque nem todas as sociedades acompanham o desenvolvimento dos valores, das téc- nicas e das formas de condutas, mas, permanecem no mesmo es- tágio, ou seja, conservando os antigos modos de agir, sen- tir e pensar, que é definida essa camada da sociedade como classe pobre que, na terminologia marxista é o chamado prole- tariado, pela classe culta - povo -, pela ciência, folclore que é o resultado da unificação e da sistematização dos acontecimentos. Na nossa versão são muito mais formas de so- brevivência do que elementos folclóricos ou manias populares que essas comunidades "folks" guardam na consciência coleti- va inúmeros ensinamentos (saber popular) que o tempo não conseguiu acabar.

É o caso da região em estudo. Tem resistido às ino- vações do progresso, mesmo com o avanço dos meios de comuni- cação introduzidos: o rádio, a televisão, revistas, jornais, cinemas, meios de transportes, o homem sertanejo permanece arraigado ao passado com os seus costumes próprios, valores e linguajar que o caracteriza como "homem do povo" como é chamado pela classe elitista por ter uma mentalidade dife- rente do pensamento científico.

Cultura popular e medicina

Tentaremos mostrar o que foi possível detectar nas pesquisas de campo, que não é apenas o homem do campo, a cha- mada "classe inculta" que guarda em seu bojo toda uma cultu- ra popular, e a põe em prática, mas aquela que "pensa ra-

cional e logicamente" (4). A literatura médica popular é "espontânea", livre e existe mais autenticidade no seu proceder, enquanto a de elite faz uso de certos meios de cura e tratamento através da medicina popular, recorrendo ao espiritismo, umbandismo, remédios caseiros e usando disfarces (perucas, óculos escuros, lenço na cabeça) sendo atendidos em lugares especiais e nas suas próprias residências, para não serem identificados e não serem criticados pela sociedade que fazem parte, mas, o raizeiro, o benzedor ou o pai de santo, cita os nomes das "madames", pelo simples fato de vaidade, de se fazer mais respeitado, o seu valor curativo e o seu poder espiritual. Como exemplo citaremos alguns casos ocorridos nas cidades onde efetuamos pesquisa de campo. Quando perguntávamos a uma benzedoura se sua clientela era grande, nos respondeu:

"o meu mais assíduo cliente é o prefeito da cidade, que, coincidentemente é médico. Me traz quase que religiosamente uma vez por semana seus filhos para eu benzer e expurgar os maus olhados".

"Não é só o doutor prefeito, mas outros doutores, eu citei-o para vocês terem uma idéia que a personalidade mais importante da cidade frequenta essa casa humilde que vocês estão vendo com seus olhos em busca de um paliativo que muitas vezes o doutor não sabe curar, mas que essa velha preta ainda não falhou com suas rezas que desde os 15 anos até hoje nos 75 anos ainda sabe curar, pra nenhum botã defeito".

Isto não quer dizer que nessas comunidades a medicina empírica seja única. Muito pelo contrário, é bem assistida pela medicina científica. O que realmente deu para perceber no decorrer da pesquisa, é que a prática médica é aplicada em grande escala nos grandes centros urbanos e rurais em virtude do poder aquisitivo ser baixo, o grande índice de analfabetismo, carência assistencial do INPS, são outros fatores desestimulantes. Sem falar no problema da inibição. Os entrevistados deixaram bem claro que é bem mais fácil ir ao quintal pegar um determinado vegetal ou ir à barraca de um raizeiro

(4) Expressão usada por SAINTYVES & MAUVIER, In Florestam Fernandes - O folclore em questão. São Paulo, Coleção Estudos Brasileiros, 1978.

fazer uma rápida consulta e gastar poucos cruzeiros com uma folha, casca ou raiz. É mais prático e mais barato, além de tudo, como expressou uma certa entrevistada:

" A Senhora acha que eu vô perder tempo pra ir a um doutor e quando a gente chega lá, ele só ôia (pra gente) e escreve no papézinho? Quando saio, rasgo o papê e vô direto ao raizeiro. Dô mais crença aos ervateiros, eles não tem saber, mas, às vez sabe mais do que certo doutor. Não são letrados, mas também são chamados de 'Dr. RAIZ'".

Outro caso interessante aconteceu na feira das Rocas, quando se perguntou a uma vendedora de ervas: a senhora quando adoce a quem recorre primeiro? - respondeu:

"Eu mesma me automedico, como sou vendedora de ervas é mais fácil. Certa vez fui a um médico (citou o nome) sabe o que ele passou? Que eu tomasse chá de eucaliptos com qualquer anti-febril ou fizesse um lambedor de hortelã de folha grossa, casca de cumaru, casca de quinaquina, mel de abelha, açúcar e outros ingredientes. Pra vocês ver, o doutor não acredita na medicina dele, mas, na nossa que é anti ga, verdadeira e eficiente".

A medicina popular é um tema muito rico que envolve tradições seculares, superstições, remédios, vocabulário regional, tabus nestas comunidades dos não letrados. O grande acervo acerca do uso de vegetais como medicamentos, nos foi legado pelos nossos antepassados ou são intuitivos. Tais práticas são tidas como algo misterioso e intocável, sendo impossível a mudança imediata desse cabedal de conhecimento terapêutico. O homem nordestino é, acima de tudo, um supersticioso, usa condições religiosas e astrológicas como efeitos curativos.

Os campos de pesquisa escolhidos geograficamente para a elaboração do presente trabalho são as micro-regiões: Natal, Salineira Norte-Riograndense e Seridó, isto em virtude de serem as mais desenvolvidas do Estado, e, por oferecerem melhores formas de acesso aos campos de pesquisa.

A presente pesquisa foi realizada nas feiras-livres dos bairros das Rocas e Alecrim e nas do interior do Estado, nas bancas dos erbanários, nos Centros Espíritas, Centros de Um-

banda, além de profissionais liberais ligados à área da saúde, nas quais foram feitos levantamentos e registros dos termos e expressões ligados à saúde, dos principais produtos vendidos pelos erbanários, mangaeiros e raizeiros, empregados na terapêutica popular norte-riograndense, relativos à manipulação e utilização desses produtos, basicamente, de influência das culturas indígenas, européias e africanas.

As feiras-livres são pontos atrativos e turísticos, onde se vê uma verdadeira miscelânea de produtos, cores e classe social que, até se confundem com aquele emaranhado multicolor de coisas belas que é portadora e bem característica na cultura rústica e serve ao homem do povo de agente catalizador da economia da região.

Para se ter uma idéia do valor que se dá à erva medicinal para cura de suas "mazelas" ⁽⁵⁾, tivemos oportunidade de presenciar pessoas (e de várias camadas sociais) ir à banca do raizeiro para uma simples consulta ou comprar uma folha, raiz ou casca, ou para relatar ao erbanário os efeitos miraculosos de uma determinada erva que lhe foi prescrita.

Para a aplicação do questionário foi preciso muito tato e paciência para induzir o erbanário a ser entrevistado. O problema da rejeição a uma entrevista relaciona-se ao medo que eles têm dos impostos. São agressivos, agridem com palavras, falam alto, quase gritando, para chamar bem a atenção e dizem que somos fiscais da prefeitura disfarçados para bisbilhotar a vida deles e daí tome impostos

"em riba de nós, pobres coitados que só temos a noite e o dia como herança".

Mas, nesse momento, é preciso muita calma e esperar que o erbanário se acalme. Então, precisavamos explicar que não era nada de fiscalização e sim, era uma maneira de se saber qual a

(5) Termo regional, significa doença de um modo geral (NA).

... e daí se divulgar mais o uso de vegetais do que produtos farmacêuticos. O erbanário dava aquele sorriso desconfiado e dizia:

"Só se for rápido".

Para não aborrecê-lo com tantas perguntas, pedíamos um "mercado" (6) de cada tipo de erva e dissesse o nome, para que serve, como se prepara, como se toma e o "resguardo" (7). À medida que se aplicava o questionário observávamos os consumidores (eram os mais variados tipos) que iam se aglutinando e fazendo várias interrogações - "o que é isso?", "eu quero ser entrevistado". Apesar de todo o interesse e curiosidade não foi possível o uso de gravador pelo fator inibição e medo de uma posterior publicação ou denúncia. O mesmo aconteceu com a máquina fotográfica, pois tinham receio de serem publicadas em jornais e não poderem vender suas ervas.

(6) Termo que se refere a medida, que pode ser um punhado, um molho, uma colher ou tampa ou uma porção e que varia de preço dependendo da erva.

(7) Termo que tem o mesmo significado que repouso.

O que passou passou e, muito embora
Volta às velhas ruas à procura.
Aqui estão as casas, a amarela,
A branca, a de azulejo, e o sol
Que nelas bate é o mesmo
Sol
Que o universo não mudou nestes vinte anos.

FERREIRA GULLAR

1. RIO GRANDE DO NORTE: O HOMEM E A PAISAGEM CULTURAL

1.1. A Colonização

A colonização do Rio Grande do Norte teve início com a autorização de Felipe II, rei de Espanha e Portugal, pela Carta Régia de março de 1597 enviada a D. Francisco de Sousa, então Governador-Geral do Brasil. Tinha como objetivo construir uma fortaleza na foz do Rio Grande (Potengi) e uma cidade, para evitar as intrusas relações estrangeiras. A expedição chefiada pelo Capitão-Mor de Pernambuco Manuel de Mascarenhas Homem, que chegou ao local em dezembro de 1597. Tendo se iniciado a construção do forte no dia de Reis, 6 de janeiro de 1598, que deu origem ao nome de Fortaleza dos Reis, Forte dos Reis Magos ou, popularmente, Santos Reis, terminada em 24 de junho do mesmo ano. Passando o comando ao Capitão-Mor Jerônimo de Albuquerque, depois de 1614, o primeiro Albuquerque Maranhão. Já de posse do governo do capitania, Jerônimo de Albuquerque iniciou, a 23 de dezembro de 1599, as construções das obras necessárias aos diversos ramos de serviços públicos. Daí a origem do nome Natal.

"Jamais fora Povoação, nem Vila, nasceu cidade. Posui 12 casinhas de taipa e a Igreja. Em 1630 quarenta. Em 1631, cinquenta" (1).

Não havia nada na região, a não ser matas, apenas do outro lado do rio Potengi, viviam os índios Potiguares que, eram chefiados pelo índio Poti na Aldeia Velha, hoje Vila de Igapó, que está ligada a Natal por uma moderna ponte. Deveremos o êxito das operações pacificadoras ao capitão Jerônimo de Albuquerque, que trocou as armas pelo diálogo com os indígenas, especialmente os potiguares.

(1) CASCUDO, Luís da Câmara - Nomes da Terra, p. 218.

1.2. Localização

O Rio Grande do Norte localiza-se na Região Nordeste do Brasil, com uma área de 53.015 quilômetros quadrados, ficando em sétimo lugar em extensão na Região Nordeste. Apresenta uma configuração alongada no sentido leste-oeste, localizando-se entre o Ceará e a Paraíba, e, ao leste, o Oceano Atlântico. Sua posição geográfica o individualiza no conjunto dos Estados Nordestinos, pois nele ocorre a mudança de direção do litoral brasileiro, formando como que um grande cotovelo. O Estado representa a maior projeção do país no Atlântico, constituindo-se o trecho onde a América do Sul mais se aproxima do continente africano. Em função dessa posição, Natal, durante a Segunda Guerra Mundial, passou a desempenhar papel de destaque, pois foi lá que se estabeleceu a base da ponte aérea no Aeroporto "Augusto Severo", sendo denominado o "Trampolim da Vitória" por ter sido o ponto de pouso e partida dos aviões dos Estados Unidos para a África e Europa, a fim de combaterem as forças nazistas de Hitler.

A cidade do Natal está ligada a quase todas as cidades do interior por rodovias. Liga-se a João Pessoa pela BR 101 e, daí, para o sul do país. Liga-se a Fortaleza pela BR trezentos e quatro.

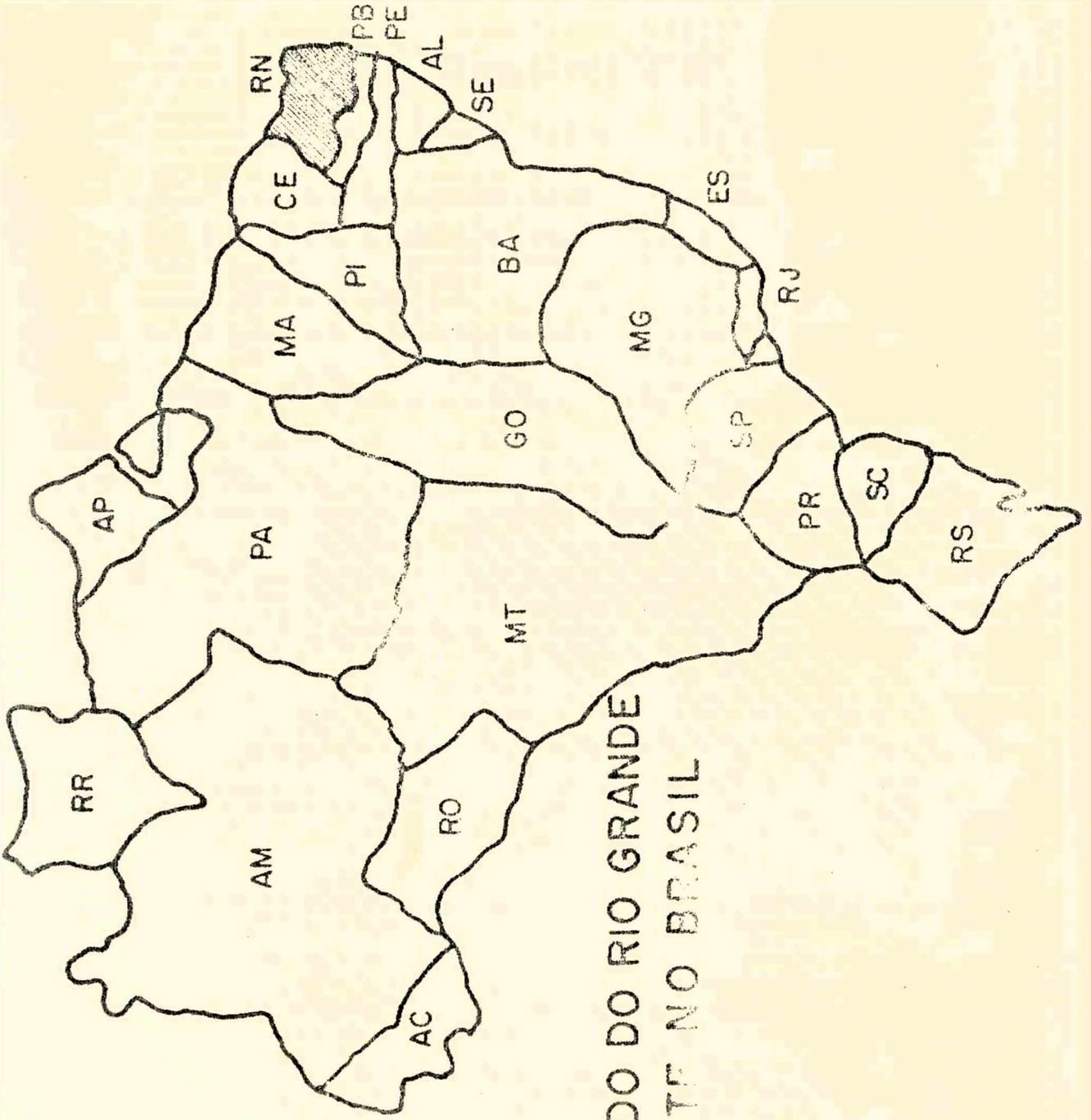
1.3. O clima

O clima do Rio Grande do Norte é quente e seco. A temperatura varia de 6° a 10° acima da normal que é de vinte e seis graus centígrados. No litoral o calor é bem menor em virtude da brisa que é constante. No sertão, na época do verão, a temperatura atinge os quarenta graus centígrados.

Há dois tipos de clima no Rio Grande do Norte:

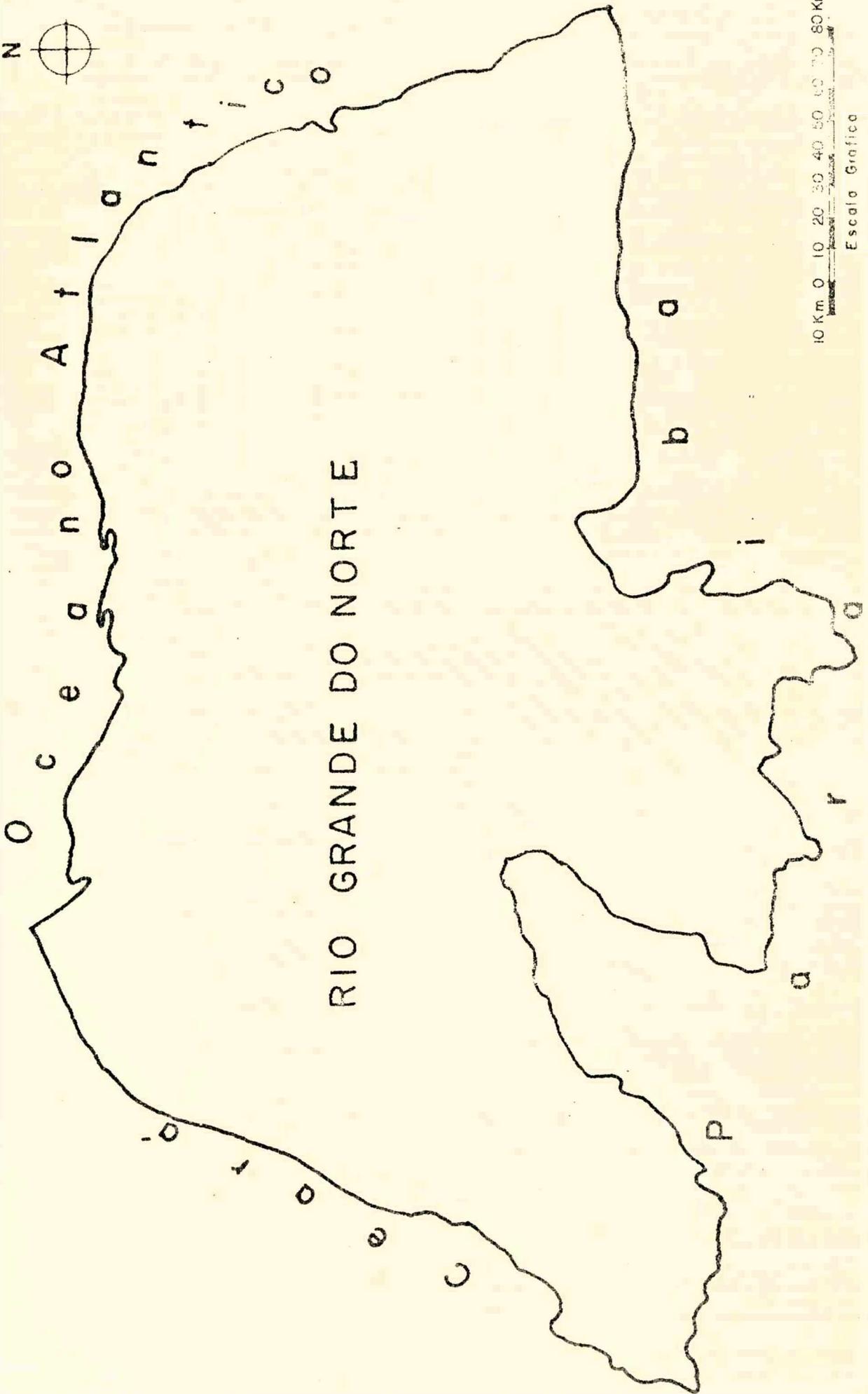
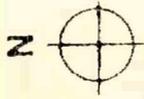
- a) o Tropical - na zona litorânea e agreste;
- b) o Semi-árido no sertão, enquanto na região serrana o clima é menos quente.

O Estado, como faz parte da região Nordeste, é



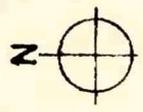
O ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE NO BRASIL

ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
LIMITES GEOGRAFICO



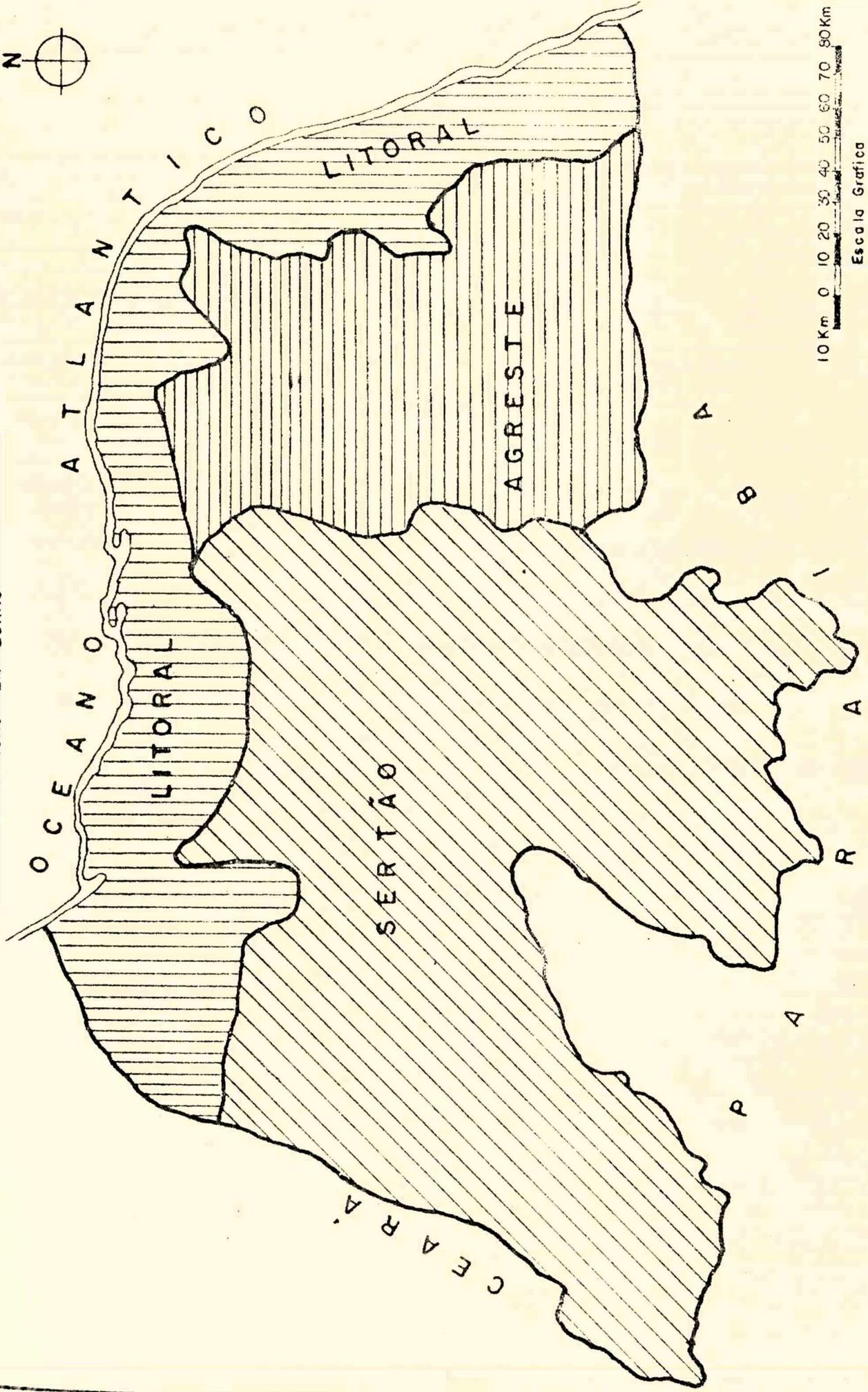
10 Km 0 10 20 30 40 50 60 70 80 Km

Escola Gráfica



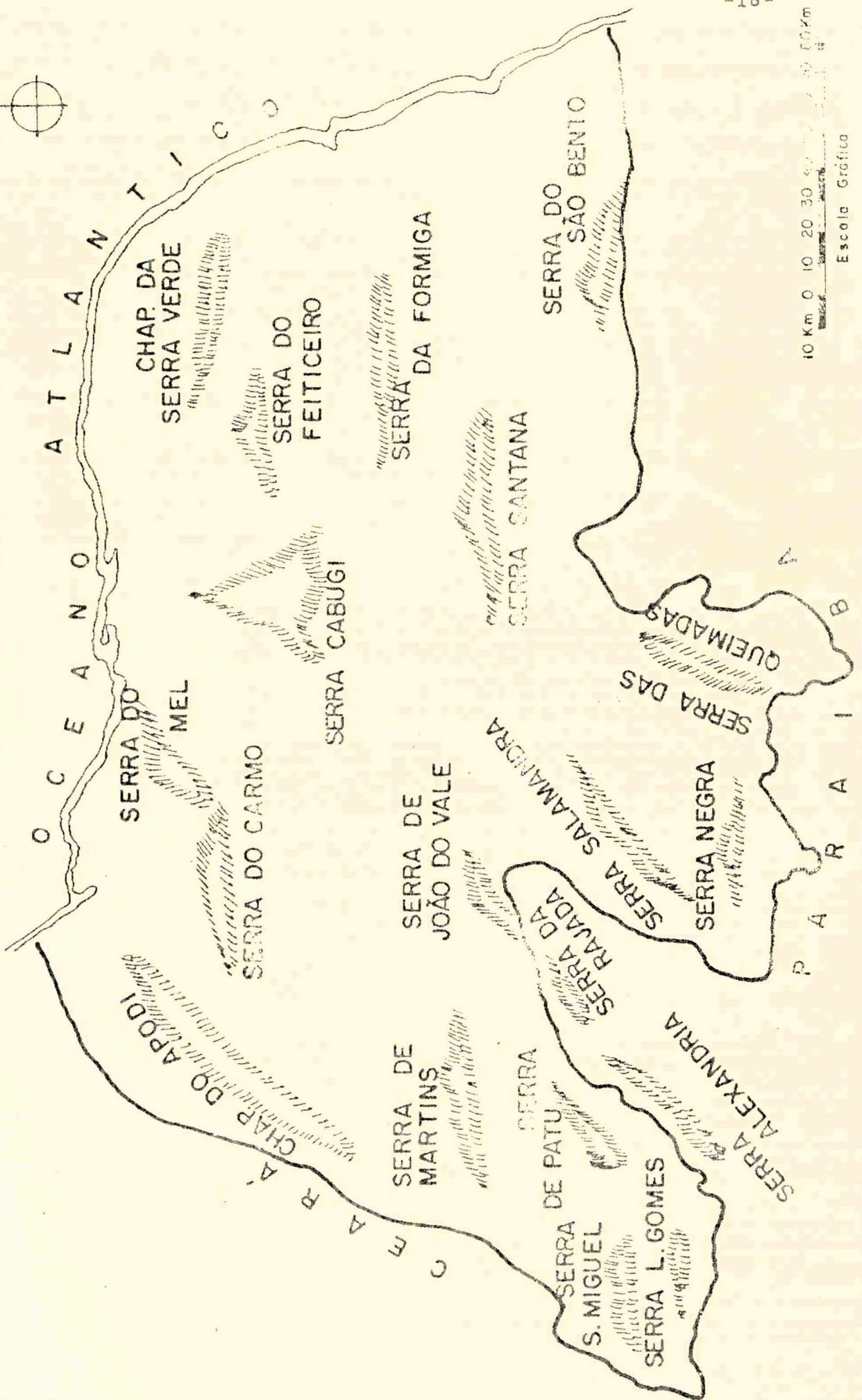
ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

DIVISÃO EM ZONAS

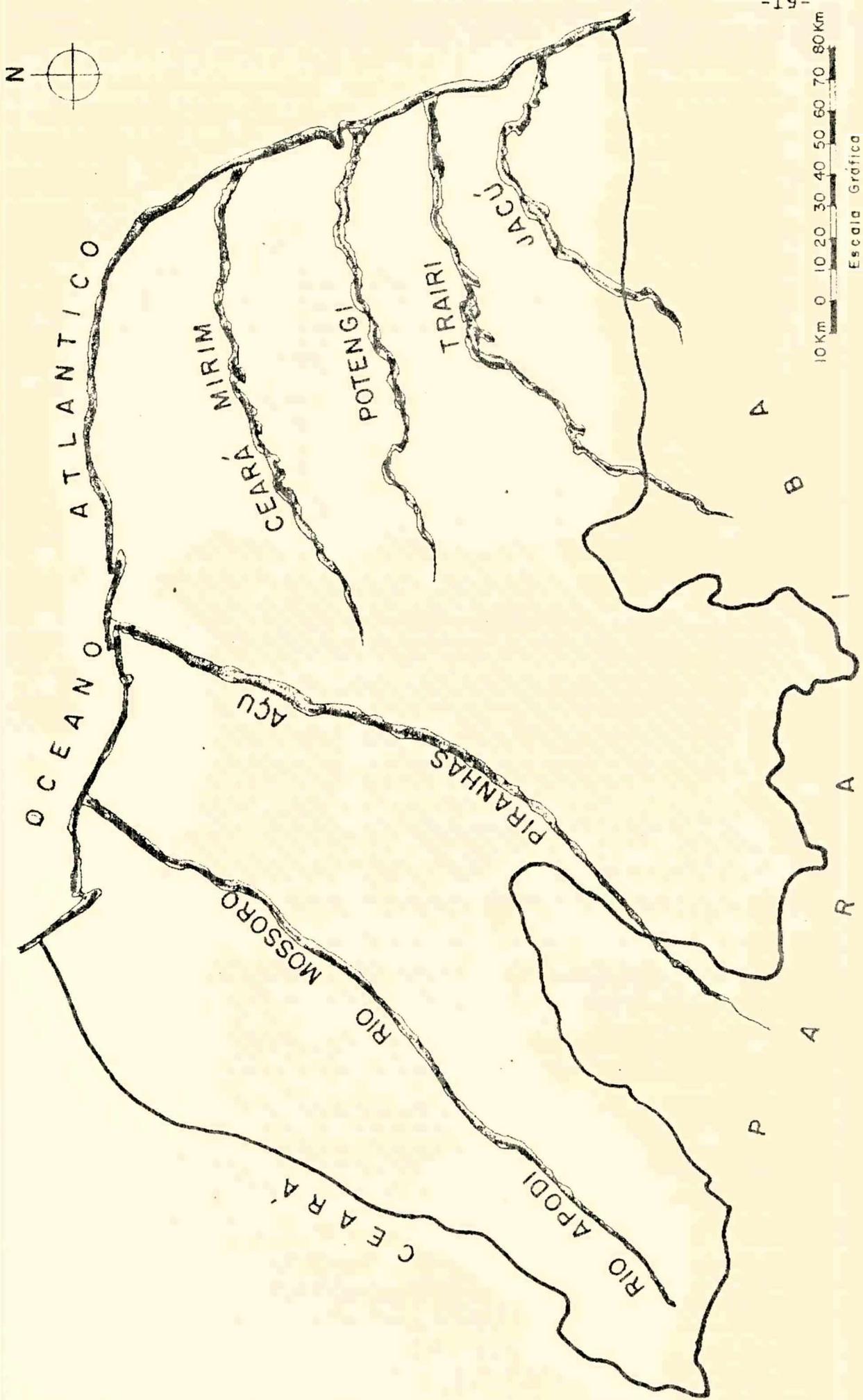


ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

RELEVO DO ESTADO



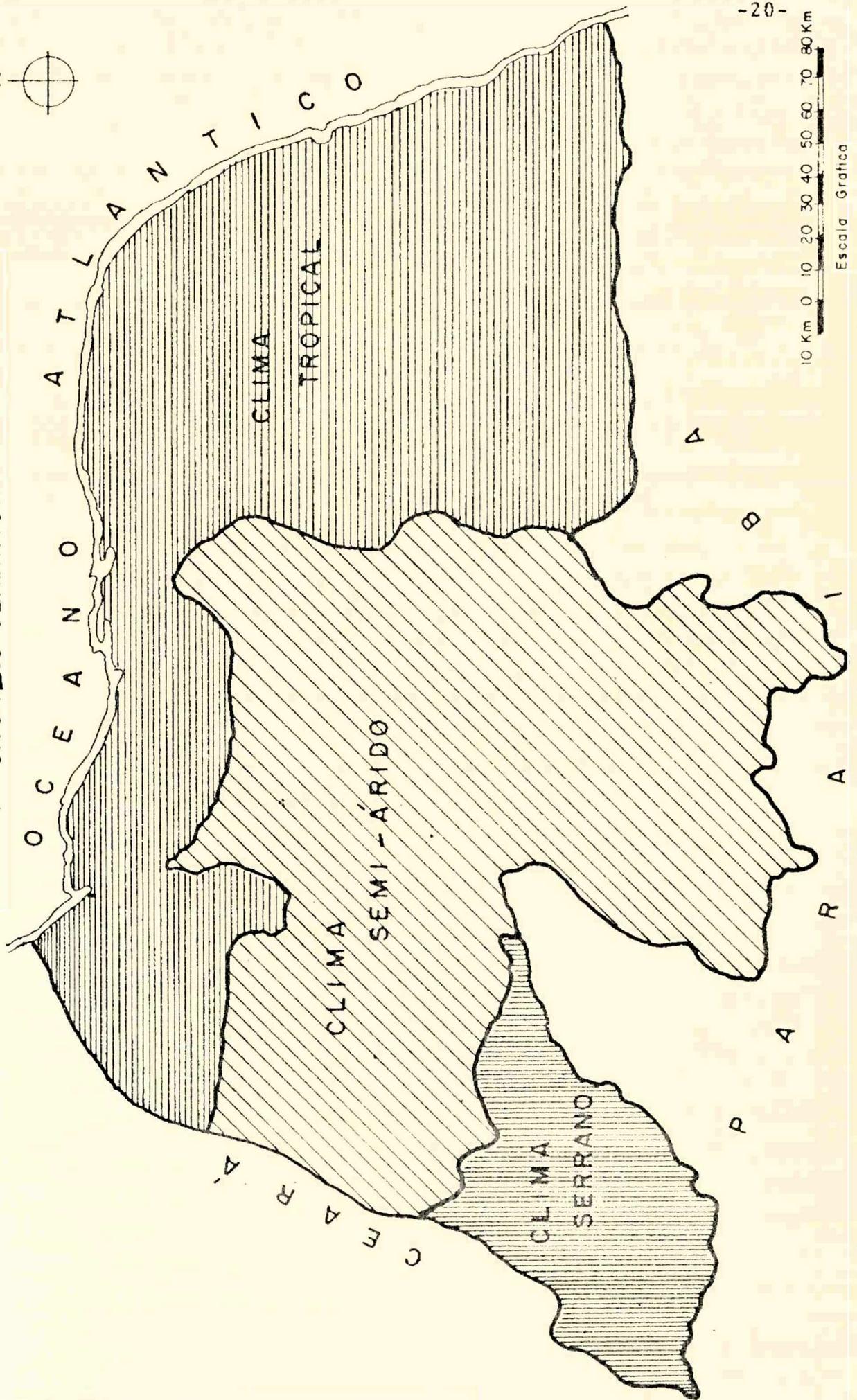
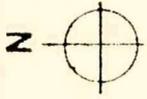
ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
PRINCIPAIS RIOS



Escala Gráfica

ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

SITUAÇÃO CLIMÁTICA



-20-

10 Km 0 10 20 30 40 50 60 70 80 Km

Escala Gráfica

sujeito a grandes variações no que diz respeito às chuvas. Ora, surgem grandes chuvas que provocam inundações, dando como conseqüência prejuízos, como nos invernos de 1970 e 1974; ora, é a seca, que devasta toda a plantação, acarretando ao homem do campo a miséria e a lástima.

Na zona do litoral grandes quedas d'água são registradas nos pluviômetros.

Em Natal, temos, praticamente, sol durante os 365 dias do ano, apesar dos índices variáveis de chuvas durante o ano todo. Daí o "slogan" "Natal cidade do Sol".

O Rio Grande do Norte vem crescendo assustadoramente. Já é bem viva a marca do progresso, com a implantação de indústrias, além de um comércio bastante movimentado. Os principais produtos de exportação para outros Estados são: o sal, o gesso, a xilita, o tungstênio e o berilo. Quando tratarmos das Micro-Regiões, falaremos das principais atividades econômicas do norte-riograndense por região.

As técnicas empregadas para o cultivo na lavoura ainda são precárias, sendo usadas as queimadas, utiliza-se a enxada e a foice. Contudo, os agricultores vêm sendo instruídos por órgãos competentes, como o EMATER (Empresa de Assistência Técnica e Extensão no Rio Grande do Norte), SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste), Secretaria de Agricultura, Cooperativas e Sindicatos, de como solucionar os problemas, orientando-os para um aproveitamento melhor da terra. O mesmo ocorre com a pesca, que é bem rudimentar, ainda se usa a rede e o arpão. O aproveitamento do pescado é ineficiente, por não se ter uma indústria pesqueira, apesar de o Governo Federal ter criado o SUDEPE (Superintendência do Desenvolvimento da Pesca).

Os serviços de água e esgotos do Estado estão a cargo da CAERN (Companhia de Água e Esgotos do Rio Grande do Norte), empresa sob controle do governo federal, integrado ao Plano Nacional de Saneamento - PLANASA - desde 1972. O Rio Grande do Norte teve implantados 43 novos sistemas que somados aos

existentes, representam, hoje, 82 cidades abastecidas.

O abastecimento d'água é feito através do uso de mananciais em superfície e, também, de águas de sub-solo, pela perfuração de poços tubulares.

A rede de esgoto atende a cidade de Natal numa extensão implantada de 90 quilômetros. Segundo informações do CAERN encontra-se planejada a implantação da rede em 264,6 quilômetros, bem como a implantação nos municípios de Mossoró (que já atingiu a fase final de construção), Caicó e Jardim do Seridó.

Os serviços de energia estão a cargo da COSERN (Companhia de Serviços Elétricos do Rio Grande do Norte) a qual é fonecida pela Companhia Hidro-elétrica de São Francisco - CHESF. São eletrificados todos os 150 municípios do Rio Grande do Norte.

No tocante à saúde, junto à Universidade Federal do Rio Grande do Norte, o governo tem se preocupado com a ampliação e com a modernização médico-hospitalar, de modo a propiciar à comunidade um melhor atendimento, bem como a cada polo de desenvolvimento que surge no Estado.

A interiorização da Universidade propiciou ao homem do campo melhor assistência médica, farmacêutica, odontológica e social, e a integração do estudante universitário à realidade regional.

O Estado conta com uma rede hospitalar no interior, bem como na capital, que mantém convênio com o INPS, fora as clínicas particulares (com credenciamento médico) dentro das diversas especialidades, uma maternidade-escola, um hospital-escola, um hospital infantil, bons laboratórios patológicos, químico-industrial, hematológico, o Banco de Sangue da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Postos de Saúde e Centros de Saúde.

O Rio Grande do Norte possui três portos: Natal, Areia Branca com seu porto Ilha e Macau. Natal é o centro

importador e exportador do Estado. No seu porto ancoram navios cargueiros, petroleiros e de passageiros, tanto nacionais como estrangeiros.

Possui um dos melhores aeroportos do Brasil, o Aeroporto Augusto Severo, onde operam, diariamente, aviões da VARIG, VASP, TRANSBRASIL, CAN (Correio Aéreo Nacional) para todos os Estados do país.

Sob o comando da Base Aérea de Natal funciona a Base do Inferno que é a Base de Lançamentos de Foguetes Espaciais. Esta Base foi fundada em 15 de novembro de 1965 e de lá já foram lançados mais de 1.700 foguetes de experiência, dos quais apenas 3 ou 4 não tiveram êxito. Portanto, o Rio Grande do Norte é o único Estado do Brasil que possui uma Base Espacial.

O Estado está dividido em dez Micro-Regiões homogêneas. No Litoral são três:

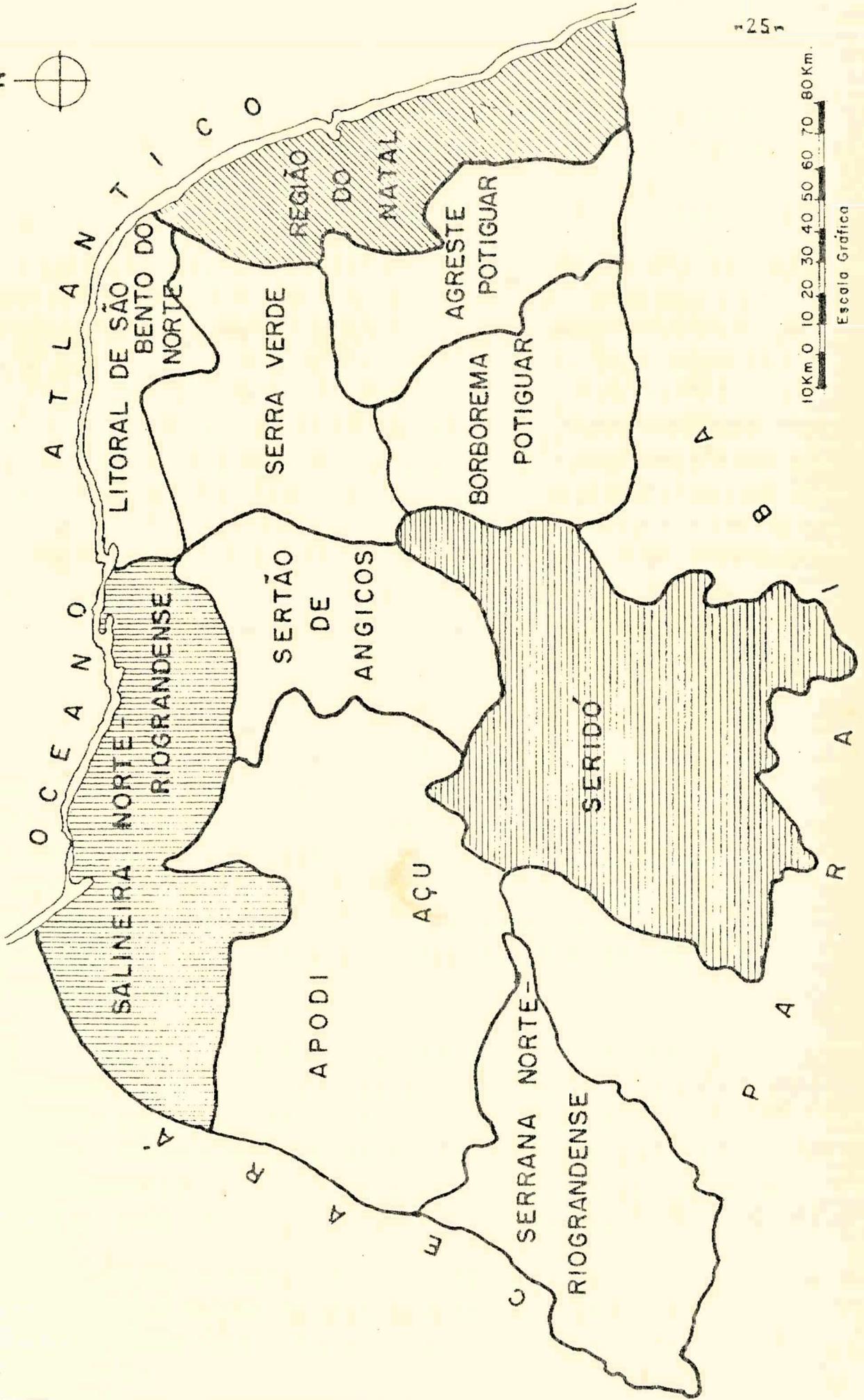
a) Micro-Região Salineira Norte-Riograndense (Vide Mapa) - Localiza-se no Litoral Setentrional e constitui a mais importante área de extração de sal do Brasil. A maior parte das salinas se concentra em Macau, sendo a única refinaria de sal existente no Nordeste. Areia Branca, Grossos e Mossoró, são também, produtores de sal, sendo Mossoró a cidade comercial do sal e a segunda cidade em população do Estado. No interior observa-se a presença de atividades agro-pastoris que é considerada em segundo plano. A pecuária é extensiva. Ocorre também o cultivo do algodão arbóreo, bem como a extração da cera de carnaúba nos vales dos rios.

No setor industrial destaca-se Mossoró, com as indústrias de cimento, têxteis, de calçados, de óleos e doces.

Macau, com a descoberta de petróleo, abre novas perspectivas na economia da Região.

b) Micro-Região do Litoral de São Bento do Norte (Vide Mapa). Está situada entre a costa oriental úmida e a se-

ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
DIVISÃO POR MICRO REGIÕES



1:250,000

10km 0 10 20 30 40 50 60 70 80km.

Escala Gráfica

tentrional semi-árida. A pesca é realizada em moldes primitivos no litoral, representando uma das atividades econômicas. No interior, aparecem os tabuleiros, de solos fracos onde são desenvolvidos o cultivo do algodão arbóreo e do agave. A horticultura e a fruticultura são desenvolvidas nos pequenos vales, de solos mais férteis e úmidos. Touros é o núcleo urbano mais populoso.

c) Micro-Região de Natal (Vide Mapa). Esta região é o prolongamento da setentrional da Zona da Mata Nordeste. A atividade econômica principal é a plantação da cana-de-açúcar nos pequenos vales que cortam a região. No setor industrial está se desenvolvendo, partindo para a formação do seu parque industrial. Natal é o maior centro urbano, é a capital do Estado. Sua densidade demográfica é de 117,70 habitantes por quilômetro quadrado (Censo de 1970).

As micro-regiões do Agreste são:

a) Micro-Região da Serra Verde (Vide Mapa) - corresponde à parte da depressão periférica de solos rasos onde as culturas de algodão arbóreo e agave representam as lavouras comerciais. Nas áreas de caatinga aparecem a cultura de subsistência, bem como o gado bovino destinado ao corte. O Município de João Câmara é o que apresenta a maior população urbana neste Micro-Região, caracterizando-se como pequeno centro de serviços.

b) Micro-Região do Agreste Potiguar (Vide Mapa) - está situada entre o litoral e as encostas da Borborema. Os principais produtos comerciais são: o algodão herbáceo e a mandioca. Destaca-se a pecuária leiteira e a acentuada evolução da agricultura. Nova Cruz é o seu centro urbano mais importante, está localizada no extremo sul da região.

c) Micro-Região da Borborema Potiguar (Vide Mapa) - corresponde à região do alto da Borborema, sendo sua principal cidade Santa Cruz. O algodão arbóreo é a lavoura mais

importante, como também a do agave que tem papel de destaque. A pecuária é voltada para o corte, desenvolvendo-se em grandes propriedades, destacando-se o plantio de forrageiras, especialmente a palma.

O Sertão corresponde à maior extensão do Estado e abrange quatro Micro-Regiões:

a) Micro-Região do Açu e Apodi (Vide Mapa) - é caracterizada, em grande parte, por terrenos sedimentares da Chapada do Apodi. A principal atividade econômica é a pecuária extensiva de corte e, em alguns municípios, aparece o gado leiteiro. Os carnaubais e a oiticica ficam ao longo dos vales fluviais, constituindo a extração da cera de carnaúba a mais importante atividade econômica da região, sendo exportada para Fortaleza. A principal cidade é Açu e está localizada num entroncamento rodoviário, tornando-se centro coletor e distribuidor da área.

b) Micro-Região do Sertão de Angicos (Vide Mapa)-localiza-se na parte central do Estado. Está dividida em duas áreas distintas. A parte setentrional, de terrenos arenosos da Chapada do Apodi, onde predomina o clima semi-árido, tem economia baseada nas lavouras comerciais do algodão arbóreo, e a da mamona. Nas áreas de caatinga, ao sul, desenvolve-se uma pecuária extensiva, destacando-se o gado bovino de corte. Em Santana de Matos, as culturas são mais diversificadas devido aos contrafortes da Serra de Santana. Angicos é o município de maior população urbana e centro de comercialização local, com beneficiamento da produção de algodão. No Censo de 1970, esta foi a Micro-Região que apresentou a menor densidade demográfica do Estado: 12,21 habitantes por quilômetro quadrado.

c) Micro-Região Serrana Norte-Riograndense (Vide Mapa). Está localizada no sudoeste do Estado. Esta região, de relevo acidentado, com chuvas mais abundantes e solos mais profundos, permite um desenvolvimento maior da criação de bovinos como uma agricultura melhor. Destacando-se, ainda, o

algodão arbóreo, que é enviado para Mossoró, Caicó e para alguns municípios da Paraíba. A pecuária é atividade secundária, predominando a criação extensiva de bovinos para corte e produção de leite. É região com decréscimo de população rural e fraco crescimento de população urbana, sendo Pau dos Ferros a principal cidade.

d) Micro-Região do Seridó (Vide Mapa) - localizada na parte meridional do Estado, no reverso da Borborema, com baixa precipitação pluviométrica. Sua principal cultura comercial é o algodão mocó, que é o melhor do mundo, destinando-se, especialmente, para São Paulo e Rio de Janeiro. Destacam-se, ainda, a pecuária bovina de corte, tendo como pasto natural a caatinga e a indústria extrativa mineral, especialmente de xilita, do tungstênio e do berilo. O principal centro urbano da região é o Município de Caicó, e o segundo, Currais Novos, onde se desenvolve a exploração da xilita.

1.4. Condições gerais de Saúde

O atendimento médico-hospitalar é escasso e mal distribuído, de acordo com as recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS). Há um médico para cada 1.000 habitantes, um dentista para cada 5.000 habitantes e um leito hospitalar, para cada 200 habitantes. O Rio Grande do Norte possui um déficit de dentistas de 80 por cento. Esses profissionais estão concentrados em Natal. O déficit de médicos é de 73 por cento e o de leitos hospitalares de 56 por cento, provocando, com isso, um déficit muito grande em todas as regiões estaduais, pois na capital registra-se um índice mais alto do que a média estadual.

Camadas zonais, renda média per capita (563,20 em 1979), cor, religiões, escolaridade, atendimento hospitalar, são problemas que devem ser cuidadosamente estudados em procura de uma forma de melhorá-los.

Há grande incidência de doenças infecciosas e parasitárias, como enterites e outras doenças diarréicas, além da

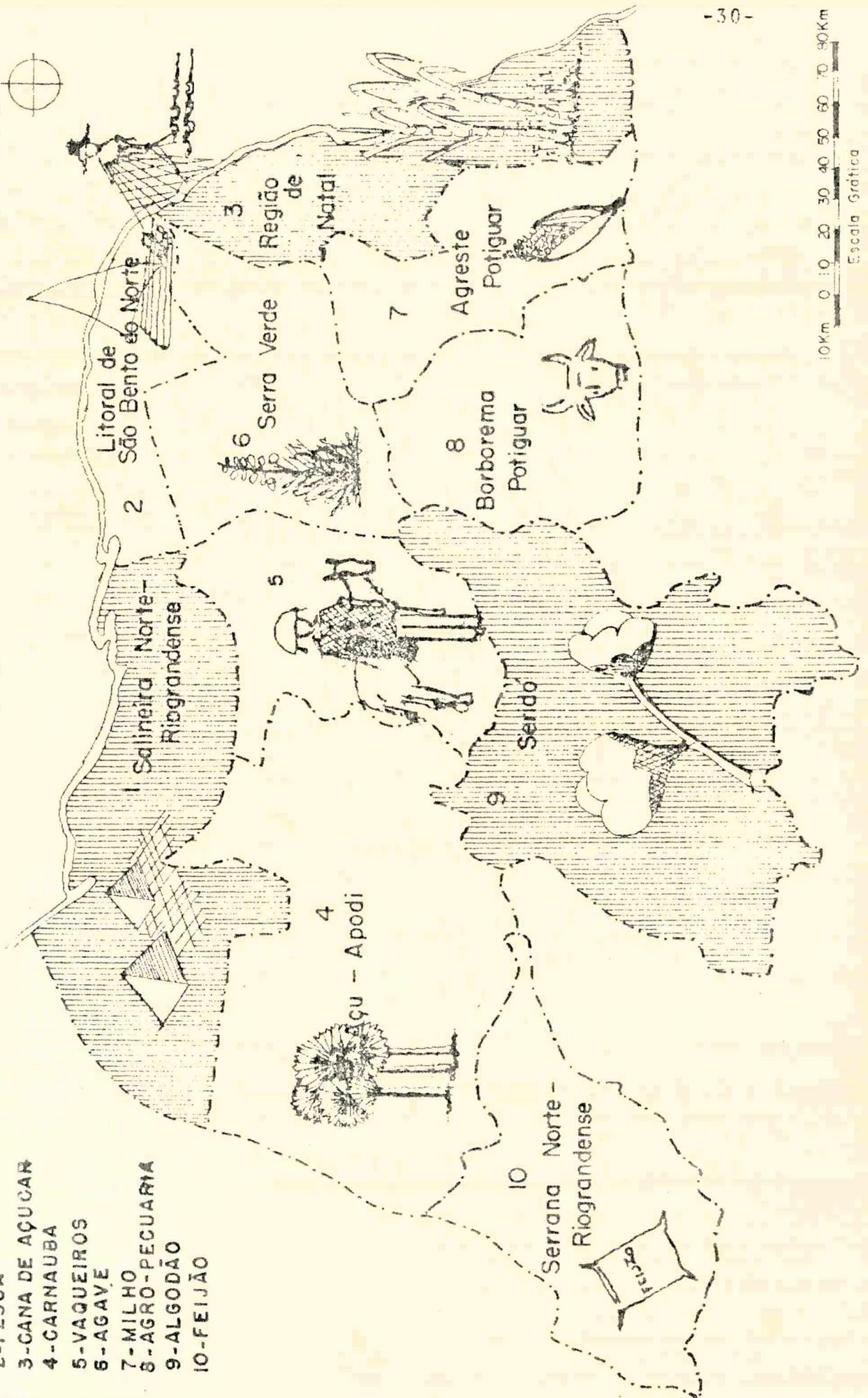
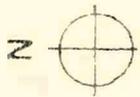
tuberculose, do sarampo, da meningite (sendo a taxa de 30 - 35 por 100.000 habitantes), pneumonia (taxa de 153 por 100.000 habitantes em 1973), indicam as precárias condições higiênicas no que se refere ao município de Natal. Isto provocado por carência nos sistemas estaduais de abastecimento de águas, que já vem poluídas na maioria das vezes. Dois por cento das residências são ligadas à rede geral e apenas 7 por cento servidas por fossa asséptica. (2)

(2) Todos estes dados foram coletados no decorrer da pesquisa.

ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

MICRO REGIÕES HOMOGÊNEAS

- 1 - SAL
- 2 - PESCA
- 3 - CANA DE AÇÚCAR
- 4 - CARNAUBA
- 5 - VAQUEIROS
- 6 - AGAVE
- 7 - MILHO
- 8 - AGRO-PECUARIA
- 9 - ALGODÃO
- 10 - FEIJÃO



2. AS FAZENDAS E AS CIDADES: EVOLUÇÕES

O processo de povoamento do Rio Grande do Norte se deu por duas correntes migratórias. A primeira vinda do

"Rio São Francisco através da Borborema, derramando-se pelo Seridó, a outra vinda do Ceará, através da Chamada do Apodi, espraiando-se pelo Sertão do Oeste da Capitania" (1).

O primeiro colonizador do Estado foi, sem dúvida, o posseiro,

"fundando os primeiros currais, as primeiras casas, fazendo os primeiros cercados, plantando as primeiras roças, constituindo os primeiros engenhos de açúcar, fabricando as primeiras rapaduras, destilando aguardente nos velhos alambiques de barro, asentando afinal os primeiros fundamentos da nossa economia agrária..." (2).

Desse processo de povoamento resultou a evolução das fazendas. O seu ampliamto, ou melhor, construções de igrejas, das primeiras casas de moradores, a casa grande, o engenho são as determinantes dos primeiros arruados, povoações, vilas e, consequentemente, as cidades.

2.1. Herança lingüística

Quase toda a toponímia do Rio Grande do Norte é oriunda do tupi, vez que, ao ser descoberto tinha como seus primeiros habitantes à beira mar, os Potiguares e Tobayaras, que eram tupis, para o sertão, os Cariris, considerados tapuias. Nomes que sobreviveram até nossos dias, como Assú, Apodi, Acari, Guamarã, Jucurutu, Maxaranguape, Mossoró, Parau, Upanama e Taipu.

(1) CASCUDO, Luís da Câmara - Nomes da Terra - História, Geografia e Toponímia do Rio Grande do Norte. Natal, Fundação José Augusto, 1968, Coleção Cultura - Prefácio.

(2) Idem, ibidem.

Da reminiscência portuguesa que conseguiram sobreviver através dos séculos, nomes, como Extremoz, Macau e Arez, além de outros, dada a incursão dos povos no Estado que marca a presença francesa, como Refoles ou Riffault (até hoje não se sabe a grafia correta) onde os navios franceses ficavam ancorados (hoje Base Naval de Natal), inscrições, monumentos, nomes de ruas, estátuas (fabricadas na Fundação do Val d'Osne) e nomes como Mirabeau, Lavoisier, La Fayette e Diderot. Do alemão, a Serra do Alemão em Assu e Baldun. A presença holandesa no Rio Grande do Norte se deu com a invasão, em 12 de dezembro de 1633, quando foi tomado o Forte dos Reis Magos e lhe foi dado o nome de Castelo de Ceulen e Natal passou a se chamar de Nova Amsterdã. Passados 21 anos, os holandeses foram expulsos. Nada de construtivo deixaram, muito pelo contrário, sua presença foi marcada de atrocidades e morticínios, ocasionando muito derramamento de lágrimas. Hoje, fala-se, mas não se sabe aonde, da existência de subterrâneos flamengos, restos de fortificações, cemitérios de holandeses. A única palavra que sobreviveu foi a de brote (de hart broot - pão duro).

A presença americana em Natal se deu durante a Segunda Guerra Mundial, além de aviadores italianos, franceses e alemães, estes heróis da aviação mundial. Pessoas famosas como Ítalo Balbo, Jean Mermoz, Charles Augusto Lindenberg e sua esposa, Artur Ferrarin e Carlo Del Prete e outras, passaram por Natal. O marco da presença italiana em Natal é a Coluna Capitolina do Capitólio Romano, doada em 8 de janeiro de 1931 por Benito Mussolini a Natal em virtude do acolhimento dado ao general Ítalo Barbo, então ministro da Aeronáutica Italiana, ao realizar o seu "raid" Roma-Natal em 5 de julho de 1928.

2.2. As populações e a distribuição

A presença negra no Rio Grande do Norte, foi mais frequente nas fazendas, senzalas e nos engenhos de açúcar em Ceará - Mirim, São José da Mipibu, Goianinha e Canguaretama.

Existe, ainda, um pequeno número. Como explica Câmara Cascudo (3):

"Uma surpresa no sertão é o quase desaparecimento do Negro. Raros os negros-fulos e ainda mais o retinto. Esta, não os vi nos 1.207 quilômetros viajados. Assimilado nos cruzamentos, o Negro não viverá dois decênios em massa que mereça saliência. Regiões inteiras corremos sem um herdeiro dos velhos trabalhadores escravos".

"A lenda da 'mestiçagem nordestina' está pedindo uma verificação para desmentido completo. Nós tivemos sempre uma percentagem negra inferior aos outros elementos étnicos. Em 1890, por exemplo, tínhamos os 44,12 de brancos para 8,93 de negros. É expressivo. A proporção do mestiço era grande, 37,51, mas denunciava a absorção do melancodermo. Mas se vê a preponderância à branca e esta decidirá o pigmento do produto"

"... Mas, para nós do Rio Grande do Norte, ainda há outra explicação histórica. Nunca tivemos vasta escravaria. Em setembro de 1848 um nosso deputado geral, Cassimiro José de Moraes Sarmiento, afirmava na Câmara 'que no Rio Grande do Norte há poucos, e quase toda a agricultura é feita por braços livres'. Cita casos em que senhores de engenho empregam 5 a 6 escravos para 40 e 50 trabalhadores Livres. Mas esses trabalhadores já eram mestiços".

"Posteriormente, na época das altas do açúcar, o escravo cresceu entre nós. Mas não se fixou no sertão. Ficou nos vales açucareiros, Goianinha, Canguaratama, Mipibu e Ceará-Mirim. Mesmo assim o nível não era demasiado escuro. O açúcar obrigava a multiplicação dos braços. Em 1854 exportávamos 80.749 arrobas. Em 1859, com 156 engenhos funcionando, pulávamos para 350 mil. Um salto de 200.000 arrobas em cinco anos. Ainda assim a escravaria não acompanhava o vôo ascendente. Em 1855 ia a vinte mil, duzentos e quarenta e quatro. Quinze anos depois chegava apenas a 24.425 em toda província. O aumento de 4.182 negros, em três lustros, mostra o pouco valor comercial das 'peças de Ébano'. Justamente nesse tempo abre-se a Guerra de Secessão norte-americana e ao algodão recebe o cetro que pertencia ao açúcar. Em 1860 valia a arroba de algodão

(3) CASCUDO, Luís da Câmara - Viajando o Sertão. Segunda edição. Natal, Gráfica Manibu, 1975, pp. 20 a 23.

15\$ e, seis anos depois, trazíamos uma safra de 140.000 arrobas".

Continua

"... A explicação maior da ausência de negros nas terras sertanejas, ausência ou carência, é o fato de o sertão manter a tradição da gadaria, a criação dos currais de gado, origem de sua força, destreza e agilidade. A fazenda sempre foi fixadora de povoação e muitas cidades surgiram dos antigos 'limpos' onde estadeava a casa grande do fazendeiro. Currais Novos, Caicó, Luiz Gomes, Angicos, Lages, Acari foram fazendas-de-criar. É o maior contingente para o povoamento do 'hinterland' potiguar. O negro não era tão preciso num cavalo quanto era dentro de um canavial ou apanhando a baga de café nas terras roxas". "... O elemento negro só se destacava por sua insignificância" (4).

Na região do Seridó, em Caicó, Jardim do Seridó e Parelhas, existe um grupo endogâmico (os pretos do Rosário) que mantêm a tradição de seus antecedentes, culto das Irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Há a coroação dos reis e rainhas negros, se vestem de azul e branco e dançam ao som de pífaros ("pifas" como chamam). Tal fenômeno chega a contrastar com a descendência portuguesa marcante no seridoense que é alto, de pele branca, cabelos louros e olhos claros. Este, talvez, tenha sido o motivo do isolamento do grupo negróide.

O Rio Grande do Norte não recebeu um número elevado de imigrantes. A maior colônia existente é a descendência sírio-libanesa que, por muito tempo monopolizou o comércio natalense. Imigrantes europeus como italianos, alemães e franceses são raros, mas existem. Duas colônias japonesas tentaram se fixar em Pium e Puraú, como lavradores em 1960, mas foram embora. Restaram apenas um ou outro japonês que resolveu se fixar na região.

(4) CASCUDO, Luís da Câmara - Viajando o Sertão, op. cit., pp. 22 e 23.

Atualmente existe um bom número de coreanos, japoneses e chineses no comércio natalense.

Dados demográfico

"Os dados estatísticos ora apresentandos, que servem para inferir conclusões da miscigenação no Estado, foram retirados das fontes históricas abalizadas e dos Anuários do IBGE, tendo-se em vista as populações presentes nos anos dos recenseamentos".

Assim, em 1819, o Rio Grande do Norte tinha 61,812 pessoas livres e 9.109 escravas, num total de 70.921 almas, sendo a percentagem de escravos (ou negros) de 12,8 por cento, conforme o censo do Conselheiro Veloso de Oliveira, transcrito por Pandiã Calógeras que faz o seguinte comentário:

"Por este quadro se verifica que a porcentagem negra atingirá ao máximo no Maranhão, com 66,6% da população, composta de escravos das fazendas de algodão; a 42,5% em Goiás, na mineração aurífera; a 38,6%, em Mato Grosso; a 39,39% em Alagoas. Os mínimos achavam-se no Rio Grande do Norte, 12,8%, no Paraná, 17,2% e na Paraíba, 17,4%. As medidas das demais províncias oscilavam de 20,3% no Piauí a 32,6% em São Paulo.

A partir de então, o Rio Grande do Norte, em relação ao total da população, conservaria sempre o menor índice de negros em sua etnia.

Em 1855, o Estado apresentava: 10.240 escravos, dos quais 6.016 eram negros e 4.224 eram pardos. Livres: negros 6.247 - pardos 36.109. Elementos na etnia, igual a 12.236 negros e 40.333 pardos.

Em 1844, numa população de 149.072 foram consignadas 23.467 pessoas escravas, certamente incluídos negros e pardos. Da mesma maneira o censo de 1855 - 20.244 escravos; e de 1870, 24.236 escravos.

Tão somente nos recenseamentos oficiais de 1872 e 1890, que encerraram o século XIX, são indiscutíveis os números representativos dos índices demográficos verdadeiros do Brasil" (5).

(5) MEDEIROS, Tarcísio - Aspectos geopolíticos e antropológicos da história do Rio Grande do Norte. Natal, Imprensa Universitária, fevereiro de 1973, p. 77.

2. 3. Características da Linguagem Oral

No aspecto lingüístico, o sertanejo tem um tipo de expressão todo pessoal, que é bem característico do homem do campo. Em seu trabalho Câmara Cascudo ⁽⁶⁾ mostra que o

"sertanejo não fala errado..." "o sertanejo usa, em proporção séria, o português do século XVI, da era do descobrimento".

O progresso fez com que o sertanejo, através de rodovias, jornais, escolas, visitas melhorasse um pouco o seu português. E mais adiante explica:

"Camões não usava estou (penso), ventura (sorte), home (no sentido pronominal indefinido), cidade, de^sgardecido (desagradecido), craro (claro), dix^e(di^sse), elevantar (levantar), arreceo, próprio (próprio), treição (traição)?".

Quando um sertanejo diz "filosomia", em vez de "fisionomia", nós achamos uma graça imensa. Luiz de Camões, o clássico das nossas antologias, dá um exemplo("Filedemo", v. 1049):

"Que era dalta geração"
"Logo na filosomia"...

Relação de alguns termos significativos de males expresso pelo folclore

Arripunança - Nojo
Aflorando - estar com pouca menstruação
Aterror o-dente - restaurar
Amoigando - fazer a sindesmotomia de um dente
Amarelão - hepatite
Algua - água
Atanazar - perturbar
Amulherado, F.F. (fresquinho, fresquinho), desmunhecado, fren fren, bicha goiaba, parece que é - homossexual.

(6) CASCUDO, Luís da Câmara - Viajando o Sertão, op. cit., pp. 43 e 44.

A dona do corpo do lado de fora - prolápsio uterino
Bucho fôfo - aerofagia
Bexiga - varíola
Blenorragia - hemorragia
Ceveriano - cesariana
Chapa - dentadura
Caganeira - diarreia
Caco - pedaço de dente ou dente cariado
Carimbada - prostituta ou quando se perde a virgindade
Coceirinha na boca do cú - ascaridíase
Dente de leite - descíduo
Dor de veado - gases
Difúcio - coriza
Desarranjo - desintéria
Derréia - desintéria
Dor nas cruces - dor nas costas
Dente quero - terceiro molar
Dor na pá até o regeito - dor na omoplata até o fe-
mur
Difruço - gripe nova
Dordoi - conjuntivite
Dor na boca do estômago - dor no estômago
Distração, distrair, estração, arrancar, extrair -
exodontia
Dor nas arcas - tórax
Escayar - restaurar
Ela é de lua - adoidada, doente mental
Espinha dorsal - coluna
Farnezim na natureza - distonia, dor de cabeça ,
ou mal estar
Fraco da natureza - doente mental
Flores branca - corrimento
Gastura - dor de estômago, azia
Galo - hematoma
Loção - noção das coisas
Mensalidade - mentalidade
Maria preta - furunculose
Machução - trauma
Macacôa - espécie de angústia
Morôia - hemorróidas
Morão - canino (dente)
Mole e duro - doença venérea
Nas partes de baixo - órgão sexual masculino ou
feminino
Natureza - cabeça
Nanete - vagina
Osso do mucumbú - côccix
Osso do gostoso - tornozelo
Pancada - sangramento vaginal, muita menstruação
Presá - dente canino
Panariço - osteomielite
Pegou de ontem prá cá - começou a inchar de ontem
Pipoca roxa - furunculose
Perseguida - vagina
Porteira - quando faltam os quatro dentes da fren-
te

Puchado - asma
Pã - omoplata
Papeira - caxumba
Provocar - vomitar
Passamento - desmaio ou síncope
Quando se vai fazer a exodontia em dente de leite, os pais mandam as crianças repetirem:

"Mourão, mourão
toma seu dente podre
E me dá um são

Quebra perna - fratura
Sujaneira - diarréia
Ramo de dor - enxaqueca
Tem vez que vem e tem vez que não vem - menstrua
ção atrasada
Tabaco - vagina
Tosse brava - coqueluche
Vesgo - estrabismo
Varicela - sarampo
Verter água - urinar
Xibiu - vagina.

3. A VEGETAÇÃO DO RIO GRANDE DO NORTE

A vegetação primitiva do Estado é a Mata Atlântica. Mas, o progresso foi, aos poucos, exterminando-a para dar lugar às cidades e aos canaviais. A cultura da cana-de-açúcar foi abundante no passado no Vale do Ceará-Mirim. Como expressa Nestor Lima (1):

"O rio Ceará-Mirim tem fertilidade semelhante à do Nilo, tinha outrora, cinquenta engenhos de moer cana, movidos a vapor e a animais. Alguns, como São Francisco, "Ilha Bella" e "Guanabara" transformaram-se em Uzina de açúcar branco, ou cristal..."

"Os nossos vegetais existindo ou melhor, resistindo ao tempo e à agressão humana ainda pode-se encontrar algumas espécies: o pau d'arco, cumaru de propriedades medicinais, Maçaranduba, Sucupira, Peroba, Sapucaia e pau-brasil são usados na fabricação de móveis e nas construções. A carnaúba é encontrada principalmente nos vales do Açu, Mossoró e Upanema. A carnaúba é a planta que se aproveita tudo. A madeira para a construção, da palha, se extrai a cera e serve para cobrir casas, fazer bolsas, esteiras, quando é nova o seu tronco é mole, ralado se faz uma bebida deliciosa, a fruta é saborosa, a raiz é medicinal, o talo tem várias utilidades, o caroço, quando verde serve de alimento para o gado, principalmente o suíno. O tecido protetor do olho da carnaúba serve de bucha para as espingardas de chumbo. Em síntese, 'da carnaúba tudo se aproveita, nada se perde'" (2).

Não é em vão que é chamada "Árvore Providência" ou "Árvore da Vida". Daí a razão da carnaúba ou carnabeira ter sido escolhida para representar o reino vegetal do Estado. Porque o Rio Grande do Norte é o maior produtor da carnaúba, um total de 33 por cento, seguido do Ceará, do Piauí e do Maranhão.

(1) LIMA, Nestor - Municípios do Rio Grande do Norte. vol. 1
Natal, ABC Typ. "Santo Antonio", 1937, pp. 350 e 360.

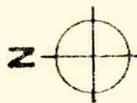
(2) Idem, pp. 165-166.

Pode-se encontrar, também, nos vales do Açu, o J zeiro que é um vegetal medicinal. A raspa da casca se coloca na água, espuma bastante, serve para lavar e combater a queda dos cabelos, como também é usada para escovar os dentes, deixando-os limpos e brancos. Além destes, a Quixabeira que também é medicinal, a Oiticica e a Amuntambeira.

Já no sertão há predominância da caatinga, onde encontramos o xique-xique, palmatória que resiste às secas e serve de alimento para o gado. Também encontramos a Jurema, o pau-branco, a macambira, o pereiro e a umburana. Quase todos os vegetais do Estado têm propriedades medicinais.



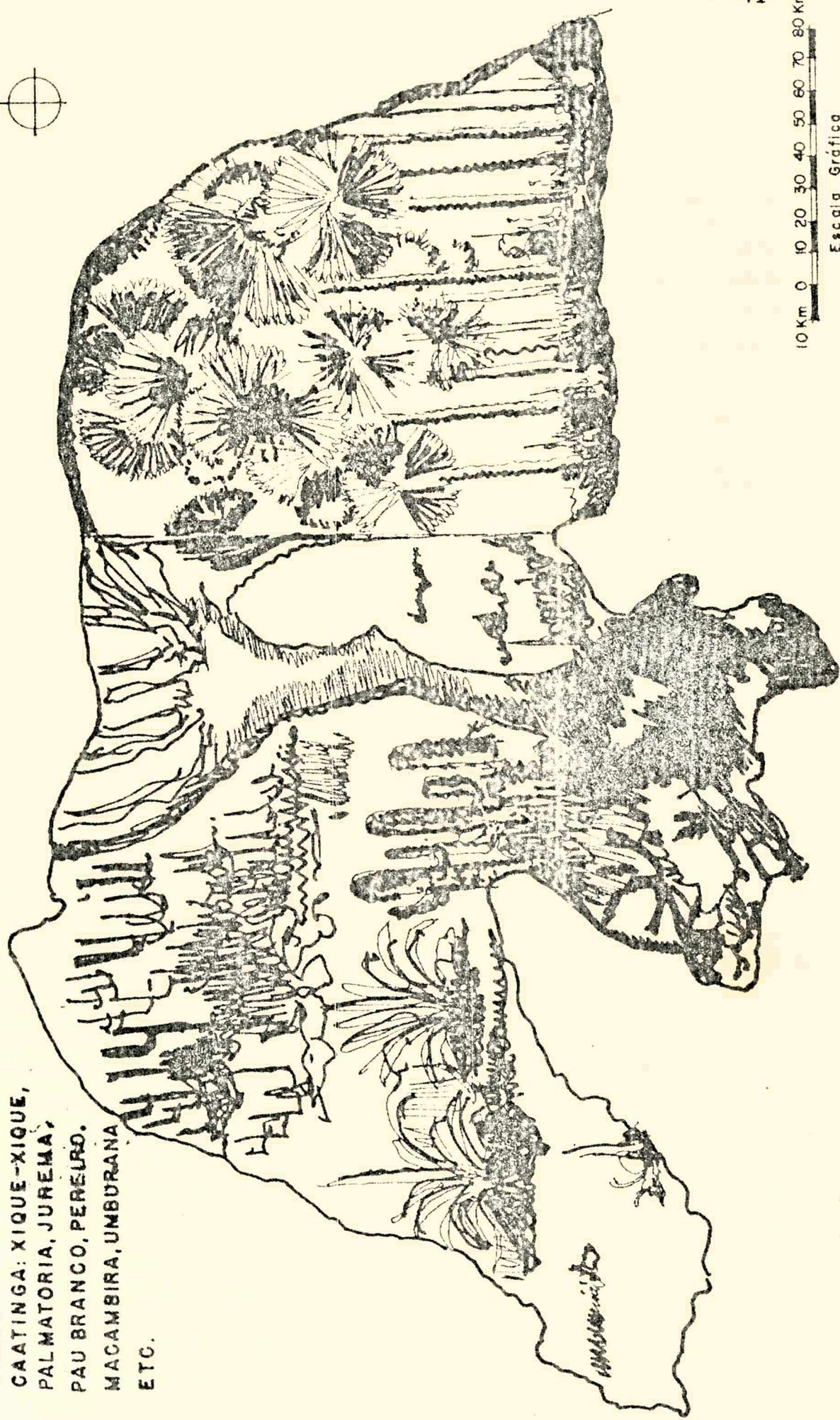
Escala Gráfica



ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

VEGETAÇÃO

- CARNAUBA
- AGAVE
- CAATINGA: XIQUE-XIQUE,
- PALMATORIA, JUREMA,
- PAU BRANCO, PEREIRO.
- MACAMBIRA, UMBURANA
- ETC.



4. A REGIÃO GEOGRÁFICA COMO CONDICIONADORA DE COMPORTAMENTOS

4.1. Como o homem domina a vegetação

O Rio Grande do Norte, fazendo parte da região nordestina e do polígono das secas, tem como entrave para o seu desenvolvimento as grandes estiagens, o excesso das chuvas e o seu clima semi-árido. O potiguar tem uma vida marcada de sacrifício e muita luta para combater as estiagens e as enchentes que lhe trazem como legado a fome, a miséria e, muitas vezes, provoca o êxodo rural que poderá desestruturar a família. Mas, para combater tais fenômenos naturais e geofísicos, usa a força, a coragem e a fé, enquanto tal para dominar o meio em que vive, vez que, os recursos básicos são limitados, sendo, portanto, impossível suplantar esses problemas por si sô, os quais se tornam uma constante no seu dia a dia, provocando desgaste sócio-econômico, diminuição demográfica, retardamento do seu desenvolvimento.

O Rio Grande do Norte tem duas estações: o inverno e o verão. As chuvas de verão são imprescindíveis para o equilíbrio vital da comunidade, na zona litorânea, se torna área de lazer, para o interior, uma lâstima.

Apesar da tecnologia avançada existente, ainda se usa a foice, a enxada e a queimada no cultivo das lavouras, às vezes o arado e, quando muito, o trator. Isto não ocorre nas fazendas de grande porte ou quando têm convênio com a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE). Mas, com o pequeno agricultor, apesar destes serem instruídos pelos órgãos competentes, como Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Norte (EMATER-RN), SUDENE, Secretaria da Agricultura, Cooperativas e Sindicatos, de como solucionar os problemas, orientando-os para um aproveitamento melhor da terra.

O pequeno agricultor luta com a coragem e amor à terra, chegando a dizer:

"A vida pra mim é a agricultura, sem ela, o que é a vida.

E continua

"A seca é o terror do sertanejo. É triste a gente olhar a terra da gente seca, esturricada, o gado magro, sem pastagem, sem água para beber, é de verter água nos zóio dona, quando se escuita o gado mogindo no currá e vendo esticando a perna e morrer de sede e fome".

E completa

"Quando começam a cair as primeiras chuvas, dona, nós ficamos todos esperançosos, oiando os campo verde, os horizonte cinzento e isso é prenúncio de fartura e de boa colheita, os açúdes e as barragens sangrando. A agricultura é a vida, dona, é a alegria do homem do campo" (1).

Explicando o que causa a seca no Nordeste, Tarcísio Meideiros cita Euclides da Cunha que diz:

"Como quer que seja, o penoso regime dos Estados do Norte está em função de agentes desordenados e fugitivos, sujeitos às perturbações locais, derivadas da natureza da terra, e a reações mais amplas, promonadas das posições geográficas" (2).

Nossas pesquisas nos mostraram que existem inúmeras tentativas de sanar os problemas da seca do Nordeste. Entre elas destacamos o "Programa de Irrigação do Nordeste Semi-Árido", que está a cargo do DNOCS⁽³⁾ e tem como fator básico a valorização econômica do trabalhador agrícola do Nordeste e, conseqüentemente, a integração do Homem em comunidades produtivas formadas por famílias irrigantes. E neste caso é preciso citar o Serviço Social

(1) Respostas de um entrevistado na feira-livre de Mossoró, quando realizávamos pesquisa de campo. Questionário utilizado: "PESQUISA ORAL", onde a pergunta básica era "O que é a vida?" e o que esta representa para o agricultor.

(2) MEDEIROS, Tarcísio - Aspectos geopolíticos e antropológicos da História do Rio Grande do Norte. Natal, Imprensa Universitária, 1973, p. 107.

(3) Departamento Nacional de Obras Contra a Seca.

do Perímetro Irrigado Itans/Sabugi (4), objetiva capacitar a família irrigante a fim de que seja realmente participante ativa no processo de desenvolvimento sócio-econômico da comunidade na qual está inserida.

O importante projeto efetua trabalhos em diferentes etapas, como reconhecimento de área, estudos de viabilidade, planos diretos, projetos executivos, implantação e operação. Baseado nisso, foram implantados vários projetos de irrigação nos Estados do Piauí, Ceará, Pernambuco, Paraíba, Bahia e Rio Grande do Norte.

O referido projeto desenvolve o setor agropecuário e agro-industrial da região, como o aproveitamento dos recursos do solo e água, tendo em vista desenvolver a agricultura irrigável e, como atividade de suporte às culturas de subsistência, utilizando as áreas de sequeiros, uma vez que posteriormente, será implantada a pecuária.

4.2. Como se locomove

O riograndense do norte utiliza os vários meios de transporte: aéreos, ferroviários, marítimos e rodoviários.

Natal está ligada a quase todas as cidades do interior por rodovias. Liga-se a João Pessoa pela BR 101 e daí para o sul do país. A Fortaleza pela BR 304. Tem empresas de ônibus que fazem a linha de Norte a Sul do país, e coletivos que prestam serviços à área urbana. É servida, com frequência diária, pela VASP, VARIG e TRANSBRASIL para o norte e sul do país. Além desses vôos, a Transbrasil mantém uma linha semanal para o Território de Fernando de Noronha, com partidas do Aeroporto Augusto Severo, às sextas-feiras, e regressando aos domingos. Além desses vôos, a Cruzeiro mantém, diariamente, linha para Manaus com saída às 3:45 horas

(4) Localizado no Município de Caicó, distante 280 quilômetros de Natal, está a cargo da Terceira Diretoria do DNCS, com sede no Recife, sendo chefiada, administrativamente, a nível local.

da manhã, direto, sem escalas. Nas cidades de Caicó e Mossoró os meios de transporte utilizados são: a bicicleta, a motocicleta, o carro-de-boi, a carroça, o cavalo, o burro, automóveis particulares e taxis, sendo que, na segunda, o meio mais usado é a bicicleta, existindo cerca de 4 a 5 mil na cidade.

O Rio Grande do Norte é o lugar do Brasil onde existe maior número de carros particulares em relação à população. O potiguar é vaidoso, troca de carro todos os anos. Inclusive é raro ver-se na praça um taxi "Volkswagen" ou carro velho, mas, em geral, é o carro do ano.

4.3. Necessidade básica - Alimentação

O riograndense do norte se alimenta inadequadamente para o tipo de clima que tem. Sua alimentação consiste essencialmente de carne nas principais refeições. A grande maioria costuma se alimentar mal, no sentido de que não possui uma alimentação equilibrada de proteínas, vitaminas e sais minerais, tendo como a principal causa direta o baixo salário. Isto não quer dizer que não coma o feijão, o arroz, que reforça um hábito cultural na alimentação do homem rururbano. Dependendo da categoria econômica de cada família, comem diariamente, feijão, arroz, carne (de duas a três qualidades), batata doce, melância e melão de Pium, farinha de Brejinhos, peixe de água doce, do açude Traíri e Caicó, macaxeira de Ceará-Mirim, vagem, goma e "grude" de Extremoz, lagosta, lagostins e camarão, leite e seus derivados, pão, biscoito, bolacha, frutas e verduras.

O potiguar consome um tipo de alimentação não propícia para o clima, a chamada comida "pesada" (indigesta) como: buchada, panelada, feijoada, cozido, pirão, picadinho, todos servidos bem quentes, além de frutas tidas como indigestas: manga, jaca, banana anã, graviola. Em geral estas são as principais culturas do Estado, sendo consumidos outros produtos oriundos de outras fontes produtoras.

4.4. Doces e Sobremesas

Com relação a esse tipo de guloseima, existem verdadeiras doceiras e quituteiras apesar da invasão dos doces industrializados, das balas, dos caramelos e das frutas cristalizadas, os alfenins permanecem e as artistas de sitoplástica resistem na manutenção de uma tradição perdida no passado, resistindo por quase quatrocentos anos.

Os alfenins, feitos com açúcar da melhor qualidade, quando atinge o ponto da modelação, permite a feitura de presépios, de animais e pássaros, mas tudo isso é logo consumido, gulosamente, pela criançada.

Dentre outros, destacam-se os doces de coco, puro e com mamão, de melancia, de caju e de jaca. A cidade de Caicó se destaca nesse tipo de iguarias.

4.5. Tabus alimentares

Tabu é uma palavra polinésia que significa proibido, sagrado, inviolável, intocável, comer, matar. O homem nordestino é supersticioso, cheio de credices que o atemorizam, daí não infringir a quebra de certos preceitos totêmicos.

Para Sigmund Freud (1856-1941):

" o tabu é a resultante de um recalque de tendências, desejos e instintos naturais de uma coletividade, o qual recalque se verificou pela força coercitiva de variados interesses externos em conflito" (5).

Advindo de antepassados negros, portugueses ou ameríndios, através da tradição oral, chegando no Nordeste brasileiro, no Rio Grande do Norte e no país inteiro, ainda hoje

(5) Mansur Guérios - Tabus lingüísticos. Rio de Janeiro, Organização Simões Editora, 1956, p. 9 (Coleção "REX").

certos tabus alimentares são cultuados e respeitados. Entre eles citaremos alguns como:

- chupar manga e , em seguida, tomar leite ou misturar é morte certa;
- comer carne com peixe crescem as orelhas;
- comer carne verde e comer doce, morre;
- tomar coalhada e depois beber água, morre;
- limão: tomar limão quando menstruada pode dar hemorragia. E se uma mulher soubesse o quanto o limão é prejudicial, não passaria sequer por baixo de um limoeiro;
- café quente e, em seguida, beber água, estupora ou racha os dentes;
- comer buchada, feijoada ou panelada e deitar-se em seguida, dará congestão (paralisia ou congestão cerebral);
- batata-doce com leite é veneno;
- com relação às frutas: "de manhã é ouro
de tarde, prata
de noite, mata";
- manga com ovos, é fatal.

Em relação às comidas "carregadas" (que fazem mal à saúde, quando se tem uma enfermidade qualquer e se come):

- pinha (fruta do Conde), pato, peru, carne de porco, galinha caipira, lagosta, camarão ou carangueijo, peixe traíra, curimatã,

na certa será uma inflamação e, às vezes, é necessário tomar antibióticos.

Além dos tabus alimentares existem os de comportamento, tais como:

- acordar com o corpo quente e colocar os pés no chão frio, abrir a geladeira ou alguma porta ou janela e pegar "pancada" de vento (isto é, o vento bater no rosto), apanha "ramo" (congestão cerebral) fica acometido de paralisia;
- passar por baixo de escada - é caritô na certa;
- ver gato preto - significa maus presságios;
- sandália emborcada; vestido pelo avesso, dá azar;

- azar - é perigoso até se pronunciar essa palavra.

Estas são algumas das superstições alimentares e de conduta, não só do homem do campo, onde a cultura é tida como primitiva, como é vista pelo grupo elitista, mas, do urbano, em geral "letrado".

4.6. Como se veste

A vestimenta é a mais prática e esportiva possível, isto porque o próprio clima favorece o uso de roupas descontraídas. A maior parte das confecções vêm do Rio de Janeiro, e, algumas, de São Paulo, estas vendidas em boutiques a preços elevadíssimos, apesar de Natal possuir várias indústrias de confecções. Destaca-se no ramo das confecções masculinas. O Estado possui a maior fábrica de confecções do Brasil (que é a Confecções Guararapes) com a produção de mais de vinte mil peças por dia, cerca de 16 por cento da confecção nacional de calças e camisas. No Rio Grande do Norte começaram a surgir empreendimentos industriais de grande porte, principalmente no setor têxtil, o que se justifica pelo fato de o Estado ser um grande produtor de algodão e, por já existirem grandes indústrias de transformação de tecidos.

O natalense preocupa-se muito com a importação da moda. É vaidoso e não se descuida dessa maneira de ser. De modo geral, aqueles que tem posses adquirem suas vestimentas no Rio de Janeiro, ou em São Paulo, e mesmo no exterior.

O agricultor, lavrador e o homem do povo usa roupas simples, chapéu de couro ou palha, sandália de rabicho ou japonesa, usa calça geralmente de mescla azul de tergal ou caqui (parece com o tecido usado pela polícia militar). A mulher do lavrador ou não lavrador veste chita e usa sandália japonesa, e, quando está plantando ou colhendo, usa chapéu de palha, o vestido por cima da calça comprida e camisa de manga, por causa do sol.

A bota é usada por esporte ou quando se está na fazenda, sendo que é usada diariamente pelos fazendeiros mais abastados, como também o chapéu de palha (palha do Panamá) e a chibata de couro quando montam à cavalo para percorrer a fazenda ou participar nas vaqueijadas, que constituem a festa típica e tradicional da região.

4.7. O que bebe

Entre as bebidas mais consumidas pelo riograndense do norte, ou no Estado, é a cerveja (Brahma, Antártica, Skol, chopp) e refrigerantes, devido à sua temperatura média de 26° a 28° centígrados, na capital, e de 36° a 40° C no interior. Isto não quer dizer que não haja outros tipos de bebidas. O Rio Grande do Norte possui uma verdadeira indústria caseira de licores de frutas regionais e de essências de sabores que não existem na região. Os principais são os de genipapo, de pitanga, de maracujá, casca de laranja cravo, goiaba, café e passas.

Não se poderia deixar de mencionar a tradicional e popular cachaça, conhecida pelo vulgo como "a água que passarinho não bebe", "alegria de pobre", "branquinha", "pinga", aguardente, além de uma outra infinidade de nomes. A cachaça tem uma grande saída nas barracas de praia, nas bodegas e vendas urbanas e rurais, bem como nos bares populares, em forma de "caipirinha" ou "batida" e pura, acompanhadas de "tira gosto" de caju, limão, cajá ou carne de sol, fritas, queijo de coalho, peixe frito, carangueijo, camarão. A cachaça é mais consumida pura pelo lavrador, pelo trabalhador braçal, pelo pescador ou homem do povo por ser um produto mais barato. É também usada nas festas populares, como a "Festa dos Santos Reis", a "festa do caju", nas festas juninas, nas vaqueijadas e antecedendo uma feijoada. É muito usada, também, nos trabalhos de Umbanda, Quibanda e Candoblê.

A cachaça, como explica Câmara Cascudo

"serve pra tudo e mais alguma coisa", "aquece, re-
fresca, consola, alimenta, alegre, revigora" (5).

Há, também, os saborosos e deliciosos sucos e re-
frescos de frutas regionais, como os de mangaba, cajá, pi-
tanga, seriguela, graviola, genipapo, caju, laranja, man-
ga, abacaxi, limão, mamão, abacate, goiaba e outros.

(5) CASCUDO, Luís da Câmara - Prelúdio da cachaça, Etnografia
história e sociologia da aguardente no Brasil. Rio de Ja-
neiro, Instituto do Alcool e do Açúcar, 1968, p.21

5. ESTUDO DE TRÊS REGIÕES

5.1. As razões da escolha das três regiões geográficas

Escolheu-se três micro-regiões que são: a região Sa—lineira Norte-riograndense, Natal e Seridó. O conjunto dessas três regiões dá um total de 48 municípios. Diante da impossibilidade de se pesquisar em todos eles pelo fator tempo, resolveu-se escolher apenas um município de cada Micro-região, no caso, o mais importante. Sendo, portanto, escolhidos: Natal, Caicó e Mossoró. Citaremos, particularmente, cada um de les e das razões de terem sido escolhidas.

Natal, foi escolhida por ser a capital do Estado do Rio Grande do Norte e, por ser o centro mais desenvolvido do Estado. Tentaremos mostrar até que ponto a Medicina Popular é usada e qual a sua clientela. A partir de então, poderemos estabelecer comparações com Mossoró e Caicó que são cidades interioranas e, são as mais importantes cidades do interior do Estado. Tentaremos, então, mostrar que são formas de sobrevivência e não manias populares esses meios de curas e tratamentos empregados nessas regiões.

Natal é banhada pelo rio Potengi (1). Tem 399 quilômetros de linha costeira estadual. Tem uma área de 172 quilômetros quadrados, uma altitude que não ultrapassa os 300 metros, somente as regiões serranas apresentando altitudes superiores a 600 metros. O clima é seco, com temperaturas médias de 26^o e 28,3^o centígrados. O índice pluvial médio é de 1.512 mm anuais. Natal tem uma população de 264.379 habitantes, em que 250.602 habitantes representam a população urbana e 4.011 a população rural. Segundo estimativas de 1975 a população urbana é de 343.679 habitantes. Foi a Micro-Região

(1) Em tupi, significa "Rio Grande", daí a origem do nome do Estado. O rio Potengi tem 300 quilômetros de extensão. N. A.

que apresentou maior densidade demográfica do Estado: 117,70 habitantes por quilômetro quadrado. A estimativa para 1978⁽²⁾ dá, para Natal, uma população de 403.000 habitantes.

Natal é servida por rodovias e se interliga a quase todos os municípios. Pela BR 101 liga-se a João Pessoa e Recife e daí para todo o sul do país, e, pela BR 304 liga-se a Fortaleza e a BR 226/227 liga a capital com Caicó. Através da Rede Ferroviária do Nordeste liga-se a Nova Cruz, João Pessoa (PB), São Rafael, Mossoró e Sousa (PB).

Natal é o maior centro importador e exportador do Estado. Possui um porto que é usado para o embarque e desembarque de navios cargueiros, petroleiros e de passageiros, nacionais e estrangeiros.

É servido, com frequência diária, pela VASP, VARIG, e Transbrasil para o norte e sul do país. Além desses vôos, a Transbrasil mantém uma linha semanal para o Território de Fernando de Noronha, com partidas do Aeroporto Augusto Severo⁽³⁾, às sextas-feiras e com regresso aos domingos. Como já foi dito anteriormente, o aeroporto de Natal teve grande destaque na II Guerra Mundial.

"A 28 de janeiro de 1943, o Presidente Franklin Delano Roosevelt, dos EE. UU., e o Presidente Getúlio Vargas encontraram-se em Natal para ratificar acordos entre as duas nações e firmar compromissos"⁽⁴⁾.

A partir desse acordo, a Base Aérea de Parnamirim, hoje Eduar

(2) Dados fornecidos pelo IBGE, Natal, 1979.

(3) Augusto Severo d'Albuquerque Maranhão, nome dado em homenagem a um dos pioneiros e martires da aviação. Jornalista, Deputado Federal, abolicionista e republicano histórico. Nasceu em Macaíba (RN) a 11 de janeiro de 1864 e faleceu em Paris a 12 de maio de 1902 na exploração de seu dirigível "Pax" juntamente com o mecânico Sachet quando contornava a Torre Eiffel. In MELLO, Veríssimo - Calendário Cultural e Histórico do Rio Grande do Norte. Natal, Conselho Estadual de Cultura, 1976, p. 29.

(4) Idem.

do Gomes (que foi o primeiro comandante da Segunda Zona Aérea, sediada em Natal) começou a ser utilizada pelos norte-americanos. A hidrobases, cuja pista de pouso tinha 2.000 metros de comprimento e suportava o impacto de 200, 250, 300 ou mais pousos diários, ninguém sabe ao certo, pois

"Eram consumidos 100.000 litros de gasolina (Esso) por dia" (5)

foi empregada para controlar o Atlântico Sul, da possibilidade de aparecimento dos submarinos alemães. Desde então Natal passou a ser conhecida, internacionalmente, como o "Trampolim da Vitória", "Esquina do Continente". Daí o motivo de Natal ser bem guarnecida pelas Forças Militares: 7º Batalhão de Engenharia e Combate, Quartel do 1º/16º Regimento de Infantaria, Comando da Sétima Brigada de Infantaria Motorizada, 16º Batalhão de Infantaria Motorizada, 17º Grupamento de Artilharia e Campanha (G. A. C.), Grupamento de Fuzileiros Nacionais, Base Naval, Base Aérea de Natal e Polícia Militar. Além da criação da Barreira do Inferno - Base Espacial de Lançamento de Foguetes - em 15 de novembro de 1965, que tornou Natal um dos maiores Centros de Pesquisa Espacial do Brasil. Esta Base dá apoio aos programas dos Estados Unidos, da Alemanha e do Canadá. Há frequência de lançamentos de foguetes de pequeno porte. Portanto, o aeroporto, em 1946, deixou de ser internacional, ficando apenas para as atividades civis e militares, passando o Aeroporto dos Guararapes, em Recife a ser local de escala para as companhias aéreas européias. Mas, dentro em breve, o aeroporto de Natal voltará à categoria de internacional, depois das reformas que estão sendo feitas.

Natal também é chamada de "Cidade do Sol" por ser uma cidade ensolarada durante os 365 dias do ano. Sua proximidade

(5) PINTO, Lenine - Os americanos em Natal. Brasília, 1976, pp. 27-28.

dade com a linha do Equador, aliada à configuração geográfica do Estado, dão-lhe o privilégio dos lindos dias de sol. Possui praias belíssimas pelas suas águas cristalinas, seu mar azul, sua beleza natural com suas famosas dunas, em sua maioria cobertas pela vegetação. É difícil transmitir ao leitor o que é exatamente Natal com seu colorido ímpar, céu límpido, dando um espetáculo visual maravilhoso ao turista acostumado a ver céus cinzentos, rios e mares poluídos nas grandes metrópoles do Sul. Entre as praias mais bonitas e importantes estão: a de Ponta Negra a 12 quilômetros do centro. Famosa por ter sido o ponto de desembarque dos holandeses que vieram do Recife para atacar o Forte dos Reis Magos; Areia Preta, com suas grutas e pedras escuras; Forte, onde fica a Fortaleza dos Reis Magos, na entrada da Barra, hoje transformada em museu de arte popular. Redinha, que fica do outro lado do rio Potengi, cheia de coqueirais e redes de pescar estendidas ao sol (daí a origem de seu nome) e cheia de casas simples dos pescadores; Genipabu, onde há um lago com águas totalmente cristalinas, parecendo, mesmo, uma piscina, e cuja areia branca destaca-se maravilhosamente, é uma praia cheia de dunas. Pirangi do Norte, onde se encontra o maior cazueiro do mundo, com 500 metros de circunferência, Pirangi do Sul, que separa-se da do norte por uma ponte, onde no veraneio há pesca da lagosta, lugar onde se pode dar ao luxo de comprar lagostas vivas. Praia do Meio, que é a continuação da Praia do Forte onde se encontra o hotel: Hotel Internacional dos Reis Magos, hoje transformada em Praia dos Artistas por ser muito freqüentada pelos artistas natalenses, bem como, por artistas de fora. Para o interior temos a Praia de Tibau, que fica a 40 quilômetros de Mossoró, é famosa pelas suas areias coloridas. Praia de Muriú, fica no Município de Ceará-Mirim, distando de Natal, cerca de 50 quilômetros.

Para se ter uma idéia do que é Natal em termos de beleza natural, citaremos a exaltação dos poetas Jorge Fernandes, precursor do modernismo brasileiro, ao lado de Manuel Bandeira e Mário de Andrade, sobre Natal:

"Venham comigo poetas ...

"Venham com alegria desta terra...
"Não me venham com lágrimas na voz.
"Tirem a venda dos olhos
"E olhem com olhos alegres
"Todas estas paragens de morros e de sol..." (6).

Diante de tanto lirismo, pode-se imaginar a beleza, ainda primitiva das nossas praias, com suas dunas que nos dão a autêntica sensação de um passeio no Saara.

Natal começou a se desenvolver na Segunda Guerra Mundial, em virtude de ter recebido grandes contingentes militares americanos, num total de 10.000 soldados, marinheiros e aviadores (7), que fizeram o dolar circular com abundância, gastos com diversões.

"Estrelas famosas do rádio e cinema, como Nelson Eddy, Jeanette Mac Donald, Joe E. Brown (o Boca Larga), Frederick March, Jack Holt, Humphrey Bogart, Jack Benny, Tyrone Power, Don Ameche, Franck Tone e dezenas de outros, em terra, passando pelas ruas, dando a sua contribuição para a vitória aliada" (8).

Daí o natalense ter-se tornado mais liberal, a se preocupar em estar em dia com a moda. Foram as jovens natalenses, as que primeiro usaram biquine, tanga e mini-saia no Nordeste. O clima tropical propicia à mulher natalense (hoje) a se vestir à carioca (9).

Natal tem crescido em ritmo acelerado nestes últimos anos, de uma maneira incrível. Antes, arquitetura modesta, simples, hoje, edifícios magestosos, conjuntos modernos de arquitetura imponente e ousada.

Uma das características do norte-riograndense é ser hospitaleiro. O estranho sempre foi bem recebido tanto pelo

(6) NAVARRO, Newton - Natal. São Paulo, Gráficas Brunner Ltda. Edições Walter Pereira S/A Livraria Papelaria - Natal, RN, 1972, p. 8.

(7) PINTO, Lenini - Op. cit., p. 28

(8) Idem, p. 7.

(9) "Vestir à carioca" é o mesmo que vestir-se na última moda, na linguagem regional.

pobre como pelo rico. Característica esta que vem desde os primórdios da colonização, passando a ser um costume da terra. Rocha Pombo ⁽⁹⁾ fala da maneira pela qual Henry Koster comenta a sua hospedagem no Engenho Cunhaú (RN) entre 1809 e 1810 pelo Coronel André de Albuquerque Maranhão:

"... Tudo tinha um certo ar de magnificência, até as toalhas eram guarnecidas de rendas..."

"Fui encontrar, na sala de jantar, uma grande mesa servida de profusão de iguarias, e em grande quantidade que daria para umas vinte pessoas..."

"... Levou-me depois a ver os seus cavalos, e insistiu comigo que escolhesse um e levasse em lugar do meu, a fim de que na minha volta eu encontrasse este em melhor estado. Pediu-me também que deixasse em descanso as bestas de carga, servindo-me de algumas suas até a volta. Recusei, porém, tais oferecimentos, agradecendo-lhe muito, pois os meus animais estavam ainda em bom estado. Refiro estas minúcias para fazer sentir com que amenidade são os estrangeiros tratados neste país".

"Koster foi recebido com muita deferência: o que não dispensou, entretanto, que o governador lhe pedisse o passaporte".

5.2. Comidas natalenses tradicionais (No Estado e Capital) ⁽¹⁰⁾.

Em Natal come-se muito bem. Em quase todos os restaurantes são servidos pratos típicos como segue:

CARNE-DE-SOL (ou seca ou do sertão), com farofa de bolão (mandioca, macaxeira e manteiga do sertão. Há duas casas especialistas no bairro das Rocas, em Natal).

(9) POMBO, Rocha - História do Rio Grande do Norte. Rio de Janeiro, Editores Anuário do Brasil, 1922, pp.208-209. Nota de rodapé p. 209.

(10) MELO, Veríssimo - Folclore brasileiro: Rio Grande do Norte. Rio de Janeiro, Funarte, 1977, pp. 48-49.

PEIXE - Preparado à maneira do "Peixe da Comadre", na água e no sal, com coentro, cebolinhas, etc. Especialmente cioba, arabaiana, garoupa, cavala, xaréu.

FEIJOADA COMPLETA - com costelas de porco, lingüiça do sertão, jeremum, farinha, molho de pimenta, verduras e cachaça.

PANELADA - "Cozinhando durante 24 horas". Limpos os miolos, com limão. Há uma casa especialista no Bairro do Alecrim.

BUCHADA - miúdos temperados isoladamente e depois costurados no saco estomacal.

MÃO-DE-VACA - As patas das rezes são cozinhadas durante 24 horas, soltando-se, então, o mocotó.

FRITADAS DE CAMARÃO ou DE OSTRAS

PAÇOCA - Carne-seca ou charque pilados, com farinha de mandioca, cebolas, etc. É comida indígena, hoje com novos ingredientes.

CARANGUEJADAS - Há várias casas especialistas em Natal.

PEIXE FRITO COM TAPIOCA - No azeite-de-dendê. Comida dos pescadores da Redinha.

CABEÇA-DE-GALO - Pirão escaldado com ovos -à-la-coc.

LINGUIÇA DO SERTÃO - Especialmente em Seridó.

GALINHA DE CABIDELA ou ASSADA

PICADINHO ou SARAPATEL - Miúdos de porco ou carneiro com farinha.

CHOURIÇO DE PORCO - com massa de tapioca ou farinha.

PIRÃO DE CARANGUEJO - Feito no coco.

PERU ASSADO - Prato indispensável nas festas familiares.

CALDOS DE FEIJÃO - com peixe, com ostras, ao coco, em geral acompanhados de aperitivos.

CANJA DE GALINHA - Prato especial para pessoas doentes.

Na Semana Santa, serve-se também ensopado de bacalhau.

Doces e sobremesas

Pê-de-moleque - feito com fubã, mandioca mole.

Baba-de-moça - Calda em ponto de fio, leite grosso, quatro gemas, canela em pó.

Arroz doce.

Tapioca com coco.

Canjicão, mungunzá, canjica, milho verde assado na brasa, paíonha, milho cozido - comidas próprias para as festas juninas, com exceção dos dois primeiros pratos.

Grudes - Especialmente os de Extremoz.

Beijus, cuscuz (feito com milho maduro), filhoses, cocadas, broas de milho e de mandioca.

Raiva, sequilhos, alfenins, puxa-puxa - doces mais da preferência das crianças.

5.3. As formas de convívio social (festas, feiras, procissões, sambas, danças)

Natal nasceu num Natal, em meio aos presépios, cantada e decantada em versos pelos violeiros, repentistas, poetas populares e de renome como Mário de Andrade, Jorge Fernandes e Manoel Bandeira.

Natal, cidade simples, magestosa, cheia de encantos.

e de festas. Entre as mais tradicionais estão as festas populares, as Danças Folclóricas e os Folguedos Folclóricos (11).

5.3.1. Danças Folclóricas

BAMBELO - "Coco-de-roda, coco-de-zambê, zambelô, bambelô, são expressões sinônimas. Denominações regionais da mesma sobrevivência negra no nosso folclóre" - é uma dança coletiva em forma de círculo. Usa-se o batuque, o bailarino solista fica no centro e improvisa uma série de passos.

Instrumentos usados: atabaque ("pau-furado" ou "puíta"), tambores pequenos ("mungoguês" ou "barril"), outros menores ("paus-da-chama" ou "chama de puíta"), ganzás (Paus de semente) e afoxê ou maracá.

O tirador do coco vai cantando a estrofe padrão, improvisando versos enquanto os circunstantes respondem o estribilho:

"Ai, ai, quem de mim tem pena!
Ai, ai, quem de mim tem dô!
Levaram minha patativa.
Deixaram o meu curiô!

Ai, ai, etc.
Da meia-noite pro dia
Venderam o meu curiô! etc.

ZABUMBAS - Entre 31 de dezembro a 1º de janeiro, é realizada a festa de coroação do rei e da rainha dos pretos em Jardim do Seridô - Saem à rua os Zabumbas.

"Formados por filas de pretos, dançam ao ritmo de duas caixas (tambores) e ao som de pífaros ("pi fa", como chamam), empunhando bastões a que de-

(11) MELO, Veríssimo - Folclore brasileiro, op. cit., p. 33.

"O camelô natalense ainda conserva a embigada tradicional o convite para dançar, embora possa revestir de outra conotação".

nominam de "pontões" (ou "espontões")" (12).

São músicas alegres e expressivas. Cantam "Palmeirinha", "Piauí", "A mãe do bode eu sei quem é..."

DANÇAS ANTIGAS - São apresentadas no período natalino, pelos integrantes da Sociedade de Danças Antigas "Araruna". São danças aculturadas, de origem européia. As principais são: Schottisch, Mazurca, Polca, Quadrilha: regionais que imitam os bichos como: camaleão, bezouro, araruna.

5.3.2. Folguedos folclóricos

FANDANGO - É a estória de uma nau perdida - a Nau Catarineta. O tradicional Fandango é composto de 24 jornadas, cantadas e dançadas, entremeadas de diálogos. Os instrumentos musicais usados são: violões, cavaquinhos e pandeiros. Em outros Estados o Fandango é conhecido pelo nome de "Chegança de Marujos".

5.4. Meios de comunicação em Natal

Em Natal, o sistema de comunicações com outras cidades, regiões e Estados, é feito através do Telecomunicações do Rio Grande do Norte (TELERN). Possui Natal, 15.470 telefones em serviço. As centrais têm capacidade para vinte mil. Para se ter uma idéia do esforço do norte-riograndense diremos que o Estado é o quinto lugar no Brasil com todas as suas cidades atendidas pelos serviços telefônicos, em que se pode falar com qualquer cidade ou Estado, por menor que ele seja, para qualquer parte do país. Postos de Serviços telefônicos

(12) MELO, Veríssimo - Folclores brasileiros - Op. cit., p.

até março deste ano foram instalados em 117 cidades do interior. Entre os 150 municípios do Rio Grande do Norte a TELERN atende a 80 dentro dos critérios técnicos: 18 cidades com D.D.D., 5 com D.D.I. e 24 com serviços locais e interurbanos e 48 com Postos de Serviços avançados através do Projeto P. S.

Além da Agência Central dos Correios e Telégrafos, pode-se encontrar mais de uma agência em cada bairro.

Natal possui um canal de televisão que é a TV Universitária, duas estações repetidoras, TV Globo e TV Tupi (Recife), via EMBRATEL (Empresa Brasileira de Telecomunicações). Circulam diariamente os seguintes jornais: "A República", "Diário de Natal", "Tribuna do Norte" e aos domingos, "O Poti", além dos principais jornais das várias capitais do país. Possui cinco estações de rádio, cinco cinemas (apenas dois de primeira categoria). Tem 40 agências bancárias, sendo que todas têm filial no interior do Estado.

5.5. Educação

A rede de estabelecimentos de ensino e matrículas no Município de Natal, referente a 1978, está registrada no quadro I. Este quadro apresenta, para as três Micro-Regiões estudadas (Natal, Caicó e Mossoró) os dados quanto ao grau de ensino, à dependência administrativa e o número de alunos matriculados.

Quanto ao ensino superior, a Universidade Federal do Rio Grande do Norte foi criada em 1958. Começou com apenas seis cursos e 400 alunos. Hoje conta com 41 cursos, todos reconhecidos e mais de 12.000 alunos. A maior incidência é registrada na área humanística.

No tocante à saúde, o Governo, junto à Universidade Federal do Rio Grande do Norte tem se preocupado na ampliação, modernização e melhoria médico-hospitalar à comunidade e a cada polo de desenvolvimento que surge no Estado.

QUADRO I

Nº de estabelecimentos e matrículas dos Municípios de Natal, Mossoró e Caicó, segundo os graus de ensino e a dependência administrativa (1978)

Municípios	Primeiro grau						Segundo grau																		
	Total		Federal		Estadual		Municipal		Particular		Total		Federal		Estadual		Municipal		Particular						
	Nº	E	M	E	M	E	M	E	M	Nº	E	M	E	M	E	M	E	M	E	M					
Natal	177	-	80701	-	-	68	71	118	49	27	11429	82	3198	02	30	17735	01	2367	11	3137	01	18	6768	302	1419
Caicó	87	-	10282	-	-	27	71	118	49	27	11429	06	801	02	02	1549	-	-	01	1247	-	01	-	302	1419
Mossoró	196	-	51512	-	-	71	16885	118	49	27	11429	07	3198	05	05	4556	-	-	02	3137	-	03	-	302	1419

Legenda: NºE = número de estabelecimentos E = estabelecimentos M = matrículas

Fonte: USP (Unidade Setorial de Planejamento) / SEC - Caracterização dos municípios

Obs.: Em Caicó: na rede estadual 01 estabelecimento é de 1º e 2º graus na rede particular:

Em Mossoró - Na rede estadual 02 estabelecimentos são de 1º e 2º graus
 Na rede particular 02 estabelecimentos são de 1º e 2º graus

Em Natal - Na rede estadual 09 estabelecimentos são de 1º e 2º graus
 Na rede particular 15 estabelecimentos são de 1º e 2º graus.

A interiorização da Universidade concretiza suas aspirações na sua maioridade, já que a Universidade completa 21 anos de existência. Abrange, atualmente, o Campus Central e o Campus Biomédico em Natal, o Centro Regional de Ensino Superior do Seridó, com unidades em Caicó e Currais Novos, o Centro Regional de Ensino Superior de Macau, o Colégio Agrotécnico de Jundiá, em Macaíba e os Centros Regionais do CRUTAC (Centro Rural Universitário de Treinamento e Ação Comunitária) nas cidades de Santa Cruz e Santo Antonio.

A interiorização da Universidade, propiciou ao homem do campo (principalmente) melhor assistência médica, farmacêutica e odontológica e integrou os estudantes universitários, não apenas os da área biomédica, mas de todos os cursos, à realidade regional.

Natal possui 14 hospitais, os quais mantêm convênio com o INPS, sem contar as clínicas particulares especializadas com credenciamento médico. Junto à Universidade o complexo médico-hospitalar se compõem:

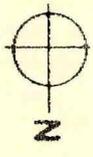
- Hospital das Clínicas e Maternidade Escola, com 470 leitos;
- Hospital Walfredo Gurgel, com 160 leitos;
- 2 Hospitais Regionais, Santa Cruz e Santo Antonio, com 60 leitos;
- Banco de Sangue (apenas um)

Cinquenta por cento da construção do Campus Biomédico e de Ambulatório, divididos nas seguintes etapas:

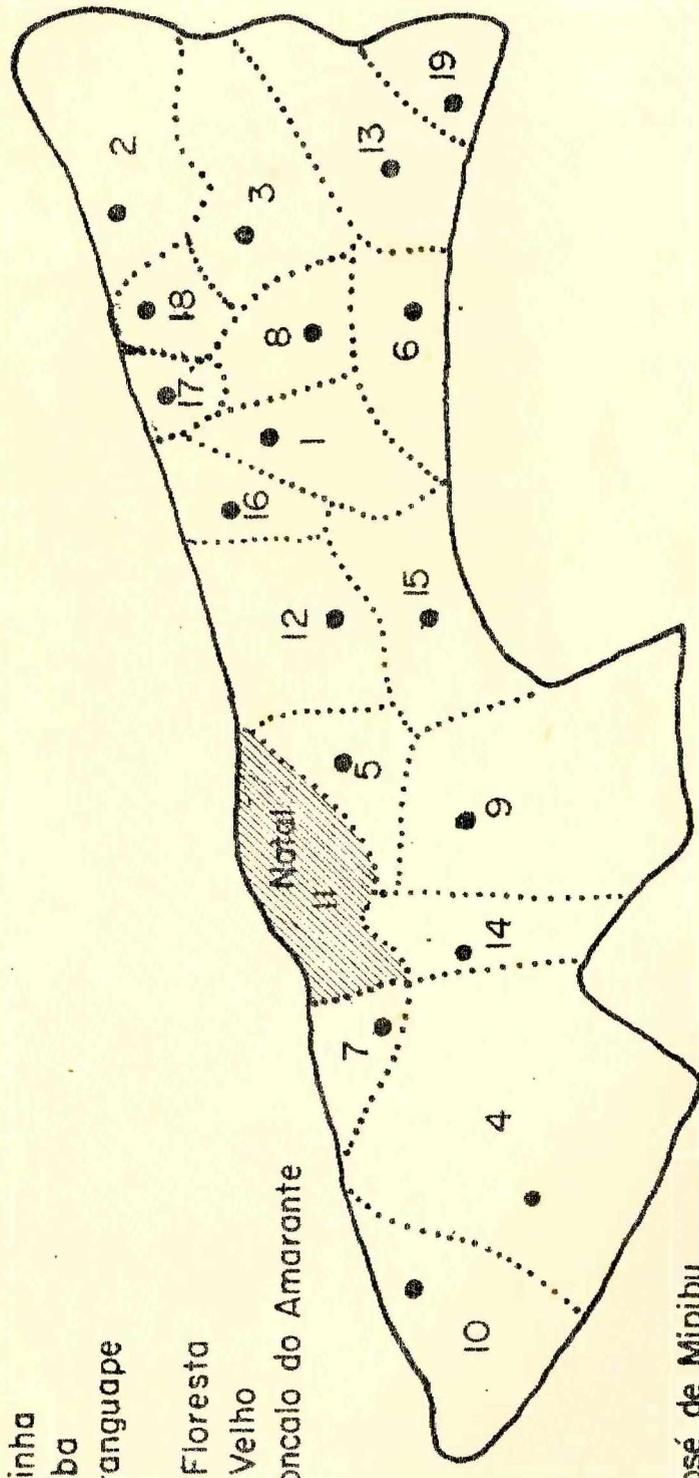
- a) higienização, melhoria e ampliação do complexo existente;
- b) construção de 113 novos ambulatórios;
- c) instalação de 250 novos leitos e outras unidades de apoio e
- d) instalação de mais 250 novos leitos.

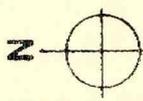
ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

MICRO REGIÃO DO NATAL

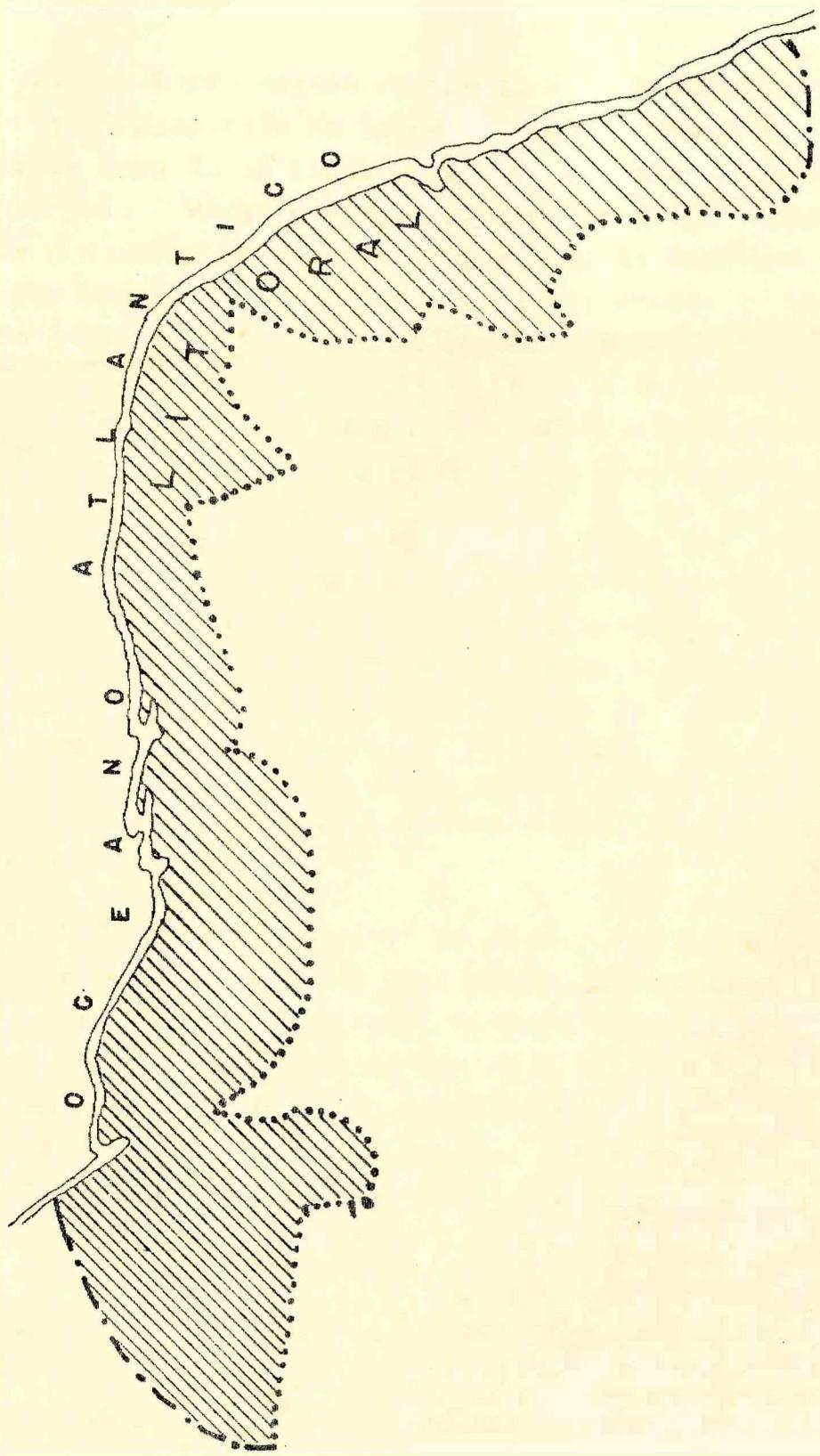


- 1- Arés
- 2- Baía Formosa
- 3- Canguaretama
- 4- Ceará Mirim
- 5- Eduardo Gomes
- 6- Espírito Santo
- 7- Extremos
- 8- Goianinha
- 9- Macaíba
- 10- Maxaranguape
- 11- Natal
- 12- Nísia Floresta
- 13- Pedro Velho
- 14- São Gonçalo do Amarante
- 15- São José de Mipibu
- 16- Senador Georgino Avelino
- 17- Tibau do Sul
- 18- Vila Flor
- 19- Montanha





ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
ZONA LITORÂNEA



5.6. Salineira (Vide Mapa)

A segunda Micro-Região escolhida é a Salineira Rio-Grandense. Está localizada no litoral setentrional e é a mais importante área de extração do sal (três quartos do sal consumido) do país. Macau é onde está a maioria das salinas e existe a maior e única refinaria de sal do Nordeste. Também são produtoras de sal, Grossos, Areia Branca (onde fica o Porto Ilha, para facilitar o escoamento do produto) e Mossoró. Dentre estes municípios foi escolhido o de Mossoró por ser o mais importante da região, a segunda cidade do Estado, mais desenvolvida e a capital do Oeste Riograndense.

Mossoró originou-se do topônimo da tribo dos indígenas Cariris, do grupo monxoró ou moxocó⁽¹³⁾. Criado em 15 de março de 1825. Originou-se do sítio "Santa Luzia" de propriedade do Sr. Antonio de Souza Machado, passando à categoria de cidade em 9 de setembro de 1870.

Limita-se ao norte com Areia Branca, a leste com Assu e Augusto Severo, ao sul com Caraúbas e Apodi e a oeste, com Limoeiro e União (Ceará).

É banhado pelo rio Mossoró ou Apodi, que nasce na Serra da Queimada, Município de Luiz Gomes, atravessa as cidades de Pau dos Ferros, Portalegre, Martins, Apodi e entra em Mossoró no lugar de Passagem do Bonito e Sítio das "Anguilhadas" e, com o nome de Mossoró, passa ao pé da cidade, entra no Município de Areia Branca, desde a salina "Serra Vermelha" e vai desaguar no Oceano Atlântico. Tem um percurso de 300 quilômetros dentro do Estado e 90 quilômetros em Mossoró (14).

(13) CASCUDO, Luís da Câmara - Nomes da Terra. Natal, Fundação José Augusto, 1968, p. 106.

(14) LIMA, Nestor - Municípios do Rio Grande do Norte, op. cit., 2º volume - F. C. J. L. e M., pp. 285 - 286.

Segundo estimativas do Censo de 1975, Mossoró tem uma população de 128.043 habitantes, sendo 97.245 no município, com 77.199 na área urbana e 11.128 habitantes na área rural.

Mossoró é uma cidade com passado histórico por ter participado de vários movimentos que antecederam a proclamação da república. Foi a primeira cidade do Estado e a segunda do Brasil a alforriar seus escravos em 30 de setembro de 1883.

Em 1901 foi fundada a primeira escola, o Ginásio Diocesano, em Santa Luzia, hoje Colégio Diocesano Santa Luzia.

Em 13 de junho de 1927 foi vitoriosa ao derrotar o bando de Lampião, quando este invadiu a cidade.

Foi Mossoró que teve a primeira votante feminina, na pessoa de D. Celina Guimarães Viana que votou na eleição do Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros, a 15 de abril de 1928. A eleição foi para senador da república após a renúncia de Juvenal Lamartine.

As principais atividades econômicas para o interior, são a pecuária, o cultivo do algodão e a extração da cera de carnaúba. Além disso, é preciso observar que o seu solo é rico em recursos naturais, o sal marinho ⁽¹⁵⁾ representando uma excelente fonte de divisas. A sua extração é feita com a participação de empresas multinacionais, que se encarregam da produção, transporte, beneficiamento, comercialização e industrialização. A mecanização destas etapas ocasionou, nos fins da década de sessenta, um problema social muito grande, problema este agravado ainda mais com o término do proces

(15) "Nas águas residuais das salinas ("águas-mães") um potencial não utilizado atualmente. As águas residuais correspondentes à produção de uma tonelada de sal marinho, contêm 105 kg. de sulfato de magnésio, 137 Kg. de cloreto de magnésio, 19 kg de brometo de sódio, 22 de cloreto de potássio e ainda 290 kg de cloreto de sódio". Unidade Setorial de Planejamento/S.E.C., D.E., Natal, RN. Nota de rodapé nº 64.

so de modernização. A gipsita ($\text{CaSO}_4 \cdot \text{H}_2\text{O}$) está sendo estudada com a finalidade de se encontrar um aproveitamento para a produção de enxofre e ácido sulfúrico. O calcário é uma das principais reservas da zona mossoroense, é a maior produtora de mármore do Estado, principalmente os municípios de São Rafael e adjacências que produzem o mármore branco. O calcário vem sendo utilizado para o fabrico do cal-vigem e cimento.

Na indústria, se destaca a do cimento, a têxtil, calçados, óleos e doces. A descoberta de petróleo em Macau, abriu novos horizontes para a economia da região, novas perspectivas em termos de combustível para o país.

A renda média familiar da zona mossoroense se aproxima da do Estado. Sua distribuição, de caracterização regressiva, assemelha-se nos espaços urbanos a rural pelo baixo nível ocupacional existente nas cidades salineiras. Em 1970 o rendimento médio familiar era de até Cr\$223,00 ao mês. Sesenta e quatro por cento das famílias tinha uma renda familiar de até Cr\$125,00 por mês, levando-se em consideração que o salário vigente na época era de Cr\$124,80 ao mês.

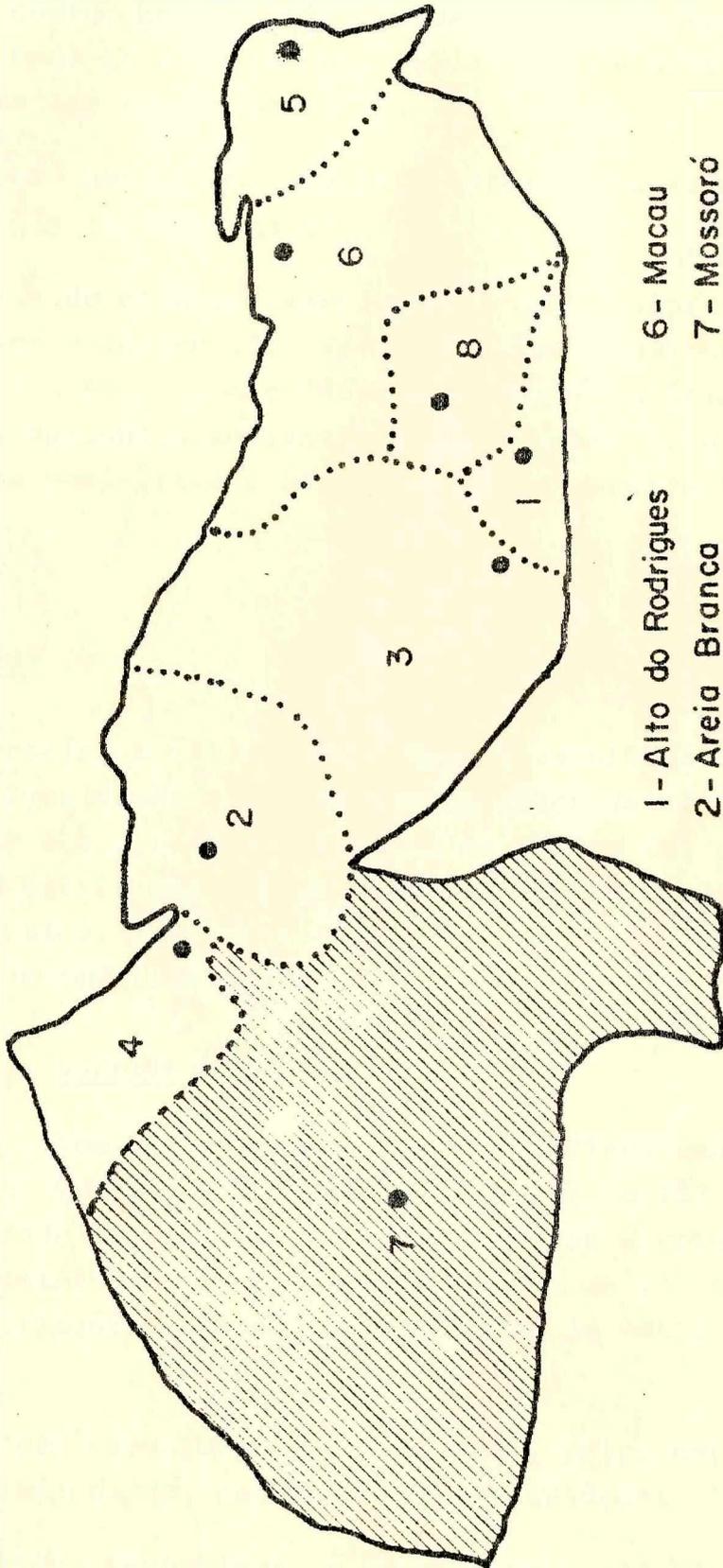
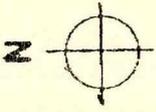
Formas de convívio social: festas, feiras, procissões

Uma grande atração turística, além de suas lindas praias, como a de Tibau, famosa pelas suas areias coloridas, é a sua água de propriedades medicinais e terapêuticas, em virtude de seu alto teor de enxofre e sais minerais. A água atinge 56°C nos poços de capacitação. A cidade é abastecida com água mineral.

Dentre as principais festas tradicionais estão: Santa Luzia (de 3 a 13 de dezembro) que é a padroeira da cidade, a de Santo Antônio, durante a qual são realizadas procissões e novenas, a do Natal e a do Ano Novo. E há, a 16 de dezembro, a Exposição de Artigos Regionais.

A feira é permanente, onde se pode comprar peças de

ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
MICRO REGIÃO SALINEIRA



- 1- Alto do Rodrigues
- 2- Areia Branca
- 3- Carnaubais
- 4- Grossos
- 5- Guamaré
- 6- Macau
- 7- Mossoró
- 8- Pendências.

artesanato em couro, palha, juta, cerâmica e produtos industrializados. Pode-se adquirir uma infinidade de ervas medicinais nas bancas dos raizeiros.

Mossoró possui uma boa rede hoteleira e comidas saborosas e bem típicas da região.

A rede de estabelecimentos de ensino compreende os três níveis (ver o quadro I). Possui um bom campus universitário e vários cursos reconhecidos, como também a única Escola Superior de Agronomia do Estado e do Nordeste, a qual está situada na zona semi-árida e possui um corpo docente bem qualificado.

5.7. Seridó

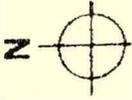
A terceira e última Micro-Região escolhida foi a do Seridó. Está localizada na bacia hidrográfica do rio Seridó, afluente do rio Açu, ocupando a parte do Centro Sul do Estado. É formada por 22 municípios, sendo que a zona escolhida para estudo é Caicó, por ser o centro urbano mais desenvolvido da região e o terceiro do Estado.

5.7.1. Aspectos físicos

Tem uma área de 1.328 quilômetros quadrados, área da sede de 6,57 Km². A altitude média é de 157 m, o clima é semi-árido quente, resultante da massa equatorial atlântica. Temperatura máxima de 38° e mínima de 18° centígrados. As precipitações pluviométricas variam de 400 a 700 mm por ano.

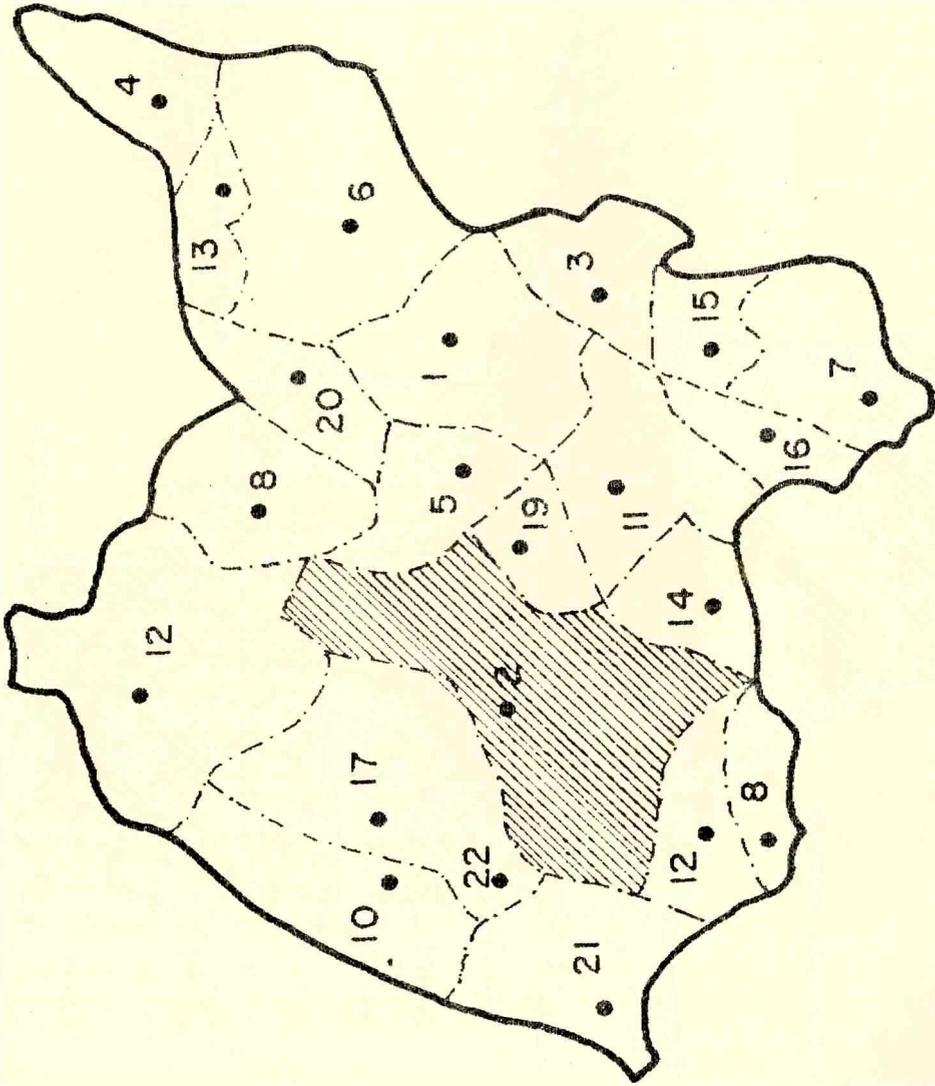
O relevo caracteriza-se, em geral, pelas colinas achatadas ou arredondadas, com pequenas declividades.

A região, como vimos, é cortada pelo rio Seridó, na direção SE-NW, destacando-se o trecho final do rio. Espinharas, que atravessa na direção sul-norte, banhando a cidade de Serra Negra. Possui, ainda, inúmeros outros cursos d'água me-



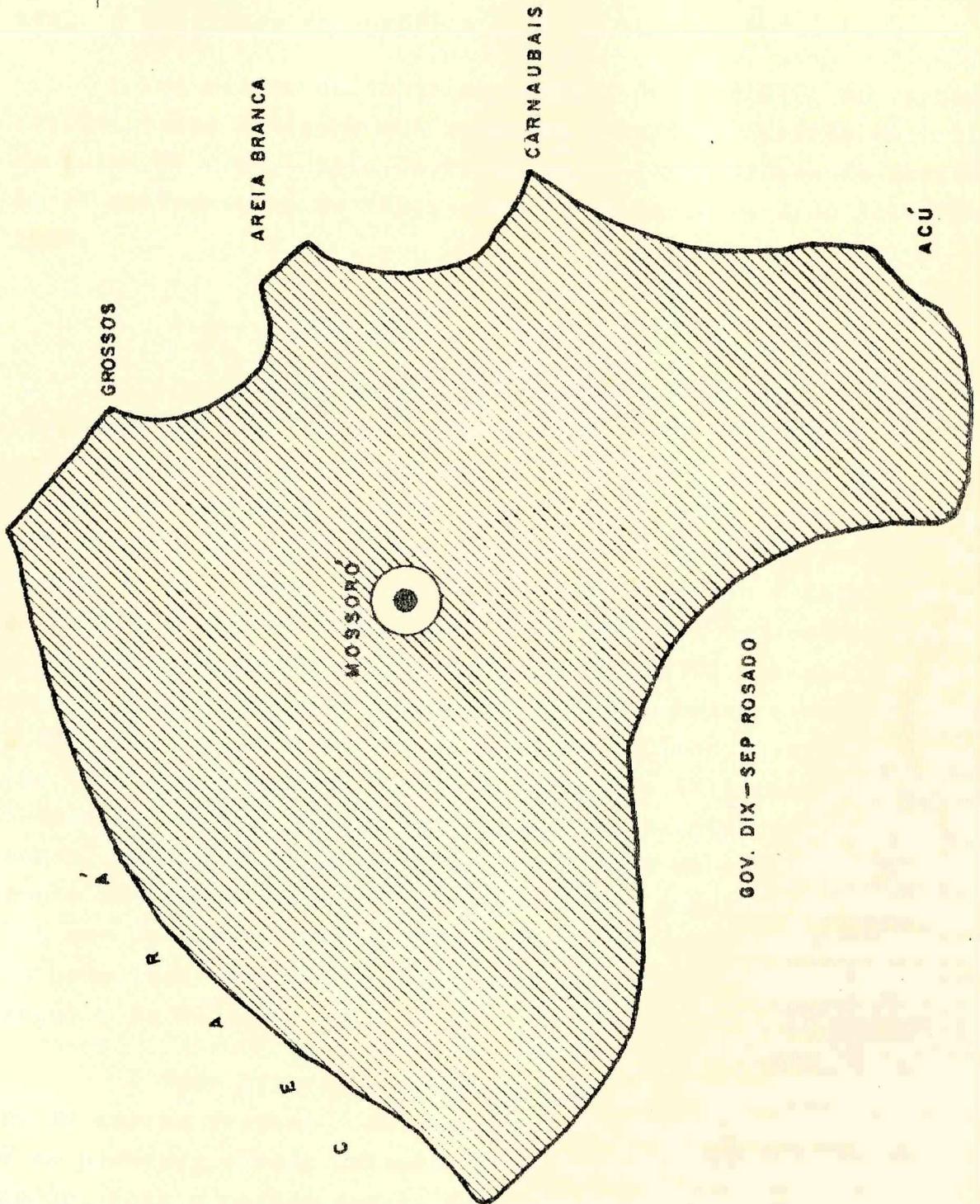
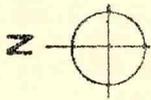
ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

MICRO REGIÃO DO SERIDÓ



- 1- Acari
- 2- Caicó
- 3- Carnaúbas dos Dantas
- 4- Cerro Corá
- 5- Cruzeta
- 6- Currais Novos
- 7- Equador
- 8- Florânia
- 9- Ipueira
- 10- Jardim de Piranhas
- 11- Jardim do Seridó
- 12- Jucurutu
- 13- Lagoa Nova
- 14- Ouro Branco
- 15- Parelhas
- 16- Santana
- 17- São Fernando
- 18- São João do Sabugi
- 19- São José do Seridó
- 20- São Vicente
- 21- Serra Negra do Norte
- 22- Timbaúba dos Batistas.

ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
MUNICÍPIO DE MOSSORÓ



GOV. DIX-SEP ROSADO

nos rios são temporários, em virtude das irregularidades pluviométricas.

A população, segundo o Censo Demográfico de 1970 é de 36.521 habitantes, população urbana de 24.583 e rural de 11.938 habitantes. A estimativa para 1979 é de 43.408 habitantes. A densidade demográfica é de 27,59 hab./Km².

A origem do topônimo, CARIRI ou TARAIRIÚ, do grupo CAICÓS, tribo indígena que habitava a região. Criado em 31 de julho de 1788. Vila do Príncipe em 1868, cidade de Seridó em 1º de fevereiro de 1890. Cidade de Caicó em 7 de julho de 1890.

5.7.2. Ocupação do espaço

Caicó está dividido em propriedades rurais, 2.138 propriedades, não havendo terras devolutas. Região rica, suas condições de terra e pastagens fez com que o criador desper—tasse para desbravar e ocupar para poder desenvolver uma criação de gado extensiva, passando a ser explorada a partir do século XVII, sendo, portanto, a criação bovina o fator primordial e o esteio econômico. A criação foi bem desenvolvida e os rebanhos bovinos são em número de 29.900 cabeças, os caprinos 3.530 cabeças e os ovinos 14.000 cabeças e suínos com 1.850 cabeças. Enquanto a criação de eqüinos, assininos, muares é insignificante. A partir do século XVII começaram a se formar os primeiros núcleos familiares, surgindo, posteriormente, outras atividades econômicas, além da criatória. Para tanto foi necessário, em primeiro lugar, expulsar os silvícolas que habitavam essa região. Depois disso foram surgindo os primeiros povoadores, vindos de Pernambuco (Goiana e Iguaraçu) e da Paraíba.

Tudo girava em torno do gado. Havia o aproveitamento de terras "frescas" dos açudes (765 açudes e 87 barragens) e se plantava várias culturas de subsistência: batata doce, algodão, pois o caroço servia de ração para o gado. Daí o binômio algodão/gado ser o sustentáculo econômico da região.

Existem, em Caicó, atualmente, três usinas de beneficiamento de algodão, três fábricas de óleos vegetais, que têm como sub-produto a torta de caroço de algodão e o linter. Conta Caicó com duas beneficiadoras de arroz e milho, duas fábricas de sabão, uma de mosaico, duas fábricas de gelo, duas de calçados, uma de caixas de papelão, 3 de esquadrias de madeira, 2 de ferro, uma de parafusos e porcas, uma de molas para veículos, uma de coloral, um cortume, quatro panificadoras, uma construtora, três fábricas de móveis, quatro hotéis, oito pensões, dez restaurantes, quatro churrascarias, duas tipografias, três fotografos. Possui 642 casas de comércio, sendo estabelecimento de vendas a varejo e 46 de vendas por atacado.

Em Caicó se localizam os Sindicatos dos Produtores Rurais de Caicó e o Sindicato dos Produtores Autônomos. Também lá está a Associação Comercial de Caicó.

Possui duas Lojas Maçônicas, 5 Associações Desportivas, um Clube de Diretores Lojistas, o Rotary Clube de Caicó, Itans Iate Clube, dois cinemas, 1.343 telefones em serviço e a capacidade das centrais é de mil e quinhentos telefones.

O Município possui 574 veículos de passageiros, sendo 550 automóveis, outros 26, de carta 246, caminhões 149, outros noventa e sete.

As artérias públicas são representadas por seis avenidas, 155 ruas, seis praças e oito bairros.

O Município de Caicó produz o melhor algodão (o mocô, de fibra longa, sedoso e resistente) do Brasil e um dos melhores do mundo. Não menosprezando ou desvalorizando o de São Paulo, dos Estados Unidos, nem o da Índia, perde apenas para o do Egito. O chamado "ouro-branco" do Seridó diferencia-se do do Egito nos seus processos rotineiros de cultivo, sendo o egípcio cultivado com técnicas mais avançadas e eficientes ⁽¹⁶⁾

(16) MEDEIROS, José Augusto Bezerra de - O sal e o algodão na economia potiguar. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1948, pp.27-28 e 35 (discurso proferido na Sessão de 11 / 11/1947).

O processo histórico do Caicó advindo dessa forma de ocupação, possibilitou uma organização social calcada na família patriarcal. Hoje, resistindo ao tempo e às evoluções sociais, políticas e econômicas, certas famílias permanecem com o poder de decisão, acarretando muitos conflitos entre os pais e os filhos, por estes últimos não aceitarem tal situação.

5.7.3. Saúde

A partir de um estudo feito na região por Dom Adelino Dantas ⁽¹⁷⁾, pode-se ter uma idéia das principais moléstias mais difundidas na região. A pesquisa abrange desde os anos de 1789 até 1838, perfazendo, portanto, um total de 49 anos. O estudo pretendia chegar até os anos do cólera-morbus, mas devido a precariedade das fontes não foi possível. O trabalho está dividido da seguinte forma:

- a) estrutura de um atestado de óbito
- b) número em décadas e
- c) destaques.

Mostra as dificuldades e a precariedade social, demográfica e sanitárias médica e farmacêutica da época. Partindo desse ponto pode-se comparar como viveu essa comunidade e como vive nos dias atuais, dispondo de meios mais sofisticados de terapêutica, melhores meios de comunicação e um grau mais elevado de mentalidade, mesmo assim ainda há incidência de certas doenças. Vejamos os dados relativos aos anos de 1789 e 1838.

(1) DANTAS, Avelino (Dom) - De que morriam os sertanejos do Seridô antigo. Diário de Natal, quarta-feira 2 de agosto de 1978.

"Nos 2.201 termos de óbitos de pessoas que repousam nas igrejas e cemitérios do Seridó, vem declarados os nomes de mais de uma centena de doenças então conhecidas ou supostas, o que constitui utilíssimo subsídio informativo: o povo morria (grafia da época) de: 'Asma e afogamento n'água ou no sangue, achaques na barriga e ar corrupto, apoplexia e antraz, ânsias e abcesso do umbigo, aborto e almorroinas cegas, apostema e pancadas de bordão (cacetadas) bexigas ("maldita peste das bexigas", Gemião Visitador Fernandes, ao lavrar o óbito de Dona Ana Filgueira de Jesus, mãe do Padre Guerra e sua avó materna e vítima da mesma peste), de aranha (há até cientistas que chamam de inofensivas as repelentes caranguejeiras). Camxas ou cãibras de sangue, corrução de amorroinas e cancro, chagas de ventre e chagas lazarianas, chagas do corpo e chagas gomosas, chagas de cabeça e catarrão ama-lignado, mordida de cão danado e cesoens, carbun-culo e constipação, feridas na garganta, feridas no utero e ferida cancerosa, moléstias interior e indigestão, moléstias histéricas".

Atualmente, são relacionadas com o aparelho respiratório e com os órgãos da nutrição, gripe (incidência quase que uma constante), tuberculose, pneumonia, e doenças do fígado, gastro-enterite, desinterias e febres tifóides, moléstias sifilíticas, câncer, tumores malignos. Quase que atualmente há casos quase-epidêmicos de gripe, de tifo, de varíola, alastrim, sarampo, coqueluche, casos isolados de difteria.

São usadas em larga escala as vacinas preventivas contra varíola, sarampo, febre tifóide e difteria. generalizadas entre a população urbana e rural. Caicó tem um hospital, uma maternidade, oito postos de saúde na zona urbana, dois nos distritos, quatro na zona rural, possui 25 médicos (de várias especialidades), oito dentistas, três farmacêuticos (possui seis farmácias bem sortidas), três enfermeiros, 238 auxiliares de saúde, dois veterinários.

5.7.4. Formas de convívio social (feiras, festas, procissões, sambas)

Uma grande atração turística que traz grande número de turistas e devotos é a Festa de Sant'Ana, pa-

droeira do Sertão. O dia é de 26 a 29 de julho, sendo feriado municipal. Isto representa uma semana inteira de festas. São dez dias de novena, de bailes, de vaqueijadas, há inúmeros parques de diversões montados, acontece o tradicional passeio na praça após o término da novena, as paqueras, o alto-falante anunciando:

"Alô, Alô Fátima escute esta gravação que um alguém lhe oferece com um colar de beijos",

bailes das debutantes, dos Coroas, das Cocotas, banhos no Iate, piscina da AABB, Procissão dos Motoristas. Os caicoenses o ano inteiro na expectativa, é incrível, todos os caicoenses e todos os dias tanto o homem como a mulher exibem roupas (os mais variados tipos) das mais sofisticadas às mais simples. São exibidas jóias. Os residentes hospedam os conhecidos, pois os hotéis não comportam o número de visitantes. Desde cedo já se pode sentir o cheiro das deliciosas paneladas, buchada, vatapá, caças torradas, dos famosos e deliciosos doces de Caicó, todos esses pratos podem ser adquiridos nas barracas armadas no pátio da Igreja. Os bilinhos, sequilhos, frutas e produtos regionais são leiloados. Para se ter uma idéia, quem quiser assistir a mais bonita e tradicional festa do Estado, tem que fazer reservas com um ou dois meses de antecedência. Apesar do fervor aos santos padroeiros e outros, há um grande número de curandeiros, ervateiros, raizeiros, curiosas, e rezadeiras. Dentro do folclore perduram as danças típicas, a dança dos negros e a vaqueijada.

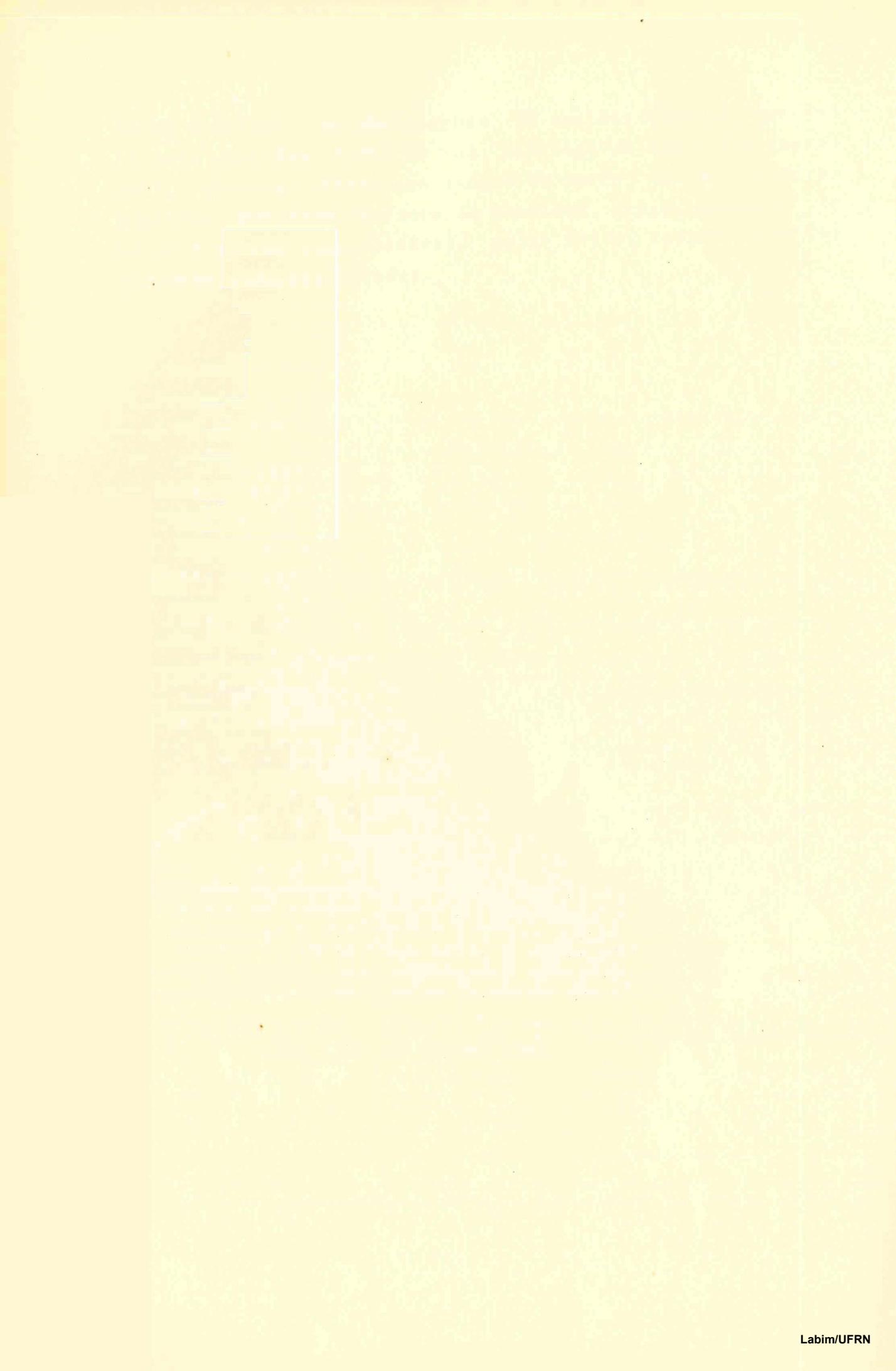
A tradicional festa do Rosário, ou os Negros do Rosário, ou melhor o culto da Irmandade Nossa Senhora do Rosário dos Pretos (em Caicó, no Jardim do Seridó e em Parelhas). Há a coroação dos Reis e Rainhas negros do ano, com desfiles de zabumbas, vestidos com roupas nas cores azul e branco, as tradicionais cores de Nossa Senhora.

A feira é realizada aos sábados e às quartas-feiras em alguns de seus municípios. Há uma grande difusão do artesanato local. Peças de couro, de palha, de cerâmica, os famosos bordados à mão (são tão perfeitos que não se distingue o aves-

so do direito), os repentistas, há comidas típicas, queijos os mais variados, carne de sol, manteiga da terra (em garrafas), chouriço (feito com sangue de porco, mel de rapadura, castanha, gergilim, farinha de mandioca, cravo, pimenta do reino e outros ingredientes), peixe frito, tapioca e muitos produtos industrializados.

*Desde que no Alto Sertão um rio seca,
A vegetação em volta, embora de unhas,
Embora sabres, intratável e agressiva,
Faz alto à beira daquele leito tumba.
Fal alto à agressão nata: jamais ocupa
O rio de ossos areia, de areia mûmia.*

João Cabral de Melo Neto



6. A VIDA SOCIAL: A VIDA SÃ

6.1. A vida no campo

O cenário da vida do homem do campo é marcada pela solidão, pelo sacrifício, pela luta contra o seu principal inimigo: os fenômenos naturais, as pragas, a seca e as inundações que causam problemas econômicos, políticos e sociais. A escassez de chuvas, a quase esterilidade do solo, a arcaica estrutura agrária, a não possibilidade de aquisição de máquinas e implementos agrícolas em virtude do alto custo proporciona péssimas condições de vida, afetando-a no seu processo de desenvolvimento, de mudança social e cultural. Mudança no sentido de transformação de técnicas de trabalho e de valores culturais. Não só o riograndense do norte está inserido neste contexto, mas, o homem nordestino de um modo geral. Biologicamente todos os homens têm semelhança em todo o globo terrestre. Ratzel afirmava:

"Que cada povo traz em si as feições da região que habita. E é certo também que cada povo traz em si, no seu nicho cultural, todas as virtudes e vícios seculares das regiões que antecederam. Disso ninguém se libertará tão cedo. Porque só evolucionariamente o homem passa a aceitar as mudanças culturais e sociais. Eis um processo lento, complexo, sutil" (1).

A agricultura é a própria vida, é o seu cotidiano, é o seu mundo. O sertanejo vive em função do tempo, mas, como ele é

"antes de tudo, um forte"
resiste às intempéries em busca de sua própria vida que se esvai na fome e nas caatingas.

(1) MELO, Veríssimo de - Ensaio de antropologia brasileira. Natal, Imprensa Universitária, 1973, p. 54.

Em geral, a maior parte da mão-de-obra masculina é que está incumbida da tarefa da plantação, do cultivo, da colheita, da pesca e da caça. Isto não implica na não participação da mulher nas lavouras. Mas, estas ajudam, em geral, nas colheitas, cabendo à mesma, a maior parte dos cuidados dos mésticos e trabalhos artesanais. Caicó se destaca nos seus famosos bordados à mão ou à máquina. São tão perfeitos que difícil se torna saber qual o direito e qual o avesso do bordado. Devido a infiltração de turistas e a propaganda dos bordados de Caicó, estes encareceram bastante. Hoje chega a ser "status" dizer: o enxoval de "fulana" foi todo feito em Caicó.

Além das bordadeiras, em quase todos os municípios do Rio Grande do Norte, existe um artista e/ou artesão famoso pelas obras que executa.

Na cerâmica popular, utilitária, como alguidares, potes (depósito para água), quartinhas, tijelas, são encontrados facilmente nos mercados públicos e nas feiras livres. Sendo as cerâmicas mais famosas as dos municípios de São Gonçalo do Amarante e de Santo Antonio dos Barreiros.

6.2. Vida na cidade - Modificações cotidianas

O homem urbano tem uma vida um pouco mais agitada. Isto em virtude do "progresso" ter-se infiltrado, não totalmente, pois o tradicionalismo e o conservadorismo não o permitem, sendo preservados certos hábitos, técnicas e métodos de trabalho rotineiros, contudo, houve melhoras nessas técnicas, nos métodos e mesmo nos hábitos que sofreram uma adaptação. Para o ingresso, ou melhor, para a transformação e imposição de inovações é necessário muita paciência, um longo processo de manipulação das pessoas e, se, conseguir ultrapassar as barreiras culturais, sociais e psicológicas e, daí, sim, se adentrar no seu mundo até então inviolável, sagrado e intocável. Isto porque o homem do Rio Grande do Norte é cheio de misticismo e valores culturais. Mesmo assim, o processo de desenvolvi

mento e de mudanças podem ser vistos a cada dia, mesmo que se ja lento, mas já se percebe de uma certa maneira, a preferência por certas comodidades que a engenharia e a tecnologia têm apresentado nos últimos tempos, e que podem proporcionar ao indivíduo aquilo que podemos chamar de "viver bem" e induzi-lo a fazer parte da sociedade de consumo provocada pelo impacto da propaganda massificando a toda hora. Nos mais jovens há uma grande aceitação, enquanto nos mais velhos há uma certa resistência para aceitar inovações nos seus padrões culturais, sociais, morais e psicológicos.

Toda essa gama de indústrias fez com que houvesse uma modificação na fabricação caseira de certos alimentos, roupas, remédios e no seu "modus-vivendi".

O próprio processo de desenvolvimento foi provocando a separação daquele elo existente na família e exigindo da mulher que, antes, era doméstica, mãe-de-família e tida como caseira, a fazer parte dessa engrenagem como contribuidora de esforços fora do lar, para, juntamente com seu cônjuge, pais ou irmãos, obter meios melhores de sobrevivência, apesar de sacrificar a sua participação ativa no lar como educadora dos filhos. Isto tem provocado desajustes conjugais e atritos com os filhos. É o que se pode perceber, não existe mais aquele respeito mútuo pais x filhos x pais. Acabaram-se os valores, o brio, aquele verniz. Hoje, há apenas transparências. Transparência no sentido de não ser real esse relacionamento.

A sociedade moderna exige da mulher, ou melhor, a mulher atualmente não aceita ser rotulada como a alguns anos atrás. Hoje é participante, galgando a escalada dos conhecimentos científicos, mesmo com a aspereza encontrada pelo caminho, por ser mulher, impossibilitando-a de chegar ao cume ou até mesmo ao primeiro degrau de certas profissões, até então privilégio dos homens.

A sociedade moderna escravizou o homem ao fator tempo. Tudo é cronometrado e faz com que o homem perca a sua in

dividualidade, existindo apenas o número como sua identificação em cheques, filas e documentos. Esse é o preço de sua própria ambição de conquista, embora a cada dia sua liberdade vai se tornando cada vez menor.

As inovações tecnológicas introduzidas nas comunidades rururbanas fez com que certos hábitos, costumes, estilos de casas e de vida fossem criados e modificados. Vejamos, a televisão acabou, praticamente, com a frequência aos cinemas, isto por ser mais cômodo e mais barato ver os filmes em casa, recostado em um sofá do que se locomover, enfrentar uma fila e ficar duas ou mais horas sentado em uma poltrona, muitas vezes, pouco cômoda.

O progresso conseguiu exterminar, quase, os cantadores de viola, os repentistas, a sanfona, as tradicionais serestas, as retretas no coreto, as festas populares de um modo geral (que no mundo de hoje, moderno, são tidas como cafonas). Felizmente, graças ao homem do povo, aquele que ainda sente, alguma coisa conseguiu sobreviver, pois algumas das manifestações populares, mesmo indo de encontro com as estruturas modernas do mundo atual, ainda são demonstradas, ainda são vividas.

A sociedade tecnológica provocou a quebra do tabu de que só o pai-de-família era o único meio condutor como força propulsora de bens materiais para o lar. Em outras palavras, era o único que trabalhava para sustentar a família. Hoje, é necessário que pais e filhos trabalhem como uma única força de trabalho.

6.3. As formas de vida: lazer em Mossoró, Natal e Caicó

Mossoró, fica entre Natal e Fortaleza, daí sofre influências dos dois lados. Cidade pacata, bonita e de grande progresso, considerada a capital do Oeste Potiguar.

Tem vida social relativa, bons restaurantes, churrasarias, vários clubes, bares e uma linda praia, a de Ti-

bau que é famosa pelas suas areias coloridas, um pequeno aeroporto, bons hotéis, com piscina térmica, além de estação hidromineral.

O meio de transporte mais utilizado pelo mossoroense é a bicicleta. Atualmente um número relativamente alto de motocicletas, carros do ano, taxis e ônibus, tanto urbano como interestaduais. Ainda se pode ver a carroça, o burro, o cavalo e o carro de boi, como também todos os tipos e marcas de carros do ano.

Quanto à vestimenta é bem atualizada, já não se vestem as roupas típicas de interior. Isto não quer dizer que não exista alguém que use chapéu de couro ou palha, alpargatas de rabicho (em couro) ou sandália japonesa, calça azul de mescla ou de cor cáqui. Contudo, isto só é encontrado entre o pessoal do mundo rural.

Ainda são vistas casas simples e centenárias, como também se encontram verdadeiras mansões com todo o conforto e sofisticação.

A festa religiosa mais tradicional é a da padroeira que é Santa Luzia. A cidade se transforma, há grande movimentação. São organizadas verdadeiras romarias, com a chegada de devotos das redondezas e os da terra. Barracas são armadas no pátio da Igreja, são vendidas comidas típicas, bebidas, artesanato em couro, palha, juta, vime, madeira e cerâmica. Há parques de diversões, ocasião em que as famílias exibem seu poderio econômico, vestindo-se de maneira fina, arrematando nos leilões a preços altos.

Existe uma feira permanente, onde se pode adquirir peças de artesanato, verduras, frutas e cereais.

Natal é uma cidade litorânea. O natalense é descontraído, hospitaleiro e comunicativo.

A principal forma de divertimento é representada pelas praias lindas, cheias de beleza natural, ainda não contagiadas pelo progresso, com suas águas límpidas e cristalinas,

além do rio Potengi que se presta para passeios de barco, lanchas e para praticar o esqui aquático, possibilitando, às suas margens, a observação de um lindo por do sol, com uma visibilidade de 360° de mar e rio, podendo-se ver o nascente e o poente. O natalense desfruta o ano todo de sol, pois é praticamente verão o ano todo, daí o "slogan", Natal, cidade do sol.

A orla marítima está cheia de barzinhos e sopra uma brisa constante, tornando o local bastante aprazível.

O natalense, de modo geral, é vaidoso, se veste à carioca. Todos ou quase todos se vestem bem, compram em boutiques, roupas vindas do Rio de Janeiro, de São Paulo e, mesmo, importadas do exterior.

Quanto ao tipo de música, a norte-americana é a mais aceita, porque o natalense sofreu influência americana, na época da guerra. Há inúmeras casas de músicas populares, onde são tocadas apenas músicas sertanejas, folclóricas, de gafieira, baiões, chachados.

As boites são as mais sofisticadas em termos de equipamentos de som e de ambiente.

Natal dispõe de bons hotéis, possibilitando ao turista opção em se hospedar, o Ducal Palace Hotel (quatro estrelas), em seguida o Samburá, o Hotel Internacional dos Reis Magos e outros, sendo que os dois primeiros estão localizados no centro da cidade, enquanto o último é bem próximo e de frente para o mar.

O ponto alto para o turista é a tradicional feira do alecrim, onde cerca de quatro a cinco quarteirões ficam cobertos de barracas, formando um emaranhado de coisas, pessoas e cores. Mesmo com os grandes supermercados existentes na cidade, não se consegue acabar e nem sequer diminuir a frequência às feiras, onde se pode ver pessoas de todas as camadas sociais. Lá se pode adquirir desde o pescado, a caça, carnes as mais diversas (de boi, de carneiro, de porco, seca ou de sol), miúdos de toda espécie, artesanato de couro, de vime, de sisal, de corda, de juta, de palha, de cerâmica, de madeira e

de lata (carrinhos para crianças, lamparinas, pegadores de brasa, bacias e fogões à carvão), boneca ou bruxa de pano como é conhecida, frutas de um modo geral (tanto regional como inter-estadual), cereais de toda espécie e produtos industrializados. Realmente, é um cenário impressionante. As pessoas começam a se aglutinar na sexta-feira à tarde e vão até às 18:00 ou 19:00 horas do sábado, que é o verdadeiro dia da feira.

A vida social é intensa, havendo boas programações nos clubes existentes e teatro, com a vinda de artistas nacionais famosos, bem como a apresentação de peças com profissionais locais e do país.

Cinema, existem apenas quatro, dois de primeira qualidade que, contudo já não apresentam a mesma assistência, pois os filmes exibidos não são interessantes e a televisão proporciona divertimento mais interessante.

Os meios de transporte utilizados são, predominantemente, o ônibus, que não é suficiente e não oferece grandes condições. Usa-se o taxi e o carro particular. É interessante salientar mais uma vez, o incrível número de carros do ano, para se ter uma idéia, quase não existem carros velhos nas praças de taxis.

Quanto ao tipo de moradia, existem desde as mais simples às mais sofisticadas. Alguns bairros existem com verdadeiras mansões com jardins de inverno, sauna, piscinas e boite. Ultimamente a cidade está com febre de construções.

Quanto às festas cívicas, a mais importante é a da data da Independência, onde há o desfile das três forças armadas e dos colegiais. São comemorados nas repartições e nas escolas, o Dia do Soldado, o dia do Descobrimento do Brasil, o dia da Bandeira, o da Proclamação da República e da Libertação dos Escravos. Há também desfiles quando da abertura dos jogos inter-colegiais.

Em Caicó, as atrações turísticas e cotidianas são poucas. Em relação ao aspecto natural a Gruta da Caridade, que se encontra a 24 quilômetros da cidade, na serra do mesmo nome e o açúde Itans, que está a seis quilômetros da cidade são as atrações. Caicó não possui estâncias climáticas. As entidades sócio-culturais são poucas. Entre elas o Clube dos Oficiais do Primeiro Batalhão de Engenharia (COBEC), a Associação Atlética do Banco do Brasil (AABB), vários barzinhos, lanchonetes, cinema e churrascarias.

O caicoense realiza bailes familiares, pique-niques e outras reuniões sociais, sendo que no mês de julho a cidade se transforma em virtude da festa de Nossa Senhora de Sant' Ana filha da Virgem Maria, que é realizada há 232 anos. São dez dias de programação intensiva. A cidade recebe visitantes de vários Estados do país, filhos da terra, pagadores de promessas e devotos. É a maior festa religiosa do sertão, tem início com uma passeata, saindo de frente da catedral e terminando com uma procissão de uns 50 mil devotos.

Na praça, ao redor do coreto (o ponto mais alto da paquera) está armado o parque de diversões, com as barracas de fogos de artifício e comidas típicas. O tradicional alto-falante anunciando a toda hora

"Alô, alô Margarida, escute essa gravação, que um alguém lhe oferece, apaixonadamente, com um colar de beijos".

É comum ver-se cantadores de viola, tocando músicas folclóricas e repentistas, e, ouve-se, também músicas atuais. São dez dias de animação, de "cana", de baile das debutantes, dos Co-roas, das Cocotas, os banhos no Iate, na piscina da AABB, procissão dos motoristas, vaqueijadas. Os cavaleiros usam botas, chapéu, às vezes, de couro. O vaqueiro, geralmente, usa calça, gibão ou vesta e chapéu de couro. O prêmio para o primeiro lugar é um carro e taça, em dinheiro ou em reses.

O caicoense passa o ano inteiro economizando e na expectativa com os preparativos para o dia 26 de julho que é feriado municipal. Na praça, ao redor do coreto, ocorrem verdadeiros desfiles de moda. Todos, em geral, desde o mais ri-

co ao mais pobre, têm que exhibir, quase que religiosamente todas as noites um vestido e sapatos novos. São roupas atualizadas. Aqueles que são mais abastados compram nas boutiques mais sofisticadas de Natal, quando não mandam comprar no Rio de Janeiro ou em São Paulo. Isto sem falar nas verdadeiras joalherias ambulantes.

A cidade possui seis hotéis, os quais, neste período não comportam o número de visitantes, sendo necessário, como já foi mencionado, fazer-se reservas com antecedência de até três meses. A outra possibilidade é a de hospedagem em casa de parentes ou amigos.

Com um pouco mais de 50 mil habitantes, Caicó, é uma cidade limpa, bonita, não existindo poeira, poluição, resíduos de fábricas, o ar é puro, sem fumaça e, tanto o turista como os filhos da terra podem coexistir com a natureza.

Existe um plano de urbanização, as praças são bem arborizadas, cheias de flores, chegando a exalar um perfume agradabilíssimo.

Um dos motivos de o caicoense poder desfrutar da natureza é que a industrialização não chegou, ainda, a poluir tanta coisa maravilhosa. Mas, o progresso, encurtando distâncias, trouxe modificações em muitos hábitos e costumes. Já não se escuta, com frequência, música sertaneja, mas sim, a norte-americana, os sambas. A música folclórica é tida pelos mais jovens como cafona e antiquada para quem a escuta. Nos bailes e festas já não se toca música da velha guarda, as quais foram substituídas pelo som estridente das discotecas. O rádio de pilhas, a sanfona, a rabeca e o pandeiro, foram trocados por equipamentos de som os mais sofisticados.

O cinema, como nos outros municípios, foi substituído pela televisão. O carro de boi, o cavalo e a carroça, já não constituem os meios de locomoção mais utilizados, sendo substituídos pelo carro do ano, pela bicicleta, pela lambreta, por motocicletas nacionais e importadas.

A indústria caseira já não é tão aprovada, foi sen-

do substituída, aos poucos, pelos produtos industrializados . O pilão, o moinho, a peneira, foram substituídos pelo liquidificador e bateadeira elétrica.

Os estilos das residências também sofreram modificações. São os mais modernos, obedecendo os padrões arquitetônicos atuais e mais estilizados.

Como em toda sociedade moderna, a estrutura familiar já não é mais tão rígida, há casamentos com fissuras, desajustes, trazendo para os filhos graves problemas, sendo que Caicó como é uma cidade pequena e interiorana, ainda é resguardada por certos preconceitos, certos tabus. O desquite, o divórcio ou separação ainda não são obtidos, isto porque as piores conseqüências recaem na mulher que se torna marginalizada pela sociedade da qual faz parte. Daí muitos casamentos existirem apenas "nas aparências". Já imaginaram o desgaste emocional e psicológico desses cônjuges e filhos. Mas, existem aqueles que ultrapassam as barreiras sociais e enfrentam uma realidade árdua, embora tanto ele (ou ela) sejam tidos como um vírus contaminador entre as pessoas sãs.

As festas cívicas mais comemoradas são: a parada militar do dia do Soldado e o dia da Independência do Brasil. E nos colégios e nas repartições públicas, o dia do Descobrimento do Brasil, o da Libertação dos Escravos e o da Proclamação da República.

Quanto ao aspecto econômico das três regiões, temos a ressaltar que a agricultura é um fator dos mais importantes na economia do Rio Grande do Norte, porque o setor primário contribuiu, no ano de 1970, em 45% na formação de sua renda interna. O pequeno número de produtos agrícolas no Estado, representa 67% do valor da produção do setor, sendo, portanto, considerada uma economia essencialmente agrícola.

A estrutura econômica que é baseada no Setor Primário pelo conjunto de atividades da lavoura, extrativismo vegetal, produção animal e derivados. Noventa e cinco por cento deste setor, advém do algodão, do sisal, do feijão, da mandio

ca, do milho, da banana, da cana-de-açúcar, da batata doce, da cera de carnaúba, da criação de gado bovino e derivados (corte e leite). Essas culturas alimentares, destinam-se, em grande parte, ao consumo do próprio produtor.

Quanto à atividade industrial, o Estado do Rio Grande do Norte, apresenta um acentuado crescimento. Atualmente, tendendo a ocupar uma posição de destaque dentro da estrutura econômica estadual.

O Setor Industrial é formado pela Indústria Extrativa Mineral, Têxtil, de Produtos Alimentares, de Confecções e pela Indústria Química, dando ao Estado, 90% do valor da produção. Entre estes destacam-se o das Confecções e do extrativismo mineral. O Setor Terciário tem uma boa posição na estrutura global do Estado, isto se considerando a sua participação na formação da renda interna.

Em 1970, segundo dados fornecidos pelo IBGE, a população total do Estado era de 1,5 milhões de habitantes, representando 5,5% do total da região e menos de 1% da renda interna do país. A taxa de crescimento populacional era de 2,4% ao ano, entre 1950 e 1970, e a do Nordeste foi de 2,2 por cento.

Cinquenta e seis por cento da população total do Estado é formada por pessoas com menos de 20 anos. A força de trabalho, economicamente ativa, está na faixa etária de 29 a 49 anos, somando 32,5% do total da população.

A ocupação da mão-de-obra, em 1970, representava 2,7% da população total. Esse baixo percentual sendo explicado pelo considerável número de menores, entre 0 e 9 anos e mulheres não agregadas ao trabalho.

Quanto à disponibilidade de mão-de-obra, está entre a taxa de crescimento urbano (5,3%) e a taxa de crescimento natural da população (2,4%). Esse excedente, ou seja, 2,9% é resultante da liberação das atividades rurais. Daí a indústria poder contar com esta reserva.

O Governo Estadual, com outras instituições, tem dis

pensado atenção no tocante à qualificação dessa mão-de-obra , com programas de ensino profissionalizante. Estando como participante a Secretaria de Educação do Estado, o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial - SENAI, o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - SENAC, o Programa Intensivo de Preparação da mão-de-obra - PIPMO e a Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte - ETFERN.

Quanto à formação de nível superior, o Estado dispõe da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, com um Campus Central na capital do Estado e Centros-Regionais , com sedes nas cidades de Currais Novos, Caicó e Macau. A Universidade Regional do Rio Grande do Norte - URRN, com um campus central em Mossoró e dois "campi" avançados nas cidades de Açu e Pau dos Ferros e Escola Superior de Agricultura em Mossoró. Anualmente, estas instituições oferecem mais de três mil vagas.

Em relação à agricultura, a renda do setor depende das culturas de mercado: algodão, sisal e cana-de-açúcar.

No extrativismo vegetal, destaca-se a cera de carnaúba com sua produção dirigida para o mercado internacional.

A bovinocultura é a principal atividade do Estado no setor animal. Há, contudo, um déficit de 16 mil cabeças /ano, mesmo com o aumento do rebanho. O Estado, atualmente, desenvolve um Projeto Limousin (Programa de Desenvolvimento da Pecuária) com o gado de origem francesa, possibilitando a melhoria da qualidade do rebanho (peso/animal) num período de 5 a 10 anos. Toda a produção é auto-consumida nas fazendas, dando ao trabalhador rural a alimentação básica e o excedente é vendido.

A indústria ainda é pouco significativa na estrutura global de produção, contribuindo apenas em 10% na formação da renda interna do Estado. Há predominância, no Estado, das indústrias de pequeno e médio porte, encontrando-se formas de produção artesanal, com exceção de alguns ramos, como a indústria extrativa mineral, de confecções e outras integrantes do

parque têxtil do Estado) que estão em processo de modernização.

Na indústria extrativa mineral destaca-se a extração do sal marinho, scheelita, mármore, caulim e diatomita.

No que diz respeito à produção local dos principais produtos de cada Micro-Região em estudo, tentaremos estabelecer um paralelo entre estes.

Natal

Esta Micro-Região tem como principal produto agrícola a cana-de-açúcar que é cultivada na zona litorânea. Atualmente são plantados nas encostas dos rios e nos tabuleiros costeiros. No seu cultivo são utilizados métodos modernos de plantio, tratamentos culturais, colheita, acréscimos, ainda, de crédito e assistência técnica. Ocupa o oitavo lugar entre os principais produtos agro-pecuários. É responsável por 83% da área colhida e 87% da produção estadual. O Estado conta com apenas duas indústrias açucareiras: a Usina Estivas S/A e Companhia Açucareira do Vale do Ceará-Mirim. A sua produção no período de 1974/77, em relação à área colhida e rendimento médio foi:

Discriminação (anos)	Área colhida (Ha)	Quantidade produzida (t)	Rendimento médio (Kg/h)
1974	14.909	681.398	45.710
1975	19.097	1.101.251	57.666
1976	21.052	1.415.399	67.233
1977	26.370*	1.621.881	61.505

Fonte: Anuários Estatísticos do Brasil e do Rio Grande do Norte, 1976. Comissão Estadual de Planejamento Agrícola-CEPA-RN.

* Área cultivada (Rio Grande do Norte - Principais produtos - Governo do Estado do Rio Grande do Norte - Secretaria de Indústria e Comércio.

Vejamos a produção de açúcar em safras do período de 1973/74 a 1977/78:

Safras	Produção (sacos de 60 Kg)	Variação anual (%)
73/74	516.427	-
74/75	633.030	22,5
75/76	757.901	19,7
76/77	1.153.347	52,2
77/78 *	1.300.000	12,7

Fonte: Instituto do Açúcar e do Alcool - IAA

* Estimativa (Rio Grande do Norte - Principais produtos - Companhia Editora do Rio Grande do Norte - CERN, 1978).

A cultura da cana-de-açúcar no ano de 1970, foi responsável pela ocupação de 8.032 pessoas. A implantação da agro-indústria pela produção do álcool, oferecerá cerca de 22.060 pessoas, isto nos setores agrícolas e industriais, conforme padrões estabelecidos pelo Plano de Expansão da Produção de Alcool do Nordeste e, pela destilaria de álcool a partir da cana-de-açúcar.

A implantação de quatro destilarias de álcool anidro, já está em funcionamento. Duas destas, uma "anexa" à Usina Estivas S/A, produzindo 60 mil litros diários e a "autônoma", a Distilaria Baía Formosa, com capacidade para 120 mil litros/dia.

A destilaria "anexa" à Companhia Açucareira vale do Ceará-Mirim - Usina São Francisco, em montagem, está prevista uma safra para 1979/80 com uma produção projetada em 90 mil litros diários. Está incluído nesse projeto e já aprovado, a implantação, em Canguaretama, de outra distilaria, com capacidade para 120 mil litros diários.

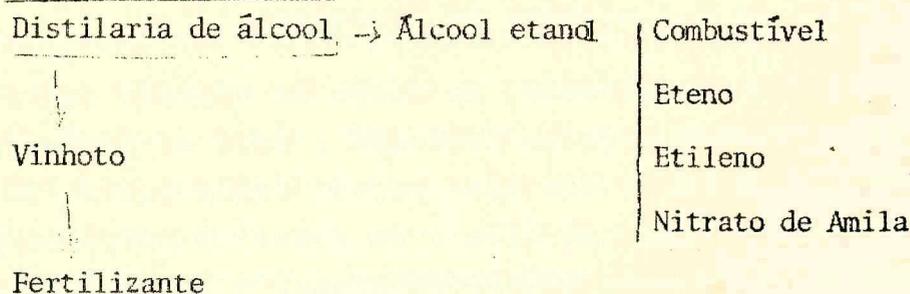
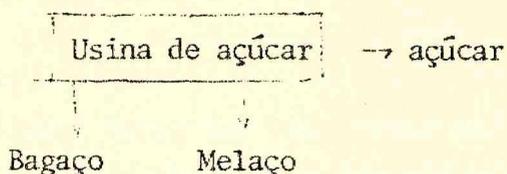
O total diário, segundo o Instituto do Açúcar e do Alcool, destas destilarias, será de 390 mil litros de álcool anidro. A produção, por safra, destas três destilarias, alcançará 32 milhões e 400 mil litros de álcool anidro.

A cana-de-açúcar é uma cultura com grande potencial de expansão, seu dimensionamento da produção é:

Área colhida - 21.000 hectares
Área potencial de expansão - 85.278 hectares
Produção - 1.500.000 toneladas ⁽¹⁾.

Quanto à utilização industrial:

Cana-de-açúcar caldo de cana → aguardente



Mossoró

É o principal centro urbano da Micro-Região Salineira Norte-riograndense e é a segunda cidade mais populosa do Estado.

(1) Dados de 1976 - Guia do Investidor - Governo do Estado do Rio Grande do Norte - Secretaria da Indústria e Comércio. Natal, 1979.

Dentro do seu potencial mineralógico destacam-se: o calcário que é empregado na agricultura, nas indústrias de construção civil, química e metalúrgica. Existe uma disponibilidade de calcário superior a 11.160.000.000 toneladas ⁽²⁾, o mármore, está qualificado como o melhor do Brasil, sendo comparado ao italiano que é o melhor do mundo. Tem excelente granulometria, brilho e resistência. Cores: cinza, branca (sendo que a branca aparece nas tonalidades gelo e areia), o negro, rosa (chegando ao avermelhado), listrado em cinza claro e em cinza escuro. A produção de mármore bruto, em 1973, chegou a 4.574 m e de mármore em placas foi 116.549 metros ⁽³⁾.

Foi no Estado do Rio Grande do Norte onde ocorreu a primeira lavra de gipsita no país, sendo que durante 20 anos foi o seu maior produtor. Em 1975 a produção bruta foi de 200 toneladas (estoque inicial e produção = 3.717) ⁽⁴⁾.

A produção de petróleo, em 1976, foi de 69.939 metros cúbicos, no valor de 35,2 milhões de cruzeiros. Atualmente a produção diária é de 560 metros cúbicos, no valor estimado de 217 milhões de cruzeiros ⁽⁵⁾.

Atualmente, no campo de Ubarana conta-se com oito poços, sendo seis em produção e dois em perfuração. O campo de Agulha conta com doze poços, sendo quatro já perfurados, dos quais três com óleo e um seco. O petróleo produzido no Estado é do tipo 32 API (Ubarana) e 30 APL (Agulha).

As primeiras produções de petróleo riograndense do norte foram destinadas à Refinaria Gabriel Passos em Minas Gerais.

O sal marinho, que é de grande importância para a economia estadual e nacional, sendo o Estado do Rio Grande do

(2) Guia do Investidor. Op. cit.

(3) Rio Grande do Norte - Principais produtos. Governo do Estado. Secretaria de Indústria e Comércio.

(4) Idem.

(5) Ibidem.

Norte o responsável por 76 por cento da produção nacional. A sua exploração extrativa teve início nas primeiras décadas do século XX e era destinada às charqueadas do Rio Grande do Sul.

As principais áreas de ocorrência, na Costa Norte do Estado, são: Macau, Mossoró, Areia Branca (com uma área de aproximadamente 450 milhões de metros quadrados, onde a salinidade das águas é de 33 a 38 g/l, sendo as melhores do Brasil para construção de salinas), Caraúbas, Galinhos, Guamarê e Grossos - Litoral Leste - Natal, Canguaretama, São Gonçalo do Amarante e Baía Formosa. Os parques salineiros mais importantes da América do Sul estão, justamente, nessa região que corresponde ao delta do rio Açu e à foz do rio Apodi ou Mossoró.

Estavam inscritas, em 1974, na Comissão Executiva do Sal, 154 salinas, mas, destas, apenas 41 funcionavam. As principais são: Salina Unidas São Pedro-São Paulo, Cristal, Morro Branco, Maranhão, Francisco Menescal e Guanabara.

Várias empresas exploram essas salinas, algumas produzem, além do sal grosso, sal moído e refinado. As maiores são sediadas em Mossoró e são: Sociedade Oeste Limitada (SOSEL), Sociedade Anônima Salineira do Nordeste (SOSAL) e F. Souto Indústria e Navegação S/A, a única com capital totalmente nacional. Em Macau estão a Henrique Lage Salineira do Nordeste S/A e a Companhia Industrial do Rio Grande do Norte (CISNE).

Os embarques de sal para o exterior — Estados Unidos e África — são feitos por meio do Porto Ilha de Areia Branca - TERMISA - único terminal salineiro do Rio Grande do Norte, ilha artificial em pleno Oceano Atlântico e que tem a capacidade de estocagem de 100.000 toneladas ⁽⁶⁾, sendo, portanto, desta forma o porto-ilha suficiente para a demanda atual e futura, vez que os navios graneleiros transportadores de sal, que aportam ali, geralmente têm capacidade va-

(6) RN Econômico, 1979.

riável de 25.000 a 35.000 toneladas (7). O ritmo de carregamento nos ancoradouros das salinas é de 400 a 450 toneladas / hora. A TERMISA tem capacidade de escoar, funcionando normalmente, 1.500.000 toneladas/ano e até duplicar esse volume (8).

A partir de 1979 a demanda do sal no Estado, com auxílio da ALCANORTE (Álcalis do Rio Grande do Norte) poderá consumir até 300.000 toneladas/ano (9). O Estado do Rio Grande do Norte, no ano de 1977, produziu 1.864.627,3 toneladas que, somando ao estoque de 31 de dezembro de 1976, permitiu a exportação de 1.573.944,6 toneladas e manter um estoque final em 31 de dezembro de 1977 de 973.824,2 toneladas (10).

Os meios de transporte utilizados para as retiradas totalizaram, para a via marítima 1.472.437,6 toneladas, representando 73,96% do volume, a rodovia atingiu 22,88%, a ferrovia 2,74% e o rodo-ferroviário atingiu apenas 0,42 por cento (11).

A produção atual está em torno de 2.223.000 toneladas, o que representa 76% da produção total do país (12).

O dimensionamento da área de produção é 112.626.000 metros quadrados e pode ser ampliada a médio prazo em mais 68.371.972 metros quadrados, o que representará um aumento de 1.745.549,3 toneladas, considerando-se um índice médio de produção destas salinas em 25 quilos por metro quadrado de área (13).

(7) RN Econômico, 1979.

(8) Rio Grande do Norte - Principais produtos, op. cit.

(9) Idem.

(10) Ibidem.

(11) Idem.

(12) Guia do Investidor, op. cit.

(13) Idem.

Quanto ao volume das "águas-mães", o índice é de 1,87 metros cúbicos por tonelada de sal produzido (com base na tabela de Usiglio). Anualmente fornece um volume de ... 4.157.010 metros cúbicos de águas-mães que permitirá um empreendimento que gerará 24.000 toneladas/ano de magnésio, ... 60.000 toneladas/ano de cloro, 4.275 toneladas/ano de bromo, 12.200 toneladas/ano de óxido de magnésio e 29.000 toneladas/ano de cloreto de potássio (14).

Caicó

É a terceira cidade mais populosa do Estado, e o mais importante centro urbano da Micro-Região do Seridó.

As suas principais atividades econômicas são: a pecuária, a indústria de beneficiamento, indústrias de transformação, culturas agrícolas, produção de leite e scheelita. Entre estes, destacamos apenas a cultura do algodão e a extração mineralógica da scheelita.

A cotonicultura é a principal atividade agrícola do Estado, representando 23,6% de sua produção agro-pecuária e 33,5% da vegetal.

O Rio Grande do Norte é o segundo produtor regional e o quinto do Brasil, além de ser o maior produtor do país de algodão de fibra longa, de 34 mm a 40 mm em termos qualitativos se equipara aos melhores produtores do mundo.

As principais zonas algodoeiras do Estado são: zona Oeste, Regiões do Seridó e Centro-oeste, totalizando 81 municípios, havendo uma centralização de mais de 90% do valor produtivo nestas regiões.

Em 1956/72 houve um aumento de 38%, ocupando 518.687 hectares, havendo 1969, em razão das secas, um declínio na produção. Em 1974 houve um aumento, alcançando 557.269 hectares de área colhida e uma produção de 101.888 toneladas. Is

(14) Guia do Investidor, op. cit.

to até 1976. Em 1977 a produção foi estimada em 164.159 toneladas (15).

A produção algodoeira foi de 184 Kg/Ha para o algodão arbóreo e 265 Kg/Ha para o herbáceo em 1975, e, de 156 Kg/Ha e 292 Kg/Ha em 1976. Portanto, 80% da produção é de algodão arbóreo. Quanto ao herbáceo (cultura temporária) estão sendo feitas experiências que, até o momento, parecem dar resultados satisfatórios (16).

Em relação ao algodão em pluma, o Estado obteve, em média, 25.808,9 toneladas. A produção do algodão de fibra de 34 mm se manteve elevada, alcançando uma produção de mais de 60% do total nesse período, ou seja, nestas quatro safras (17).

Como havíamos dito anteriormente, o algodão do Rio Grande do Norte é tido como um dos melhores do mundo, sendo semelhante ao do Egito, perdendo para este apenas no que se relaciona à técnica de cultivo. Para suplantar essa deficiência e incentivar a produção algodoeira no Estado, o Governo Federal implantou o Programa RURALNORTE, que tem como objetivo introduzir técnicas modernas no cultivo do algodão arbóreo, e instalar e assistir unidades de pesquisa agrícola, para que possibilitem uma identificação da capacidade das áreas selecionadas ao cultivo.

A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) que é conduzida por Unidade de Execução de Pesquisa de Âmbito Estadual (UEPAE) de Caicó, tem como objetivo aumentar a produção e melhorar a qualidade do algodão arbóreo e obter retorno econômico para o agricultor.

Um subprojeto da Secretaria da Agricultura prevê a montagem de um laboratório de tecnologia de fibras, para analisar e identificar o algodão, orientar a pesquisa agrônômica e arbitrar em caso de contestação de resultados.

(15) Rio Grande do Norte - Principais produtos, op. cit.

(16) Idem.

(17) Ibidem.

Segundo o Censo Agropecuário de 1970, 33.336 pessoas estiveram ocupadas na cultura algodoeira. O valor percentual do valor da produção foi bastante significativo. Em 1975, foi de 34,57%, em 1976 de 36,39% e em 1977, de 34,61 por cento (18).

O algodão é enquadrado no tipo 3, tido como de excelente qualidade. A localização da produção é a Região Semi-Árida, para o algodão de fibra longa, as demais regiões para o de fibra curta. O dimensionamento da produção — área colhida 560 mil hectares/ano, produção em rama de 102 mil toneladas/ano e a produção em pluma de 30 mil toneladas/ano (19).

Quanto à extração mineral, como já foi visto destaca-se depois do sal, a scheelita, cujas principais características são as seguintes:

O tungstênio é um metal pesado, duro e resistente ao calor, tem o ponto de fusão um dos mais altos dos metais, o qual é de 3.419°C , seu peso específico é igual ao do ouro, 19,3 com 80 por cento de Wo_3 . A scheelita (CaWo_4), se destaca entre um dos principais minérios de tungstênio.

Foi descoberto em 1942, no Estado do Rio Grande do Norte, no município de Serra Negra, na região do Seridó, hoje com uma área de 30.000 quilômetros quadrados, na qual são conhecidas 250 ocorrências de scheelita (tungstênio de cálcio), sendo o Rio Grande do Norte o maior produtor do país, com uma participação de 95 por cento, o que corresponde a 348.042 toneladas brutas e 1.644 toneladas beneficiadas (1975) num valor de 91.021,572,00 cruzeiros (20), sendo também produtores parte dos Estados da Paraíba e do Ceará, formando a província scheelitífera do Brasil. No Rio Grande do Norte

(18)

(19) Guia do Investidor, op. cit.

(20) Rio Grande do Norte - Principais produtos, op. cit.

são produtores os municípios de Currais Novos, Jucurutu, Caicó, Santa Cruz, São Tomé, São Fernando, Jardim de Piranhas, São Rafael, Cerro Corá, Angicos, Lages e Acari. Sendo que as maiores ocorrências estão na região do Seridó, especificamente, Currais Novos, onde existem três grandes minas. Possui bons laboratórios e tem mais de 74 quilômetros de galerias subterrâneas e 22 técnicos altamente especializados.

As principais empresas do Estado que atuam no campo de pesquisa, lavra, beneficiamento e comercialização de scheelita são: Mineração Tomaz Salustino S/A (grupo local), Mineração Acauã Indústria e Comércio Ltda. (grupo Brasimet) e Mineração Tungstênio do Brasil Minérios e Metais Ltda. (grupo Union Carbide), sendo as principais minas: Brejuí, Barra Verde, Boca de Lage, Malhada dos Angicos, Cafuca, Sodó, Carnaubinha, Bonito, Queixada e outras.

A capacidade conjunta é de 1.500 toneladas/dia, com recuperação média de 80% de W_o_3 , concentrada pelos processos gravimétricos de flotação e elétrico (21).

No Estado existe uma disponibilidade de 12.763.000 toneladas de minério bruto (22).

O Governo do Estado do Rio Grande do Norte, objetivando integrar o seu desenvolvimento industrial, oferece condições aos investidores que se interessem na implantação de unidades industriais no Estado, através de convênios com a Superintendência do Desenvolvimento do Rio Grande do Norte (SUDENE), apoio financeiro do Banco de Desenvolvimento do Rio Grande do Norte S/A - BDRN, Banco do Nordeste do Brasil S/A - BNB e Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico - BNDE, sob a forma de financiamento, aval ou fiança, conforme condições estabelecidas por estas entidades e que a SUDENE declare necessário tal empreendimento para o desenvolvimento da região.

(21) Rio Grande do Norte - Principais produtos, op. cit.

(22) Guia do Investidor - Op. cit.

O investidor terá grande vantagem no Estado, isto porque, existe matéria prima abundante, mão-de-obra barata, e a SUDENE favorece isenção de imposto sobre a renda (50%) e reinvestimento, isenção de imposto de importação, isenção de imposto de exportação para produtos manufaturados, e o governo do Estado do Rio Grande do Norte oferece: incentivos materiais: financiamentos à aquisição do terreno e de obras de infra-estrutura (água, comunicações, etc.) em troca de ações preferenciais, com direito de recompra assegurado ao grupolider do empreendimento, financiamento para compra ou aluguel de galpões industriais localizados em áreas de concentração industrial, incentivos fiscais - redução de 60% do ICM à recolher para reinvestimento na própria empresa e incentivos financeiros, técnicos e específicos do setor mineral.

TABELA 1

Os dados desta tabela, por serem bastante gerais, serão apresentados em termos percentuais. Em relação ao sexo, segundo a condição de vendedor de ervas: 38,8% dos entrevistados eram masculinos e 61,2% do sexo feminino.

Quanto ao estado civil os resultados mostram que 66,7% são casados, 22,3% solteiros, 5,5% viúvos e 5,5% desquitados.

Sexo e estado civil, por município, segundo a condição de vendedor de ervas - 1979

	Município			Total
	Natal	Mossorô	Caicô	
Sexo				
Total	7	7	4	18
Masculino	4	2	1	7
Feminino	3	5	3	11
Estado civil				
Total	7	7	4	18
Solteiro	1	1	2	4
Casado	5	6	1	12
Viúvo	1	-	-	1
Desquitado	-	-	1	1

Fonte: Coleta direta de dados.

TABELA 2

Em relação ao local de nascimento, segundo a condição de vendedor de ervas, os dados mostram que, dentre os 18 entrevistados 61,2% são do Rio Grande do Norte, sendo 8,2% da capital e 81,1% do interior, e 38,8% de outros Estados (Paraíba, Pernambuco e Minas Gerais).

Local de nascimento, por município, segundo a condição de vendedor de ervas - 1979

Local de nascimento	Município			Total
	Natal	Mossorô	Caicó	
Total	7	7	4	18
Cachoeirinha (PB)	1	-	-	1
Sítio Pombos (PB)	1	-	-	1
Araruna (PB)	1	-	-	1
Piauí (PB)	1	-	-	1
Natal (RN)	2	-	-	2
Pombal (PB)	1	-	-	1
Mossorô (RN)	-	5	-	5
Açu (RN)	-	1	-	1
Alexandrina (RN)	-	1	-	1
Caicó (RN)	-	-	1	1
Vertentes (PE)	-	-	1	1
Capinópolis (MG)	-	-	1	1
São José do Seridó (RN)	-	-	1	1

Fonte: Coleta direta de dados.

TABELA 3

Os resultados mostraram que, em relação aos documentos que possui, por município, segundo a condição de vendedor de ervas, os mais freqüentes são: título de eleitor (13 entrevistados) e carteira de identidade (8). Em menor incidência, estão por ordem decrescente: o registro de nascimento (4), carteira profissional (4), registro de casamento (2), carteira do INPS (2), carteiras do FUNRURAL (1), de reservista (1) e de motorista (1).

Documentos que possui, por município, segundo a condição de vendedor de ervas - 1979

Documentos	Município			Total
	Natal	Mossorô	Caicô	
Total de entrevistados	7	7	4	18
Título de eleitor	4	5	4	13
Registro de nascimento	2	1	1	4
Registro de casamento	-	1	1	2
Carteira profissional	-	1	3	4
Carteira do INPS	-	-	2	2
Carteira do FUNRURAL	1	-	-	1
Carteira de reservista	1	-	-	1
Carteira de identidade	4	-	4	8
Carteira de motorista	1	-	-	1

Fonte: Coleta direta de dados.

TABELA 4

Quanto ao tipo de religião e aos motivos porque os seguem, os vendedores de ervas por município, mostraram maior incidência de respostas na católica (11 entrevistados). Entretanto outros também foram encontrados: protestantes (2), católica e candomblé (2), espírita Kardecista (1) e testemunha de Jeová (1). Um entrevistado não deu resposta.

No esclarecimento dos motivos pelos quais professam a sua religião, os entrevistados apresentaram as seguintes razões: por causa dos pais (8 entrevistados), porque é bom acreditar em Deus (4), porque Deus é verdadeiro (1), acha bom e serve para o próprio reconhecimento (1), porque está de acordo com a Bíblia (1), porque vê no espiritismo a verdade (1), dois dos entrevistados não apresentaram respostas.

Religião e motivos porque a segue, por município, segundo a condição de vendedor de ervas - 1979

	Municípios			Total
	Natal	Mossoró	Caicó	
Religião				
Total	7	7	4	18
Católica	5	4	2	11
Protestante	1	-	1	2
Espírito-Kardecista	-	-	1	1
Testemunha de Jeová	-	1	-	1
Católico e Candomblé	1	1	-	2
Sem resposta	-	1	-	1
Motivos porque a segue				
Total	7	7	4	18
Por causa dos pais	4	2	2	8
Porque é bom acreditar em Deus	1	2	1	4
Porque Deus é verdadeiro	1	-	-	1
Acha bom e serve para o próprio reconhecimento	1	-	-	1
Porque está de acordo com a Bíblia	-	1	-	1
Porque vê no Espiritismo a verdade	-	-	1	1
Sem resposta	-	2	-	2

Fonte: Coleta direta de dados.

TABELA 5

Quando solicitados a revelarem os santos de sua devoção os vendedores de ervas, por município, apresentaram com mais frequência, o nome de Jesus Cristo (9 entrevistados). Entretanto outros também foram mencionados: São Francisco (3), Santo Antonio (1), Nossa Senhora Aparecida (1), Nossa Senhora do Desterro (1), Senhor do Bom Fim (1), Santa Rita (1) e Santa Luzia (1).

Santos de devoção, por município, segundo a condição de vendedor de ervas - 1979

Santos de devoção	Municípios			Total
	Natal	Mossorô	Caicó	
Total de entrevistados	7	7	4	18
Jesus Cristo	5	2	2	9
Santo Antonio	-	-	1	1
São Francisco	-	2	1	3
Nossa Senhora Aparecida	-	-	1	1
Nossa Senhora do Desterro	1	-	-	1
Senhor do Bom Fim	1	-	-	1
Santa Rita	-	1	-	1
Santa Luzia	-	1	-	1

Fonte: Coleta direta de dados.

TABELA 6

Se comparados, os que praticam o culto em casa (10) com os que fazem na Igreja (3), percebe-se que a maioria prefere a Igreja à própria casa, isto induz a uma conclusão: o pequeno papel do clero e da Igreja e, por outro lado, a autonomia dos vendedores de ervas que passam a fazer o papel do religioso.

Locais onde pratica o culto e principais rituais, por município, segundo a condição de vendedor de ervas - 1979

	Municípios			Total
	Natal	Mossorô	Caicó	
Local onde pratica o culto				
Total	7	7	4	18
Em casa	4	3	3	10
Em casa e na Igreja	1	-	1	2
Na Igreja	2	1	-	3
No salão do Reino das Testemunhas de Jeová	-	1	-	1
Sem resposta	-	2	-	2
Principais rituais				
Total	7	7	4	18
Reza	3	2	2	7
Lê a Bíblia	-	1	1	2
Reza e canta	3	2	1	6
Assiste a palavra de Deus	1	-	-	1
Sem resposta	-	2	-	2

Fonte: Coleta direta de dados.

TABELA 7

Quando solicitados a revelarem a que santo fazem suas promessas, os vendedores de ervas, por município, responderam que: São Francisco do Canindê (5 entrevistados), Jesus Cristo (4), Santa Rita (2), Maria Santíssima (1), Nossa Senhora Aparecida (1), Padre João Maria (1), Santa Luzia (1), Nossa Senhora de Fátima (1), Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (1), qualquer santo (1).

Quatro entrevistados disseram que não fazem promessas.

Santos que faz promessas, por município,
segundo a condição de vendedor de ervas
1979

	Municípios			Total
	Natal	Mossoró	Caicó	
Total de entrevistados	7	7	4	18
Jesus Cristo	3	-	1	4
Maria Santíssima	-	-	1	1
Nossa Senhora Aparecida	-	-	1	1
São Francisco do Canindê	3	2	-	5
Padre João Maria	1	-	-	1
Santa Rita	-	2	-	2
Santa Luzia	-	1	-	1
Nossa Senhora de Fátima	-	1	-	1
Nossa Senhora do Perpétuo Socorro	-	1	-	1
Qualquer santo	1	-	-	1
Não faz promessas	1	2	1	4

Fonte: Coleta direta de dados.

TABELA 8

Em relação aos motivos pelos quais os vendedores de ervas fazem suas promessas, por município, responderam principalmente que: pela saúde da família (4 entrevistados) e por acreditarem que precisam de Deus (4). Entretanto outras respostas foram encontradas, tais como: porque não chegou a ocasião (2), não tem fé e acha que não merece (1), porque estava grávida (1), porque Jesus socorre a todos (1), porque perdeu os documentos (1), porque esteve muito doente (1). Três entrevistados não deram resposta.

Os mesmos entrevistados, responderam que fazem promessa para curar-se de doenças (6 respostas), para a família (2), para ter bom parto (1), para tudo (1), para recuperar documentos (1). Sete deles não deram respostas.

Motivos porque e para que faz promessas, por municípios, segundo a condição de vendedor de ervas- 1979

Por que fez promessas?	Municípios			Total
	Natal	Mossorô	Caicó	
Total de entrevistados	7	7	4	18
Pela saúde da família	2	1	1	4
Não tem fé e acha que não merece	-	-	1	1
Porque estava grávida	-	-	1	1
Porque Jesus socorre a todos	1	-	-	1
Porque não chegou a ocasião	1	-	1	2
Porque perdeu os documentos	1	-	-	1
Porque acredita e precisa de Deus	2	2	-	4
Porque esteve muito doente	-	1	-	1
Sem resposta	-	3	-	3
<hr/>				
Para que faz promessas				
Total de entrevistados	7	7	4	18
Para a família	-	1	1	2
Para ter bom parto	-	-	1	1
Para tudo	1	-	-	1
Para se curar de doenças	3	3	-	6
Para recuperar documentos	1	-	-	1
Sem resposta	2	3	2	7

Fonte: Coleta direta de dados.

TABELA 9

Quanto aos resultados das promessas, os vendedores de ervas, por município, responderam que: foram curados (5 entrevistados), houve grande êxito (2) e parto normal (1). Dez entrevistados não deram resposta.

Resultados das promessas, por município,
segundo a condição de vendedor de ervas-
1979

	Municípios			Total
	Natal	Mossorô	Caicô	
Total de entrevistados	7	7	4	18
Grande êxito	1	-	1	2
Parto normal	-	-	1	1
Foi curado	3	2	-	5
Sem resposta	3	5	2	10

Fonte: Coleta direta de dados.

TABELA 10

Em relação ao número de filhos, os vendedores de ervas, por município, apresentaram o seguinte resultado: cinco entrevistados tem de 01 a 03 filhos, outros 5, de 4 a 6, 4 entrevistados, de 7 a 9 filhos e quatro entrevistados não tem filhos.

Número de filhos, por município, segundo a condição de vendedor de ervas - 1979

	Municípios			Total
	Natal	Mossoró	Caicó	
Total de entrevistados	7	7	4	18
Nenhum filho	1	2	1	4
1 a 3 filhos	1	3	1	5
4 a 6 filhos	1	2	2	5
7 a 9 filhos	4	-	-	4

Fonte: Coleta direta de dados.

TABELA 11

Em termos de agregados familiares, as respostas dos vendedores de ervas, por município, tiveram a seguinte incidência: neto (8 entrevistados), sobrinho (2), filho adotivo (2), sogra (2) e mãe (1). Quatro entrevistados não responderam.

Agregados familiares, por município, segundo a condição de vendedor de ervas - 1979

	Municípios			Total
	Natal	Mossorô	Caicó	
Total de entrevistados	7	7	4	18
Sobrinho	-	1	1	2
Neto	-	8	-	8
Sogra	-	1	-	1
Filho adotivo	-	-	2	2
Mãe	-	-	1	1
Total	-	10	4	14
Sem resposta				

Fonte: Coleta direta de dados.

TABELA 12

Quanto à renda pessoal e familiar, os vendedores de ervas, por município, mostraram os seguintes resultados: ... Cr\$3.000,00 (renda de 3 entrevistados), Cr\$1.000,00 (3) , Cr\$2.000,00 (2), Cr\$4.000,00 (2) e Cr\$5.000,00 (é a renda de um entrevistado). Sete deles não apresentaram resposta.

Em relação à renda familiar, as respostas dos entrevistados mostraram que: Cr\$1.000,00 é a renda da família de 3 vendedores entrevistados; Cr\$2.000,00 a de dois; Cr\$5.000,00 a de dois; Cr\$8.000,00 a da família de um deles e Cr\$25.000,00 de outra família. Nove vendedores não deram respostas.

Renda pessoal e familiar, por município, segundo a condição de vendedor de ervas - 1979

	Municípios			Total
	Natal	Mossoró	Caicó	
Renda pessoal				
Total	7	7	4	18
Cr\$1.000,00	2	-	1	3
Cr\$2.000,00	-	2	-	2
Cr\$3.000,00	1	1	1	3
Cr\$4.000,00	1	-	1	2
Cr\$5.000,00	-	1	-	1
Sem resposta	3	3	1	7
Renda familiar				
Total	7	7	4	18
Cr\$1.000,00	2	1	-	3
Cr\$2.000,00	1	1	-	2
Cr\$5.000,00	-	2	-	2
Cr\$8.000,00	-	-	1	1
Cr\$25.000,00	-	-	1	1
Sem resposta	4	3	2	9

Fonte: Coleta direta de dados.

TABELA 13

Quanto ao tipo de moradia, os vendedores de ervas, por municípios, vivem em casas, principalmente, de tijolos (15 entrevistados), os três restantes, moram em casa de taipa.

Em relação a forma de propriedade do imóvel, a grande maioria tem casa própria (14 entrevistados). Outros vendedores moram em casa alugada (2) e cedida (2). Suas casas geralmente, situam-se em bairros de classe média baixa (7 entrevistados), entretanto, um bom número mora em zona rural (6), de alguns outros subúrbios (3) e apenas 2 tem casa em bom bairro.

Tipo de moradia, forma de propriedade e tipo de bairro,
por município, segundo a condição de vendedor de ervas
1979

	Municípios			Total
	Natal	Mossoró	Caicó	
Tipo de moradia				
Total	7	7	4	18
Taipa	2	1	-	3
Tijolo	5	6	4	15
Forma de propriedade				
Total	7	7	4	18
Própria	7	4	3	14
Alugada	-	1	1	2
Cedida	-	2	-	2
Em pagamento (BNH)	-	-	-	-
Tipo de bairro				
Total	7	7	4	18
Bom	1	-	1	2
Médio	3	4	-	7
Favela	2	-	1	3
Bairro rural	1	3	2	6

Fonte: Coleta direta de dados.

TABELA 14

Em relação aos serviços básicos nas residências dos vendedores de ervas, por município, os resultados mostraram que: a água é principalmente encanada (13 entrevistados) e 2 respostas afirmaram tirá-la de cacimba. Três entrevistados não deram respostas.

O escoamento se faz principalmente pelo esgoto (7 entrevistados) e fossa negra (6). Em apenas uma residência existe latrina, 4 vendedores deixaram de responder.

A iluminação de quase todas as casas é feita por luz elétrica (15 entrevistados) apenas três usam lamparina. O lixo é removido em 9 residências pelo carro da Prefeitura. Cinco vendedores disseram que jogam em terreno baldio e dois na rua. Dois entrevistados não deram resposta.

Serviços básicos por município, segundo a condição de vendedor de ervas - 1979

	Natal	Municípios Mossorô	Caicó	Total
Água				
Total	7	7	4	18
Poço	-	-	-	-
Encanada	5	4	4	13
Bica	-	-	-	-
Córrego	-	-	-	-
Cacimba	1	1	-	2
Sem resposta	1	2	-	3
Escoamento				
Total	7	7	4	18
Esgoto	3	3	1	7
Fossa Negra	2	1	3	6
Latrina	1	-	-	1
Sem resposta	1	3	-	4
Iluminação				
Total	7	7	4	18
Elétrica	5	7	3	15
Vela	-	-	-	-
Lamparina	2	-	1	3
Lixo				
Total	7	7	4	18
Terreno baldio	2	3	-	5
Carro da Prefeitura	1	4	4	9
Rua	2	-	-	2
Sem resposta	2	-	-	2

Fonte: Coleta direta de dados.

TABELA 15

Com relação às despesas discriminadas pelos vendedores de ervas, por município, em termos de alimentação, apenas 9 entrevistados ofereceram informação positiva. Dentre eles, 4 gastam Cr\$1.000,00; 3, Cr\$2.000,00 e os dois restantes, ... Cr\$4.000,00 e Cr\$10.000,00, respectivamente.

Quanto às despesas com luz, as respostas afirmativas, num total de 16, revelam que as quantias mais frequentes são Cr\$180,00 (5 entrevistados), Cr\$250,00 (4) e Cr\$40,00 (4). Dois vendedores responderam que gastam Cr\$20,00 com luz e um, Cr\$60,00.

Os gastos com água, segundo as respostas, são as seguintes: Cr\$80,00 é o mais frequente (5 respostas), Cr\$20,00; Cr\$40,00 e Cr\$130,00 tiveram frequência igual (4 entrevistados) e apenas um deu como resposta, Cr\$60,00 nestes gastos.

Quanto à despesa com condução somente 9 dos entrevistados responderam afirmativamente. As respostas mostraram que: Cr\$180,00 é o gasto de quatro famílias, Cr\$800,00, de duas, Cr\$120,00 de duas e apenas uma família gasta Cr\$50,00 com condução.

Dos vendedores de erva, 6 responderam quando solicitados sobre os gastos com prestações, em termos quantitativos: 2 deles, gastam Cr\$500,00, os demais deram uma resposta para cada uma das seguintes importâncias: Cr\$150,00; Cr\$250,00; Cr\$800,00 e Cr\$1.800,00.

Em relação à diversão, somente 3 vendedores deram respostas afirmativas, tendo os gastos neste setor uma variação entre Cr\$20,00, Cr\$150,00 a Cr\$1.500,00

E finalmente, nas despesas com remédios, também apenas 3 vendedores responderam quantitativamente, Cr\$30,00; Cr\$200,00 e Cr\$300,00.

TABELA 15 (continuação)

Despesas, de acordo com discriminação, por município, segundo a condição de vendedor de ervas - 1979

Despesas	Municípios			Total
	Natal	Mossoró	Caicó	
Alimentação				
Total	7	7	4	18
Cr\$1.000,00	3	-	1	4
Cr\$2.000,00	2	1	-	3
Cr\$4.000,00	1	-	-	1
Cr\$10.000,00	-	-	1	1
Sem resposta	2	5	2	9
Luz				
Total	7	7	4	18
Cr\$20,00	1	1	-	2
Cr\$40,00	2	2	-	4
Cr\$60,00	1	-	-	1
Cr\$180,00	1	3	1	4
Cr\$250,00	1	1	2	4
Sem resposta	1	-	1	2
Água				
Total	7	7	4	18
Cr\$20,00	2	2	-	4
Cr\$40,00	2	1	1	4
Cr\$60,00	1	-	-	1
Cr\$80,00	1	2	2	5
Cr\$130,00	1	2	1	4
Condução				
Total	7	7	4	18
Cr\$ 50,00	1	-	-	1
Cr\$120,00	2	-	-	2
Cr\$180,00	2	1	1	4
Cr\$800,00	1	-	1	2
Sem resposta	1	6	2	9
Prestação				
Total	7	7	4	18
Cr\$150,00	1	-	-	1
Cr\$250,00	-	1	-	1
Cr\$500,00	-	2	-	2
Cr\$800,00	-	-	1	1
Cr\$1.800,00	-	-	1	1
Sem resposta	6	4	2	12
Divertimento				
Total	7	7	4	18
Cr\$20,00	-	1	-	1
Cr\$150,00	-	-	1	1
Cr\$1.500,00	-	-	1	1
Sem resposta	7	5	3	15
Remédios				
Total	7	7	4	18
Cr\$30,00	1	-	-	1
Cr\$200,00	-	1	-	1
Cr\$300,00	-	1	-	1
Sem resposta	6	5	4	15

Fonte: Coleta direta de dados.

Obs.: Despesas com o item "médicos" não foram registradas; a maioria dos entrevistados quando necessita de médicos, utiliza a Previdência Social.

TABELA 16

A escolaridade dos vendedores de ervas, por município é nula em sua grande parte, pois 9 entrevistados são analfabetos. Com primeiro grau incompleto, observam-se 6 entrevistados, com 2º grau incompleto, 1 e com 3º grau incompleto, um. Um vendedor não respondeu a esta questão.

Escolaridade pessoal, por município, segundo a condição de vendedor de ervas - 1979

Escolaridade pessoal	Municípios			Total
	Natal	Mossoró	Caicó	
Total	7	7	4	18
Analfabeto	6	3	-	9
1º grau incompleto	-	3	3	6
2º grau incompleto	1	-	-	1
3º grau incompleto	-	-	1	1
Sem resposta	-	1	-	1

Fonte: Coleta direta de dados.

TABELA 17

Com relação à opinião sobre saúde individual e familiar, os vendedores de ervas por município deram as seguintes respostas: 14 entrevistados têm saúde regular, 3 têm boa saúde, e apenas um ervateiro não tem saúde.

Na segunda colocação 11 entrevistados disseram que sua família tem saúde regular e 7 têm boa saúde.

Opinião sobre a saúde pessoal e familiar, por município, segundo a condição de vendedor de ervas
1979

S a ú d e	Municípios			Total
	Natal	Mossorô	Caicó	
Pessoal				
Total	7	7	4	18
Boa	2	1	-	3
Regular	4	6	4	15
Não tem saúde	1	-	-	1
Familiar				
Total	7	7	4	18
Boa	3	2	2	7
Regular	4	5	2	11

Fonte: Coleta direta de dados.

Quanto ao estado de saúde pessoal e familiar, os vendedores de ervas, por municípios, responderam principalmente que tem problemas reumáticos (2 entrevistados), dor de cabeça (2), coração (2), dor de estômago (2), útero (2), fígado(2). Entretanto, outras respostas foram encontradas tais como: vesícula (1), rins (1), nervos(1), dor nos braços (1), colesterol (1), enxaqueca (1) e sinusite (1).

No segundo momento, dentre os 18 entrevistados, nove responderam que seus familiares não têm doenças, seis deixaram de responder, dois nervosismo e um doença mental.

Doenças pessoais e familiares, por município, segundo a condição de vendedor de ervas - 1979

	Municípios			Total
	Natal	Mossoró	Caicó	
Doenças pessoais				
Total de entrevistados	7	7	4	18
Vesícula	1	-	-	1
Reumatismo	1	-	-	1
Rins	1	-	1	2
Visão	1	-	-	1
Dor de cabeça	1	-	1	2
Nervos	1	-	-	1
Coração	1	-	1	2
Dor nos braços	1	-	-	1
Gastrite	1	-	-	1
Dor de estômago	-	1	1	2
Apendicite	-	1	-	1
Paralisia facial	-	1	-	1
Útero	-	2	-	2
Fígado	-	1	1	2
Colesterol	-	-	1	1
Enxaqueca	-	-	1	1
Sinusite	-	1	-	1
Doenças da família				
Total	7	7	4	18
Doenças mental	1	-	-	1
Nervosismo	-	-	2	2
Não tem doença	4	4	1	9
Sem resposta	2	3	1	6

Fonte: Coleta direta de dados.

TABELA 19

Quando solicitados a revelarem se estão inscritos em Postos de Saúde e o nome destes e se fazem consulta médica, por município, segundo a condição de vendedor de ervas, 12 entrevistados responderam afirmativamente, seis negativamente.

Na segunda colocação, quanto ao nome do Posto de Saúde, sete estão inscritos no INPS, um no Centro de Saúde do Alecrim, um no Posto de Parnamirim, um na Comunidade de Saúde, um na Liga Operária, um na Maternidade. Quanto à consulta a médicos, 14 responderam afirmativamente e 4 negativamente.

Inscrição em Posto de Saúde, denominação do mesmo e consulta médica, por município, segundo a condição de vendedor de ervas - 1 9 7 9

	Municípios			Total
	Natal	Mossoró	Caicó	
Inscrição em Posto de Saúde				
Total	7	7	4	18
Sim	5	4	3	12
Não	2	3	1	6
Denominação do Posto de Saúde				
Total	5	4	3	12
INPS	3	2	2	7
Centro de Saúde do Alecrim	1	-	-	1
Posto de Parnamirim	1	-	-	1
Comunidade de Saúde	-	1	-	1
Liga Operária	-	1	-	1
Maternidade	-	-	1	1
Consulta Médica				
Total	7	7	4	18
Sim	5	5	4	14
Não	2	2	-	4

Fonte: Coleta direta de dados.

Com relação à forma de atendimento médico e motivos do uso e destas formas de atendimento, por município, segundo a condição de vendedor de ervas. Dentre os 18 entrevistados, 9 responderam que quando adoecem recorrem ao médico; 8 se automedicam com drogas, flora e fauna, 6 rezam, 4 curandeiro, 2 hospital, 2 farmácia; 2 se automedicam com drogas industriais, 2 não utilizam nenhuma destas formas de atendimento.

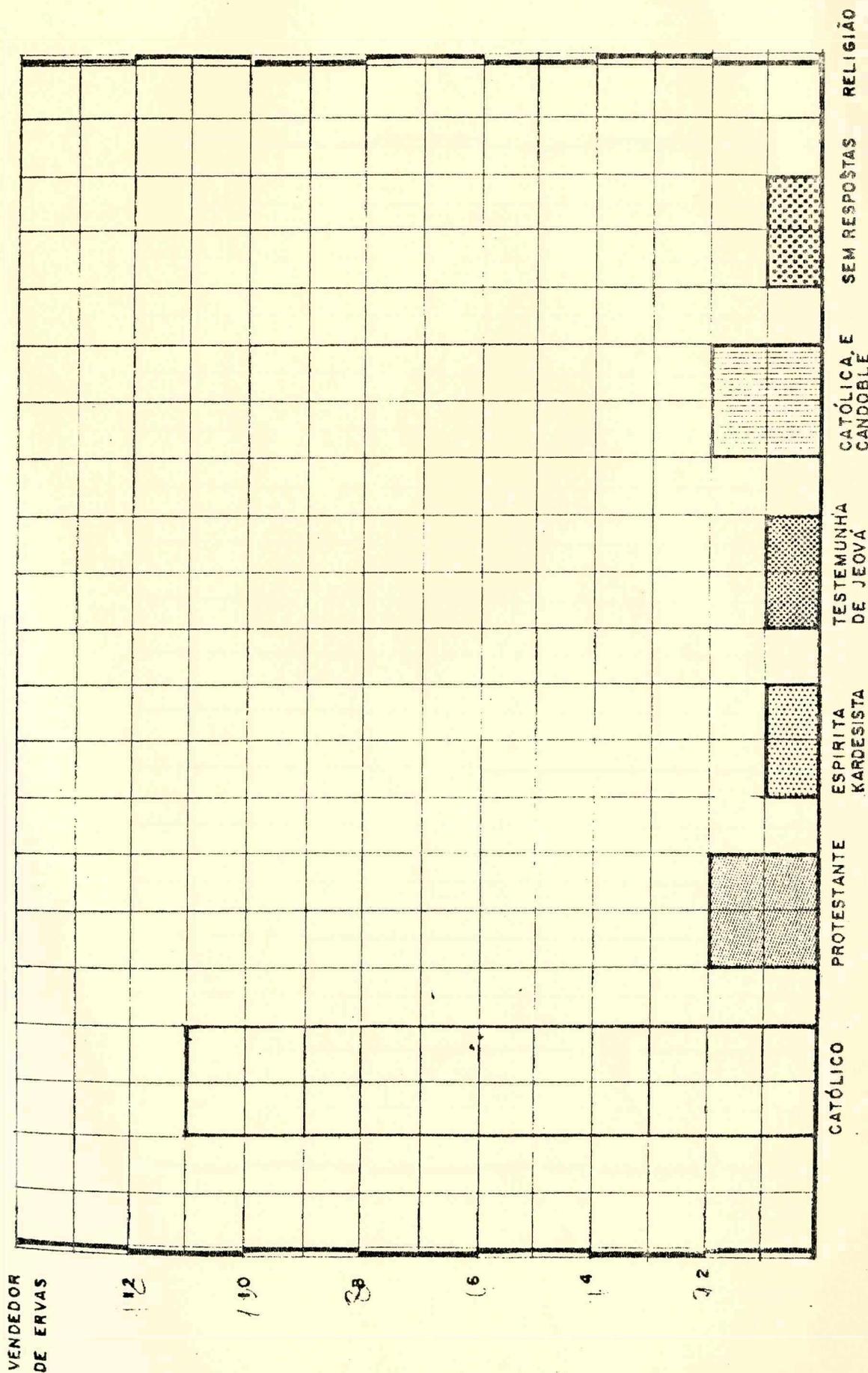
Quanto aos motivos de usarem estas formas de atendimento, 12 não deram resposta, um porque quando Deus quer a pessoa não escapa, um vai ao curandeiro porque acredita, um para ficar bom toma qualquer coisa para não ir ao médico.

Forma de atendimento médico e motivos porque usa essas formas de atendimento, por município, segundo a condição de vendedor de ervas - 1979

	Municípios			Total
	Natal	Mossorô	Caicô	
Forma de atendimento médico				
Total	7	7	4	18
Vizinho	-	-	-	-
Médico	5	-	4	9
Curandeiro	1	3	-	4
Benzedor	-	-	-	-
Hospital	1	1	-	2
Farmácia	1	1	-	2
Automedicação com droga industriais	-	-	2	2
Automedicação com droga flora-fauna	2	6	-	8
Rezas	2	3	1	6
Outras	-	-	-	-
Nenhum	2	-	-	2
Motivos porque usa essas formas de atendimento				
Total	7	7	4	18
Quando Deus quer a pessoa Não escapa	1	-	-	1
Vai ao curandeiro porque acredita	-	1	-	1
Para ficar bom toma qualquer coisa e para não ir ao médico	-	1	-	1
Sem resposta	6	5	4	15

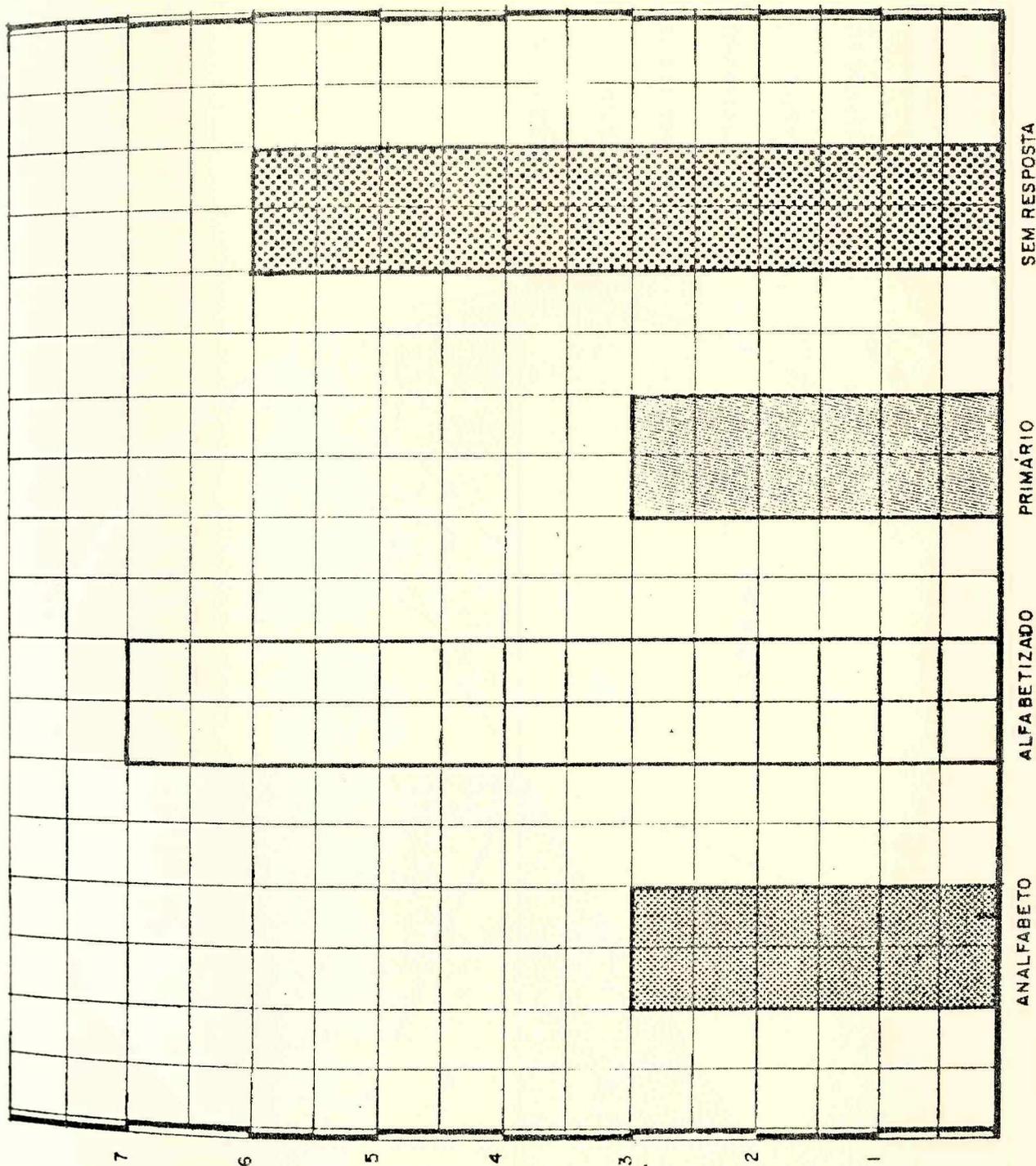
Fonte: Coleta direta de dados.

GRÁFICO 1
Religião, segundo a condição de vendedor de ervas 1979



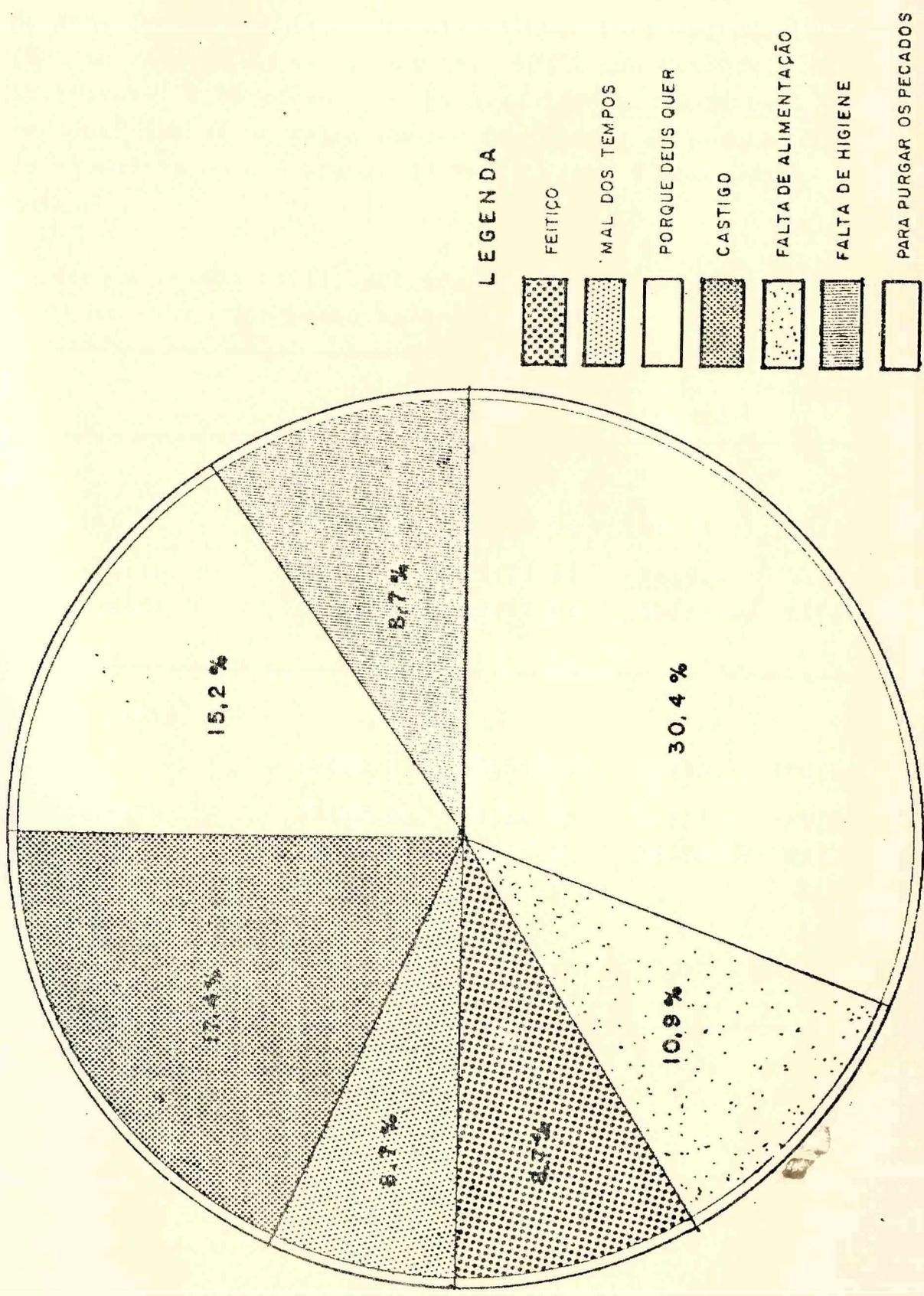
FONTE: coleta direta de dados

GRÁFICO 1 Escolaridade pessoal, segundo a condição de vendedor de ervas



FONTE: coleta direta de dados

GRÁFICO 2 Conceito de doença, segundo a condição de vendedor de ervas



FONTE: coleta direta de dados

TABELA 21

Dentre os 150 entrevistados, por municípios, segundo a condição da pesquisa oral, os dados revelam que 55,3% são do sexo feminino e 44,7% do masculino. E na segunda colocação, em relação ao estado civil, 56,7% são casados, 40,7% solteiros, 2,0% viúvos e 0,6% desquitados. Onde se pode concluir que há um maior número feminino e um pequeno índice de desquites no Rio Grande do Norte, como é mostrado a seguir.

Sexo e estado civil, por municípios, segundo a condição de pesquisa oral - 1979

	Natal	Municípios Mossorô	Caicó	Total
Sexo				
Total	50(33,3)	50(33,3)	50(33,3)	150(100,0)
Masculino	21(14,0)	32(21,3)	14(9,4)	67(44,7)
Feminino	29(19,3)	18(12,0)	36(24,0)	83(55,3)
Estado civil				
Total	50(33,3)	50(33,3)	50(33,3)	150(100,0)
Solteiro	18(12,0)	23(15,3)	20(13,4)	61(40,7)
Casado	20(20,0)	25(16,7)	30(20,0)	85(56,7)
Viúvo	1(0,7)	2(1,3)	-	3(2,0)
Desquitado	1(0,6)	-	-	1(0,6)

Fonte: Coleta direta de dados.

TABELA 22

Analisando os dados referentes à faixa etária, por município, segundo a condição da pesquisa oral, observou-se que 21,3% tem entre 20 a 24 anos; 13,4% de 25 a 39; 13,4% de 30 a 34 anos; 13,4% de 35 a 39 anos; 10,6% de 40 a 44 anos; 8,6% de 15 a 19 anos; 8,0% de 50 a 54 anos; 4,0% mais de 59 anos; 3,3% entre 45 e 49 anos; 2,6% de 55 a 59 anos e 2,0% com menos de 15 anos de idade. Isto nos permite concluir que a maior parte da população pesquisada é constituída de indivíduos jovens.

Faixa etária, segundo a condição de pesquisa oral
1979

Faixa etária	Municípios			Total
	Natal	Mossorô	Caicô	
Total	50 (33,3)	50 (33,3)	50 (33,3)	150 (100,0)
- 15 anos	1 (0,7)	-	2 (1,3)	3 (2,0)
15 a 19 anos	3 (2,0)	2 (1,3)	7 (4,7)	12 (8,0)
20 a 24 anos	9 (6,0)	13 (8,6)	10 (6,7)	32 (21,3)
25 a 29 anos	7 (4,7)	10 (6,7)	3 (2,0)	20 (13,4)
30 a 34 anos	9 (6,0)	8 (5,4)	3 (2,0)	20 (13,4)
35 a 39 anos	11 (7,4)	6 (4,0)	3 (2,0)	20 (13,4)
40 a 44 anos	3 (2,0)	2 (1,3)	11 (7,3)	16 (10,6)
45 a 49 anos	-	1 (0,7)	4 (2,6)	5 (3,3)
50 a 54 anos	5 (3,3)	4 (2,6)	3 (2,1)	12 (8,0)
55 a 59 anos	1 (0,6)	1 (0,6)	2 (1,3)	4 (2,6)
mais de 59 anos	1 (0,6)	3 (2,0)	2 (1,4)	6 (4,0)

Fonte: Coleta direta de dados.

Local de nascimento, por município, segundo
a condição de pesquisa oral - 1979

Local de nascimento	Municípios			Total
	Natal	Mossorô	Caicô	
Total	50(33,3)	50(33,3)	50(33,3)	150(100,0)
Natal, RN	34(22,7)	3(2,0)	-	36(24,7)
Bom Jesus, RN	1(0,7)	-	-	1(0,7)
Pendências, RN	1(0,7)	-	-	1(0,7)
Fortaleza, CE	1(0,7)	-	-	1(0,7)
Santana do Matos, RN	1(0,7)	1(0,6)	-	2(1,3)
Macaíba, RN	1(0,7)	-	-	1(0,7)
Touros, RN	1(0,7)	-	-	1(0,7)
Angicos, RN	1(0,7)	-	-	1(0,7)
Monte Alegre, RN	1(0,7)	-	-	1(0,7)
Mamanguape, PB	1(0,6)	-	-	1(0,6)
Cruzeta, RN	1(0,6)	-	-	1(0,6)
Ceará-Mirim, RN	2(1,3)	-	-	2(1,3)
Serra Negra do Norte, RN	1(0,6)	-	-	1(0,6)
Patu, RN	2(1,3)	-	-	2(1,3)
Caraúbas, RN	1(0,6)	1(0,7)	-	2(1,3)
Mossorô, RN	-	18(12,0)	1(0,7)	19(12,7)
Augusto Severo, RN	-	2(1,3)	-	2(1,3)
Apodi, RN	-	2(1,3)	-	2(1,3)
Melancias, CE	-	1(0,7)	-	1(0,7)
Aracati, CE	-	1(0,7)	-	1(0,7)
Pau dos Ferros, RN	-	1(0,7)	-	1(0,7)
Areias, PB	-	1(0,7)	1(0,6)	2(1,3)
Frutuoso Gomes, RN	-	1(0,7)	-	1(0,7)
Gov. Dix-Sept Rosado, RN	-	2(1,3)	-	2(1,3)
Marcelino Vieira, RN	-	1(0,6)	-	1(0,6)
Caraúbas, RN	-	1(0,7)	-	1(0,7)
Terezina, PI	-	1(0,7)	-	1(0,7)
Açu, RN	-	3(2,0)	-	3(2,0)
Sicília, Itália	-	1(0,7)	-	1(0,7)
Recife	-	1(0,7)	-	1(0,7)
São Bento de Parnaíba, PB	-	2(1,3)	-	2(1,3)
Rui Barbosa	-	1(0,7)	-	1(0,7)
Icapui, CE	-	1(0,7)	-	1(0,7)
Alexandrina, RN	-	1(0,6)	-	1(0,6)
Ererê, CE	-	1(0,6)	-	1(0,6)
Jurucutu, RN	-	-	3(2,0)	3(2,0)
S. João do Sabugi, RN	-	-	5(3,3)	5(3,3)
Caicô, RN	-	-	20(13,3)	20(13,3)
Paulista, PB	-	-	1(0,7)	1(0,7)
Currais Novos, RN	-	-	2(1,3)	2(1,3)
São Fernando, RN	-	-	3(2,0)	3(2,0)
Ouro Branco, RN	-	-	1(0,7)	1(0,7)
Parelhas, RN	-	-	2(1,3)	2(1,3)
Rio de Janeiro, RJ	-	-	2(1,3)	2(1,3)
Jardim do Seridó, RN	-	-	1(0,7)	1(0,7)
Catolé do Rocha, RN	-	-	1(0,7)	1(0,7)
Brejo do Cruz, PB	-	-	1(0,7)	1(0,7)
Barra de Santana	-	-	1(0,7)	1(0,7)
Florânia, RN	-	-	1(0,7)	1(0,7)
Acari, RN	-	-	1(0,7)	1(0,7)
Campina Verde, MG	-	-	1(0,7)	1(0,7)
Sem resposta	-	2(1,3)	2(1,3)	4(2,6)

Fonte: Coleta direta de dados.

TABELA 23

Um estudo sobre o local de nascimento dos envolvidos na presente pesquisa indica que a maioria da população nasceu nos centros pesquisados e que aí permaneceu; o que mostra a pouca mobilidade física destes homens.

Os nascidos na capital, Natal, 24,7% da população dos entrevistados, 12,7% são de Mossoró e 13,3% é de Caicó. As conclusões a que se chegam são as seguintes: houve maior migração para as pequenas cidades (Mossoró e Caicó).

Em relação aos nascidos em outros Estados do país, 1,3% são da Paraíba e 0,7% de Fortaleza, do Piauí, Pernambuco e Minas Gerais. Conclui-se que houve maior migração da Paraíba do que de outros Estados do Nordeste ou de outros Estados, onde houve excedente de mão-de-obra.

TABELA 25

Os dados analisados em relação a quem estuda ou não, nesta tabela, por município, segundo a condição de pesquisa oral, revelou que dentre os 150 entrevistados, 62% não estudam e 38,0% estudavam. Isto indica que a maior parte, isto é, 93,0% são analfabetos, evidentemente em função das atividades rururbanas.

Estudantes e não estudantes, por município, segundo a condição de pesquisa oral - 1979

Estuda	Municípios			Total
	Natal	Mossoró	Caicó	
Total	50(33,3)	50(33,3)	50(33,3)	150(100,0)
Sim	21(14,0)	10(6,7)	26(17,3)	57(38,0)
Não	29(19,3)	40(26,6)	24(16,1)	93(62,0)

Fonte: Coleta direta de dados.

TABELA 26

Quanto à profissão por município, segundo a condição de pesquisa oral, verificamos que 34 dos entrevistados são estudantes, 19 funcionários públicos, 18 comerciantes, 18 domésticas, 10 professores, 8 comerciários, 7 feirantes, 5 motoristas, 4 vigilantes, 3 costureiras, 3 escriturários, 3 telefo-
nistas, 3 assistentes sociais, 2 atendentes de enfermagem, 2 datilógrafos, 1 serralheiro, 1 mecânico, 1 aposentado, 1 se-
cretária, 1 engenheiro e 1 advogado. Apenas 6 deixaram de res-
ponder.

Profissão, por município, segundo a condição de pes-
quisa oral - 1979

Profissão	Municípios			Total
	Natal	Mossoró	Caicó	
Total	50	50	50	150
Doméstica	3	3	12	18
Costureira	-	1	2	3
Estudante	14	6	14	34
Comerciante	4	10	4	18
Atendente de enfermagem	-	-	2	2
Funcionário público	16	1	2	19
Motorista	-	3	2	5
Serralheiro	-	-	1	1
Vigilante	-	3	1	4
Agricultor	-	-	1	1
Soldador	-	-	1	1
Professor	4	2	4	10
Escriturário	1	1	1	3
Datilógrafo	1	-	1	2
Militar	-	-	1	1
Telefonista	-	2	1	3
Comerciário	-	8	-	8
Feirante	-	7	-	7
Rádio técnico	-	1	-	1
Artesão	-	1	-	1
Mecânico	-	1	-	1
Aposentado	1	-	-	1
Secretária	1	-	-	1
Engenheiro	1	-	-	1
Advogado	1	-	-	1
Assistente Social	3	-	-	3
Sem resposta	-	6	-	6

Fonte: Coleta direta de dados.

TABELA 27

Analisando os dados quanto ao conceito de vida, por município, segundo a condição de pesquisa oral, verificamos que 38,0% dos entrevistados responderam que a vida é uma maravilha, uma coisa boa que deve ser aproveitada, 10,7% respondeu é a vida que se leva no dia a dia, 9,3% respondeu que a vida é tudo, 6,0% respondeu que a vida é um mistério, dominado pelo ser Supremo, 5,3% que a vida é boa quando se tem saúde e paz, 4,7% respondeu que não sabe o que é a vida, mas gosta de viver, 3,3% respondeu que é um milagre de Deus, 3,3% respondeu que é característica do ser humano, que só é válida quando vivida com amor e compreensão, 3,3% respondeu que a vida é o tempo que decorre entre o nascimento e a morte, 2,7% respondeu que a vida é um passatempo, 2,7% respondeu que a vida é uma ilusão, 2,0% que é um caminho difícil de seguir, de horas fáceis e de depressões, 1,3% respondeu que a vida é uma coisa cheia de problemas e preconceitos, 0,7% respondeu que a vida não é nada, 0,7% respondeu que vida é ter Cristo no coração, 0,7% respondeu que a vida é a luz que Jesus nos ilumina o caminho, a verdade, 0,7% respondeu que a vida é uma passagem linda, curta e bela do ser humano, 0,6% respondeu que a vida é uma arte de encontros, embora haja desencontros por ela. Apenas 4,0% deixou de responder.

Conceito de vida, por município, segundo a condição de pesquisa oral
1979

Conceito de vida	Municípios			Total
	Natal	Mossorô	Caicô	
É uma maravilha, uma coisa boa que deve ser aproveitada	13 (8,6)	21 (14,0)	23 (15,4)	57 (38,0)
É um caminho difícil de seguir, de horas fáceis e de depressões	-	-	3 (2,0)	3 (2,0)
É boa quando se tem saúde e paz	1 (0,6)	2 (1,4)	5 (3,3)	8 (5,3)
É tudo	2 (1,3)	5 (3,3)	7 (4,7)	14 (9,3)
Não sabe o que é, mas gosta de viver	1 (0,7)	4 (2,6)	2 (1,4)	7 (4,7)
É um passatempo	1 (0,7)	-	3 (2,0)	4 (2,7)
É um mistério dominado por um Ser Supremo	4 (2,6)	3 (2,0)	2 (1,4)	9 (6,0)
É uma coisa cheia de problemas e preconceitos	-	-	2 (1,3)	2 (1,3)
É uma arte de encontros, embora haja desercontros por ela	-	-	1 (0,6)	1 (0,6)
É uma ilusão	1 (0,7)	2 (1,4)	1 (0,6)	4 (2,7)
Não é nada	-	-	1 (0,7)	1 (0,7)
É a vida que se leva no dia a dia	9 (6,0)	7 (4,7)	-	16 (10,7)
É um milagre de Deus	5 (3,3)	-	-	5 (3,3)
Característica do ser humano que só é válida quando vivida com amor e compreensão	5 (3,3)	-	-	5 (3,3)
Vida e ter Cristo no coração	1 (0,7)	-	-	1 (0,7)
É o tempo que decorre entre o nascimento e a morte	3 (2,0)	2 (1,3)	-	5 (3,3)
É a luz que Jesus nos ilumina, o caminho, a verdade	1 (0,7)	-	-	1 (0,7)
É uma passagem linda, curta e bela do ser humano	1 (0,7)	-	-	1 (0,7)
Sem especificar	2 (1,4)	3 (2,6)	-	6 (4,0)
Total	50 (33,3)	50 (33,3)	50 (33,3)	150 (100,0)

Fonte: Coleta direta de dados.

TABELA 28

Os dados referentes aos motivos por que vivo?, por município, segundo a condição de pesquisa oral, revelaram que 34,4% dos entrevistados responderam que é porque Deus quis, 27,4% por que nasceu, 8,0% viver é importante, 8,0% porque tem objetivos e é consciente de si mesma, 6,6% pelas coisas boas que a vida nos dá, 5,3% para fazer o bem aos outros e realizar-se profissionalmente, 2,7% porque tem saúde, 1,3% por causa dos pais, 1,3% coisas do destino, 1,3% não sabe responder, 0,7% porque tem filhos e precisa criá-los.

Motivos porque vive, por município, segundo a condição de pesquisa oral - 1979

Motivos porque vive	Municípios			Total
	Natal	Mossorô	Caicó	
Por causa dos pais	-	-	2(1,3)	2(1,3)
Porque Deus assim quis	18(12,0)	14(9,3)	20(13,4)	52(34,7)
Porque nasceu	11(7,3)	13(8,7)	17(11,4)	51(27,4)
Viver é importante	1(0,7)	3(2,0)	8(5,3)	12(8,0)
Para fazer o bem aos outros e realizar-se profissionalmente	3(2,0)	3(2,0)	2(1,3)	8(5,3)
Porque tem saúde	3(2,0)	-	1(0,7)	4(2,7)
Pelas coisas boas que a vida nos dá	5(3,3)	5(3,3)	-	10(6,6)
Porque tem objetivos e é consciente de si mesma	8(5,3)	4(2,7)	-	12(8,0)
Porque tem filhos e precisa criá-los	1(0,7)	-	-	1(0,7)
Coisas do destino	-	2(1,3)	-	2(1,3)
Porque acha que deve viver	-	4(2,7)	-	4(2,7)
Não sabe responder	-	2(1,3)	-	2(1,3)
Total	50(33,3)	50(33,3)	50(33,3)	150(100,0)

Fonte: Coleta direta de dados.

TABELA 29

Analisando as respostas desta tabela, referente à opinião, segundo a pesquisa oral, sobre as coisas da vida, por município, observou-se que 89 dos entrevistados responderam saúde, 58 dinheiro, 57 família, 45 divertimentos, 38 paz, 36 amor, 27 trabalho, 26 amizade, 25 tranquilidade, 21 felicidade, 15 estudo, 11 natureza, 11 fé em Deus, 6 união, 6 alimentação, 6 compreensão, 2 a própria vida, 1 respeito ao próximo e 1 fumo.

Opinião sobre as coisas boas da vida, por município, segundo a condição de pesquisa oral - 1979

Coisas boas da vida	Municípios			Total
	Natal	Mossoró	Caicó	
Total de entrevistados	50	50	50	150
Estudo	2	5	8	15
União	1	-	5	6
Saúde	33	28	28	89
Trabalho	8	10	9	27
Anor	14	6	16	36
Divertimentos	10	21	14	45
Alimentação	-	2	4	6
Amizade	6	12	8	26
Felicidade	3	2	16	21
Paz	22	3	13	38
Natureza	8	2	1	11
Dinheiro	21	19	18	58
Tranquilidade	6	9	10	25
Respeito ao próximo	1	-	-	1
Fé em Deus	8	1	2	11
Compreensão	3	1	2	6
Família	20	24	13	57
Fumo	-	-	1	1
A própria vida	2	-	-	2

Fonte: Coleta direta de dados.

TABELA 30

Quanto à opinião sobre as coisas más da vida, por município, segundo a condição de pesquisa oral, observou-se que 78 dos entrevistados responderam doença, 36 dificuldade financeira, 31 miséria, 29 falsidade, 24 natureza, 23 morte, 18 inveja, 15 inflação, 14 preocupação, 13 incompreensão, 13 intranquilidade, 11 ódio, 11 tristeza, 11 maus vizinhos, 11 falta de amor ao próximo, 10 solidão, 10 guerra, 9 desemprego, 8 roubo, 8 seca, 5 egoísmo, 5 não ter família, 5 injustiça, 4 desarmonia, 4 bebida, 3 cinema, 3 desobediência, 3 prisão, 2 casa alugada, 2 defeitos físicos, 2 desmatação da natureza, 2 não estudar, 1 mortalidade infantil.

Opinião sobre as coisas más da vida, por município, segundo a condição de pesquisa oral - 1979

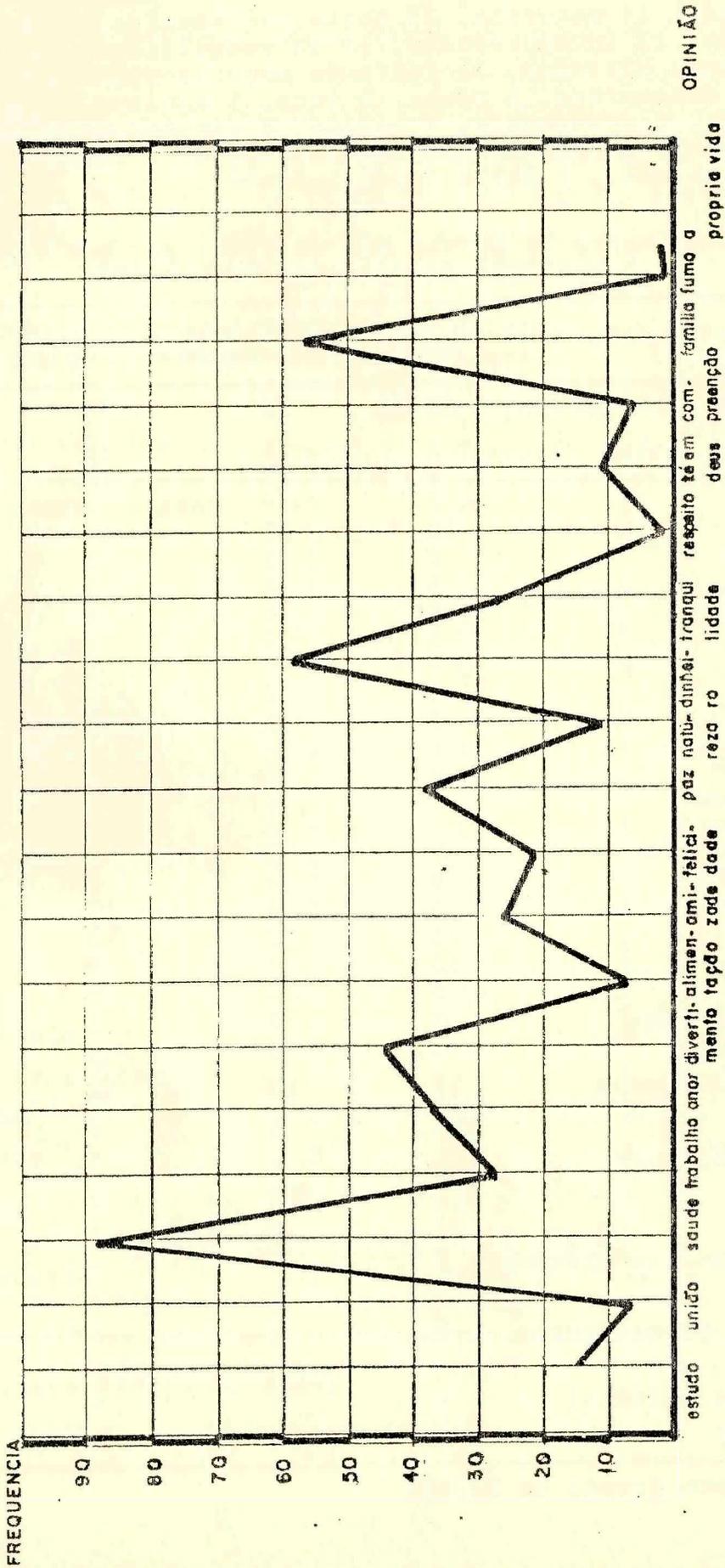
Coisas más da vida	Município			Total
	Natal	Mossorô	Caicô	
Total de entrevistados	50	50	50	150
Intriga	3	6	15	24
Inveja	5	1	12	18
Ódio	7	-	4	11
Doença	36	11	31	78
Solidão	6	1	3	10
Tristeza	5	4	2	11
Inflação	3	6	6	15
Morte	8	9	6	23
Ciume	-	-	3	3
Guerra	6	2	2	10
Egoísmo	2	1	2	5
Infelicidade	1	-	4	5
Desemprego	1	6	2	9
Casa alugada	-	-	2	2
Maus vizinhos	-	5	6	11
Não ter família	2	2	1	5
Incompreensão	6	4	3	13
Preocupação	5	4	5	14
Miséria	16	2	13	31
Falsidade	13	7	9	29
Injustiça	3	2	-	5
Intranquilidade	3	7	3	13
Desobediência	-	-	3	3
Dificuldade financeira	15	10	11	36
Seca	3	1	4	8
Defeitos físicos	-	-	2	2
Roubo	3	3	2	8
Desarmonia	3	1	-	4
Falta de amor ao próximo	7	4	-	11
Prisão	-	3	-	3
Devastação da natureza	1	1	-	2
Bebida	-	4	-	4
Mortalidade infantil	-	1	-	1
Não estudar	-	2	-	2

Fonte: Coleta direta de dados.

GRAFICO I

Opinião sobre as coisas boas da vida, segundo a condição de pesquisa oral

1979



FONTE : coleta direta de dados

TABELA 31

Os dados referentes ao sexo e estado civil do consumidor de ervas, por município. Verificou-se que dentre os 11 entrevistados, 8 são do sexo feminino e 4 do masculino.

Na segunda constatação em relação ao estado civil, 8 são casados, 2 viúvos, 1 solteiro e 1 desquitado.

Sexo e estado civil, por município, segundo a condição de consumidor de ervas - 1979

	Município			Total
	Natal	Mossorô	Caicó	
Sexo				
Total	5	4	2	11
Masculino	3	-	1	4
Feminino	2	4	1	7
Estado civil				
Total	5	4	2	11
Solteiro	1	-	-	1
Casado	3	4	1	8
Viúvo	1	-	-	1
Desquitado	-	-	1	1

Fonte: Coleta direta de dados.

TABELA 32

Quando solicitados a responderem acerca do local de nascimento, segundo a condição de consumidor de ervas, 3 responderam ser do Estado do Rio Grande do Norte, 2 da capital, 1 do interior e 1 de outros Estados (Paraíba e Pernambuco)

Local de nascimento, por município, segundo a condição de consumidor de ervas - 1979

Local de nascimento	Municípios			Total
	Natal	Mossorô	Caicó	
Total	5	4	2	11
Natal, RN	2	-	-	2
Bananeiras, PB	1	-	-	1
Pombal, PB	1	-	-	1
Picui, PB	1	-	-	1
Pau de Ferros, RN	-	1	-	1
Mossorô, RN	-	3	-	3
Vertentes, PE	-	-	1	1
Caicó	-	-	1	1

Fonte: Coleta direta de dados.

TABELA 33

Com relação aos documentos que possui, por município, segundo a condição de consumidor de ervas, ocorreu maior incidência da variável, carteira de identidade em 9 entrevistados, título de eleitor em 8, registro de nascimento em 6, carteira profissional em 4, carteira de reservista em 3, CIC em 2, certidão de casamento em 2, carteira do INPS em 1, carteira de motorista em 1 e carteira do FUNRURAL em um.

Documentos que possui, por municípios, segundo a condição de consumidor de ervas - 1979

Documentos que possui	Municípios			Total
	Natal	Mossoró	Caicó	
Total de entrevistados	5	4	2	11
Registro de nascimento	3	2	-	5
Carteira de Identidade	4	3	2	9
CPF	2	-	-	2
Carteira Profissional	3	-	1	4
Título de Eleitor	2	4	2	8
Carteira do INPS	-	-	1	1
Carteira de Motorista	1	-	-	1
Carteira de Reservista	3	-	-	3
Carteira do Funrural	1	-	-	1
Certidão de casamento	1	-	1	2

Fonte: Coleta direta de dados.

TABELA 34

A análise dos dados desta tabela, referente ao conceito de doença, segundo a condição de consumidor de ervas, por município, mostra que a maior incidência é em virtude de maus tratos (2), não acredita em doença (1), o que existe é nervosismo (1), é uma coisa que faz a pessoa não ter ânimo para nada (1), não é médico, por isso não sabe o que é doença (1), a doença vem do pecado, do sangue e do tempo (1), é um micrôbio (1), é uma coisa natural que todos sentem, de acordo com o organismo (1). Quatro do entrevistados deixaram de responder.

Conceito de doença, por município, segundo a condição de consumidor de ervas - 1979

Conceito de doença	Municípios			Total
	Natal	Mossorô	Caicó	
Total	5	4	2	11
Não acredita em doença, o que existe é nervosismo	1	-	-	1
É uma coisa que faz a pessoa não ter ânimo para nada	1	-	-	1
Não é médico, por isso não sabe o que é doença	1	-	-	1
A doença vem do pecado, do sangue e do tempo	1	-	-	1
É um micrôbio	-	1	-	1
É maus tratos	-	2	-	2
É uma coisa natural que todos sentem de acordo com o organismo	-	-	1	1
Sem resposta	1	1	1	3

Fonte: Coleta direta de dados.

TABELA 35

Quanto aos resultados destes dados em relação aos motivos da existência de doença, por município, segundo a condição de consumidor de ervas, observou-se as respostas, em que quatro entrevistados responderam que é falta de vitaminas, ali mentação, amor e perfeição, porque todos precisam sofrer, por causa dos pecados (2), porque as pessoas querem, pois não se previnem de forma correta (1), porque o mundo ficou para existir (1), por causa do sangue e perturbação (1), porque Deus quer (1). Dois dos entrevistados não deram resposta.

Em relação a essas respostas, verificamos dentre os 12 entrevistados, que seis, ou melhor 50% destes, possui uma certa consciência do porque de existir doença, e ser preciso um pouco de orientação ou conhecimento de medicina preventiva.

Motivos da existência de doença, por município, segundo a condição de consumidor de ervas - 1979

Motivos de existência de doença	Municípios			Total
	Natal	Mossoró	Caicó	
Total de entrevistados	5	4	2	11
Porque as pessoas querem, pois não se previnem de forma correta	1	-	-	1
Porque o mundo ficou para existir doença	1	-	-	1
Por causa do sangue e <u>per</u> turbação	-	1	-	1
Falta de vitaminas, boa alimentação, amor e <u>per</u> feição	-	3	-	3
Porque todos precisam sofrer, por causa dos pecados	1	-	1	2
Porque Deus quer	-	-	1	1
Sem resposta	2	-	-	2

Fonte: Coleta direta de dados.

TABELA 36

Sumariando os resultados obtidos nesta tabela, em relação aos remédios farmacêuticos mais usados pelo consumidor de ervas, por município, observamos que quatro dos entrevistados usam anador, para dores e gripe; dois usam gripargil, para gripe; dois Emulsão de Scott como fortificante; 2 usam Melhoral para dor de cabeça; um usa Somalium para gastrite, um usa Dubratil como fortificante, um usa Butazona para reumatismo, um usa Diazepam para os nervos, um usa Rifaldin para inflamação, um usa Tetrex para inflamação, um usa Novalgina para febres, um usa Solvobil para estômago, um usa Sonrisal para asia, um usa Cibalena para dor de cabeça, um usa Padrax para vermes, um usa Xarope expectorante, um usa Chophitol para o fígado, um usa Dorflex para dores de cabeça, um usa Poliplex como fortificante, um usa fortificantes, um usa Hygroton com Reserpina, para o coração.

Remédios mais usados por município, segundo a condição de consumidor de ervas - 1979

Farmacêuticos	Municípios			Total
	Natal	Mossoró	Caicó	
Total de entrevistados	5	4	2	11
Gripargil (gripe)	2	-	-	2
Somalium (gastrite)	1	-	-	1
Dubratil (fortificante)	1	-	-	1
Butazona (reumatismo)	1	-	-	1
Emulsão de Scott (fortificante)	1	1	-	2
Anador (dor e gripe)	1	1	1	3
Diazepam (nervos)	1	-	-	1
Rifaldin (inflamação)	1	-	-	1
Tetrex (inflamação)	1	-	-	1
Novalgina (febre)	1	-	-	1
Magnésia (asia)	-	1	-	1
Solvobil (estômago)	-	1	-	1
Sonrisal (asia)	-	1	-	1
Cibalena (dor de cabeça)	-	1	-	1
Padrax (vermes)	-	1	-	1
Melhoral (dor de cabeça)	-	1	-	1
Xarope (expectorante)	-	1	-	1
Chophitol (fígado)	-	-	-	-
Dorflex (dor de cabeça)	-	-	1	1
Poliplex (colesterol)	-	-	1	1
Fortificante (fígado)	-	-	-	-
Hygroton com Reserpina (coração)	-	-	1	1

Fonte: Coleta direta de dados

TABELA 37

Quanto ao uso freqüente dos vegetais, segundo a condição de consumidor de ervas, por municípios, verificamos que três dos entrevistados usa boldo para problemas intestinais e estomacais, três usam eucaliptos para febre, 2 usam ipecacoanha para inflamação, câncer, gripe, dor de dente, dois usam cumzru, para lavar a cabeça e dor de dente, dois usam erva-doce, como calmante e para o coração, 2 usam quixabeira, para tratamento da uretra, um usa campim santo para dor de barriga, um usa sidreira para dor de barriga, um usa cravo-do-reino para constipação, um usa chá preto para o intestino, um usa catuaba, para os nervos, para inflamação e fígado, um usa pega pinto para o sangue, um usa vassourinha para o sangue, um usa marcela para dor de barriga, um usa quina-quina para cortar a febre, um usa fedegoso para depurar o sangue, um usa ameixa para os rins e pulmões, um usa cajueiro para inflamação, um usa o chá de fedegoso para tudo, um usa mastruço para a gripe, um usa canela em pau para combater os vômitos, um usa cuminho como tempero para a dor, um usa endro para cólica menstrual. Apenas três entrevistados não citaram para que servem a casca de laranja, a jurema e a batata de purga.

TABELA 37 (continuação)

-148-

Remédios mais usados, por município, segundo a condição de consumidor de ervas - 1979

Vegetais	Municípios			Total
	Natal	Mossoro	Caico	
Total de entrevistados	5	4	2	11
Eucalipto (para febre)	2	1	-	3
Capim santo (dor de barriga)	1	-	-	1
Sidreira(dor de barriga)	1	-	-	1
Ipecacuanha (inchação, gripe, câncer e dor de dente)	2	-	-	2
Cumaru(lacar a cabeça e dor de dente)	2	-	-	2
Casca de laranja	1	-	-	1
Jurema	1	-	-	1
Cravo do reino(constipação na cabeça)	1	-	-	1
Erva doce (calmante e coração)	1	1	-	2
Boldo (intestino e estômago)	1	2	-	3
Chá preto (intestino)	1	-	-	1
Catuaba (nervos, inflamação e fígado)	1	-	-	1
Pega pinto(sangue)	-	1	-	1
Vassourinha (sangue)	-	1	-	1
Marcela (dor de barriga)	1	1	-	2
Quina-quina (febre)	-	1	-	1
Fedegoso (sangue)	-	1	-	1
Quixabeira (uretra)	-	1	1	2
Ameixa (rins e pulmão)	-	1	-	1
Cajueiro (inflamação)	-	-	1	1
Chá de fedegoso (para tudo)	-	-	1	1
Mastruço (gripe)	-	-	-	-
Batata de purga	1	-	-	1
Canela em pau (vômitos)	1	-	-	1
Cuminho(tempero e dor	1	-	-	1
Endro(cólica menstrual)	1	-	-	1

Fonte: Coleta direta de dados.

TABELA 38

Em relação aos remédios animais usados, por município, segundo a condição de consumidor de ervas, observou-se que 3 entrevistados usa banha de peixe-boi para dor e inchação, 3 usam banha de tijuacũ para garganta, 2 usam banha de baleia para dor e reumatismo, 2 usam banha de raposa para quebra de resguardo, hemorragia e assadura, 2 usam banha de cãgado para tumor e garganta, um usa banha de jacaré para reumatismo, um usa banha de galinha para inchação, um usa mel de abelha para fraqueza e gripe, um usa banha de traíra para rachadura do pé.

Remédios mais usados, por município, segundo a condição de consumidor de ervas - 1979

Remédios animais	Município			Total
	Natal	Mossorõ	Caicõ	
Total de entrevistados	5	4	2	11
Banha de baleia (dor e reumatismo)	2	-	-	2
Banha de peixe-boi(dor e inchação)	1	2	-	3
Banha de Jacaré(reumatismo)	1	-	-	1
Banha de galinha(inchação)	1	-	-	1
Banha de tijuacu(garganta)	3	-	-	3
Banha de raposa(quebra de resguardo, hemorragia e assadura)	2	-	-	2
Mel de abelha (fraqueza e gripe)	1	-	-	1
Banha de traíra (rachadura do pé)	-	1	-	1
Banha de cãgado (tumor e garganta)	-	2	-	2

Fonte: Coleta direta de dados.

TABELA 39

Os dados analisados nesta tabela, acerca do uso de misturas vegetais, por município, segundo a condição de consumidor de ervas, permitem ver que dois entrevistados usam lambedor para gripe, um toma banho de pinhão para ramo e constipação, um usa garrafada de cumaru para gripe, um usa sena com manã para gripe, um usa aniz estrelado para gripe, um usa malvaria com mastruço para disenteria, um usa hortelã com mastruço para ramo e dor de cabeça, um usa cabeça de negro para febre, um usa semente de laranja para dor de barriga, um usa banho de alecrim de tabuleiro para olho grande.

Remédios mais usados, por município, segundo a condição de consumidor de ervas - 1979

Misturas	Municípios			Total
	Natal	Mossorô	Caicó	
Total de entrevistados	5	4	2	11
Banho de pinhão (ramo e constipação)	-	-	-	-
Garrafa cumaru (gripe)	1	-	-	1
Lambedor (gripe)	1	1	-	2
Sena com manã (gripe)	1	-	-	1
Aniz estrelado (gripe)	1	-	-	1
Malvaria com mastruço (disenteria)	-	1	-	1
Hortelã com mastruço (ramo e dor de cabeça)	-	1	-	1
Cabeça de negro (febre)	1	-	-	1
Semente de laranja (dor de barriga)	-	-	-	-
Banho de alecrim de tabuleiro (olho grande)	1	-	-	1

Fonte: Coleta direta de dados.

TABELA 40

Com relação ao local de compra e vendedores de ervas, por município, segundo a condição de consumidor de ervas, verificou-se que a maior incidência (4 entrevistados) respondeu que adquirem em casa, 4 em mercado público, 2 em feira-livre e um em farmácia. Apenas um deixou de responder.

Na segunda colocação 3 responderam que são os raizeiros, 2 várias pessoas, um donos de armazéns e um farmacêutico. Cinco dos entrevistados deixaram de responder.

Local de compra e vendedores de ervas, por município, segundo a condição de consumidor de ervas
1979

	Município			Total
	Natal	Mossoró	Caicó	
Local de compra				
Total de entrevistados	5	4	2	11
Tem em casa	2	1	1	4
Feira livre	1	1	-	2
Mercado público	2	2	-	4
Farmácia	-	-	1	1
Vendedores				
Total de entrevistados	5	4	2	11
Várias pessoas	2	-	-	2
Raizeiros	1	2	-	3
Donos de armazéns	-	1	-	1
Farmacêuticos	-	-	1	1
Sem resposta	2	1	1	4

Fonte: Coleta direta de dados.

TABELA 41

Quanto ao preparo de ervas, a frequência de uso e divulgação, por município, segundo a condição de consumidor de ervas, 8 entrevistados prepararam em forma de chá e quatro não responderam.

No segundo momento, 5 usam sempre, 4 quando precisam, um quando se sente mal, dois deixaram de responder.

Com relação à divulgação 11 disseram haver bastante divulgação e apenas um não respondeu.

Preparo de ervas, frequência de seu uso e divulgação, por município, segundo a condição de consumidor de ervas - 1979

	Municípios			Total
	Natal	Mossoró	Caicó	
Preparo				
Total de entrevistados	5	4	2	11
Chá	2	4	1	7
Sem resposta	3	-	1	4
Frequência de uso				
Total de entrevistados	5	4	2	11
Quando se sente mal	1	-	-	1
Quando precisa	2	1	-	3
Sempre	-	3	2	5
Sem resposta	2	-	-	2
Divulgação				
Total de entrevistados	5	4	2	11
Bastante	5	4	2	11
Sem resposta	-	-	-	-

Fonte: Coleta direta de dados.

GRÁFICO 1

Local de compra de ervas, segundo a condição de consumidor de ervas

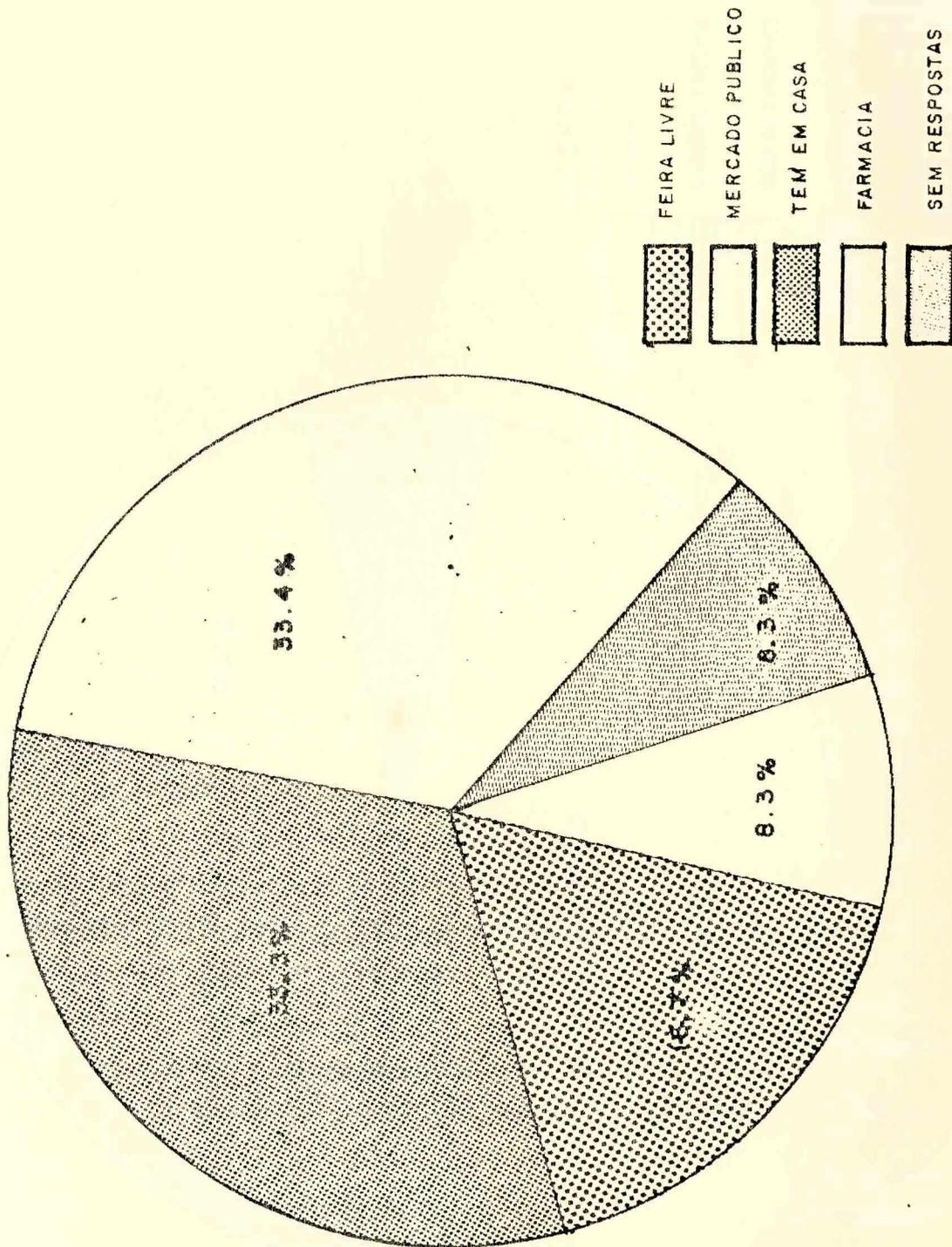


GRÁFICO 2

Frequência do uso de ervas, segundo a condição de consumidor de ervas

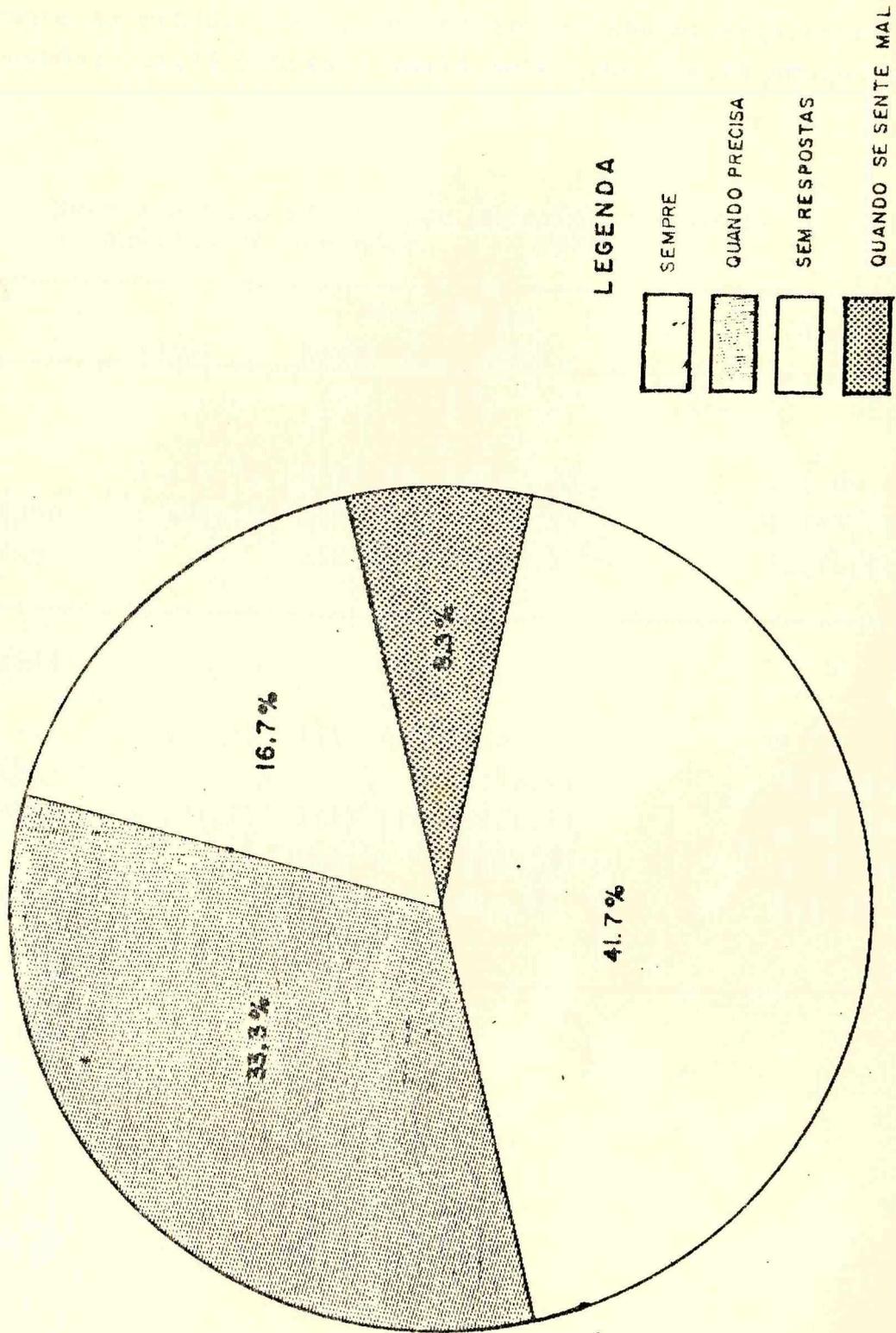


TABELA 42

Com relação ao sexo e estado civil, por município, segundo a condição de benzedor, observou-se que, dentre os 21 entrevistados 43,5% é do sexo masculino e 56,5% do feminino.

Quanto ao estado civil, os resultados são os seguintes : 60,9% casados, 21,7% viúvos, 13,1% solteiros e 4,3% desquitados.

Sexo e estado civil, por município, segundo a condição de benzedor - 1979

	Municípios			Total
	Natal	Mossoró	Caicó	
Sexo				
Total	5 (21,7)	4 (17,4)	12 (52,2)	21 (100,0)
Masculino	5 (21,7)	2 (8,7)	3 (13,1)	10 (43,5)
Feminino	-	2 (8,7)	9 (39,1)	11 (56,5)
Estado civil				
Total	5 (21,7)	4 (17,4)	12 (52,2)	21 (100,0)
Solteiro	-	-	3 (13,1)	3 (13,1)
Casado	5 (21,7)	3 (13,1)	5 (21,7)	13 (60,9)
Viúvo	-	1 (4,3)	3 (13,1)	4 (21,7)
Desquitado	-	-	1 (4,3)	1 (4,3)

Fonte: Coleta direta de dados.

TABELA 43

Os dados desta tabela indicam que, pela faixa etária, por município, segundo a condição de benzedor, existem maiores incidências de pessoas de 36 a 40 anos, exercendo a função de benzedor.

A segunda colocação cabe às pessoas de mais de 60 anos, de onde se conclui que ou as pessoas maduras ou as economicamente ativas (36 a 40 anos) é que mais exercem esta função.

A menor incidência, curiosamente, recai sobre as pessoas de 31 a 35 anos (4,3%) e de 56 a 60 anos (4,3%) ou seja, exatamente as faixas anteriores às de maior incidência.

Faixa etária, por município, segundo as condições de benzedor - 1979

Faixa etária	M u n i c í p i o			Total
	Natal	Mossorô	Caicó	
Total	5(21,7)	4(17,4)	12(52,2)	21(100,0)
- 30 anos	-	2(8,7)	1(4,4)	3(13,1)
31 a 35 anos	-	-	1(4,3)	1(4,3)
36 a 40 anos	3(13,0)	1(4,4)	1(4,3)	5(21,7)
41 a 45 anos	-	-	2(8,7)	2(8,7)
46 a 50 anos	1(4,4)	-	1(4,4)	2(13,1)
51 a 55 anos	-	-	2(8,7)	2(13,1)
56 a 60 anos	-	-	1(4,3)	1(4,3)
mais de 60 anos	1(4,3)	1(4,3)	3(13,1)	5(21,7)

Fonte: Coleta direta de dados.

TABELA 44

Com relação aos dados desta tabela quanto ao local de nascimento, por município, segundo a condição de benzedor, observou-se que, dentro os 21 entrevistados 21,7% são do Estado do Rio Grande do Norte, sendo que 8,7% de capital e 4,3% do interior e 4,3% de outros Estados (Paraíba, Pernambuco e Maranhã).

Local de nascimento, por municípios, segundo a condição de benzedor - 1979

Local de nascimento	M u n i c í p i o s			Total
	Natal	Mossorô	Caicô	
Total	5(21,7)	4(17,4)	12(52,2)	21(100,0)
Natal, RN	2(8,7)	-	-	2(8,7)
Angicos, RN	1(4,3)	-	-	1(4,3)
Macau, RN	1(4,3)	-	-	1(4,3)
Tacinia, PB	1(4,4)	-	-	1(4,4)
Caraúbas, RN	-	1(4,3)	-	1(4,3)
Mossorô, RN	-	2(8,7)	-	2(8,7)
Portalegre, RN	-	1(4,4)	-	1(4,4)
Caicô, RN	-	-	5(21,7)	5(21,7)
Olinda, PE	-	-	1(4,4)	1(4,4)
Serra Negra do Norte, RN	-	-	2(8,7)	2(8,7)
São Luís, MA	-	-	1(4,4)	1(4,4)
Vertentes, PE	-	-	1(4,3)	1(4,3)
Brejo do Cruz, PB	-	-	2(8,7)	2(8,7)

Fonte: Coleta direta de dados.

TABELA 45

Os resultados mostram, em relação aos documentos que possui por município, segundo a condição de benzedor, os mais frequentes são carteira de identidade (13), título de eleitor (11), carteira profissional (11), registro de nascimento (5), CIC (4), carteira do INPS (3), carteira do FUNRURAL (1) e carteira de reservista (2).

Documentos que possui, por município, segundo a condição de benzedor-1979

	M u n i c í p i o			Total
	Natal	Mossorô	Caicó	
Total	5	4	12	21
Título de eleitor	2	3	6	11
Registro de nascimento	1	1	3	5
Registro de casamento	-	-	2	2
CPF	1	-	3	4
Carteira profissional	3	-	8	11
Carteira do INPS	-	2	1	3
Carteira do FUNRURAL	-	-	1	1
Carteira de reservista	-	-	2	2
Carteira de Identidade	2	4	7	13

Fonte: Coleta direta de dados.

TABELA 46

Em relação ao tempo de prática e local onde pratica, os benzedores, por município, deram as seguintes respostas: com mais de 49 anos (21,7%), 25 a 29 (13,1%), 15 a 19 (13,1%), 10 a 14 (13,1%), 45 a 49 (8,7%), 35 a 39 (8,7%), 30 a 34 (8,7%), 40 a 44 (4,3%), 0 a 4 (4,3%), 20 a 24 (4,3%)

Quanto ao local, os mesmos sujeitos responderam que 100% dentre os 23 entrevistados, sendo que em casa (65,2%), em casas de doentes (30,5%) e em casa e na farmácia (4,3%).

Tempo de prática e local onde pratica, por município, segundo a condição de benzedor - 1979

Tempo	M u n i c í p i o s			Total
	Natal	Mossorô	Caicó	
Total	5(21,7)	4(17,4)	12(52,2)	21(100,0)
0 a 4 anos	1(4,3)	-	-	1(4,3)
5 a 9 anos	-	-	-	-
10 a 14 anos	1(4,3)	1(4,4)	-	2(13,1)
15 a 19 anos	1(4,4)	-	1(4,4)	2(13,1)
20 a 24 anos	-	-	1(4,3)	1(4,3)
25 a 29 anos	-	1(4,4)	2(8,7)	3(13,1)
30 a 34 anos	1(4,4)	-	1(4,3)	2(8,7)
35 a 39 anos	-	1(4,3)	1(4,4)	2(8,7)
40 a 44 anos	-	-	1(4,3)	1(4,3)
45 a 49 anos	1(4,3)	-	1(4,4)	2(8,7)
+ de 49 anos	-	1(4,3)	4(17,4)	5(21,7)
<hr/>				
Local				
Total	5(21,7)	4(17,4)	12(52,2)	21(100,0)
Em casa	5(21,7)	4(14,7)	5(21,7)	14(65,2)
Em casa e casas de doentes	-	-	6(26,2)	6(30,5)
Em casa e na farmácia	-	-	1(4,3)	1(4,3)

Fonte: Coleta direta de dados.

TABELA 47

Quanto à forma de aprendizagem, por município, segundo a condição de benzedor, deram 100% de resposta, as quais foram analisadas em ordem decrescente. Já nasceu com esse dom (39,1%), com os familiares (34,9%), nos livros (8,7%), com um médico (4,4%), em centro espírita (4,3%), desenvolveu com sofrimento e dor (4,3%), com uma senhora idosa (4,3%).

Forma de aprendizagem, por município, segundo a condição de benzedor - 1979

	Municípios			Total
	Natal	Mossorô	Caicô	
Total	5(21,7)	4(17,4)	12(52,5)	21(100,0)
Centro Espírita	1(4,3)	-	-	1(4,3)
Já nasceu com esse dom	3(13,1)	1(4,3)	5(21,7)	9(39,1)
Nos livros	1(4,3)	-	1(4,4)	2(8,7)
Com os familiares	-	3(13,1)	3(13,1)	6(34,9)
Desenvolveu com sofrimento e dor	-	-	1(4,3)	1(4,3)
Com um médico	-	-	1(4,4)	1(4,4)
Com uma senhora idosa	-	-	1(4,3)	1(4,3)

Fonte: Coleta direta de dados.

TABELA 48

Com relação ao pagamento com reza segundo a condição de benzedor, por município, observou-se os seguintes dados : não recebe contribuições (39,2%), recebe, dependendo do trabalho (30,5%), recebe quando percebe que a pessoa tem posse (21,7%), recebe pouco, é mais um quebra galho (4,3%), recebe para comprar o material (4,3%).

Pagamento pela reza, por município, segundo a condição de benzedor - 1979

Pagamento pela reza	Município			Total
	Natal	Mossorô	Caicô	
Total	5 (21,7)	4 (17,4)	12 (52,2)	21 (100,0)
Recebe, dependendo do tratamento	3 (13,1)	3 (13,1)	1 (4,3)	7 (30,5)
Recebe pouco e mais um quebra-galho	1 (4,3)	-	-	1 (4,3)
Recebe para comprar material	-	1 (4,3)	-	1 (4,3)
Não recebe contribuições	-	-	7 (30,5)	7 (30,5)
Recebe quando percebe que a pessoa tem poses	1 (4,3)	-	4 (17,4)	5 (21,7)

Fonte: Coleta direta de dados.

TABELA 49

Os resultados desta tabela, mostram o número mais frequente de clientela, por município, segundo a condição de benzedor. Entre 5 a 15 (39,1%), 20 a 50 (26,1%), 70 a 200 (8,7%), têm bastante clientes, não disse o número exato de pessoas (21,8%) e tem pouca clientela (4,3%).

Clientela, por município, segundo a condição
de benzedor - 1979

	Município			Total
	Natal	Mossorô	Caicô	
Total	5(21,7)	4(17,4)	12(52,5)	21(100,0)
Entre 5 a 15 pessoas	-	1(4,3)	8(34,8)	9(39,1)
Entre 20 a 50 pessoas	1(4,3)	2(8,7)	3(13,1)	6(26,1)
Entre 70 a 200 pessoas	-	1(4,4)	1(4,3)	2(8,7)
Tem bastante clientela	3(13,1)	-	-	3(21,7)
Tem pouca clientela	1(4,3)	-	-	1(4,3)

Fonte: Coleta direta de dados.

TABELA 50

Quanto às curas mais frequentes, segundo a condição de benzedor, por município, mostram maior incidência de respostas: espíritos malignos (6 entrevistados), doentes mentais (5), ventre caído (5), mau olhado (5), dor de cabeça (4), quebrante (3), espinhela caída (3), erizilepa (2), inchação (2), ferida de boca (2), ramo (2), dor de arcas (2), campainha caída (2), ferida cancerosa (2), carne triada (2), catimbôs (1), úlceras (1), amigdalite (1), derrame (1), constipação (1), dor de ouvido (1), engasgo (1), dor reumática (1), dor de dente (1), dor lombar (1), dor de mulher (1).

Curas mais frequentes. por município, segundo a condição de benzedor
1979

Curas mais frequentes	Municípios			Total
	Natal	Mossorô	Caicó	
Total de entrevistados	5	4	12	21
Espíritos malignos	2	1	3	5
Catimbôs	1	-	-	1
Doentes mentais	1	2	2	5
Úlceras	-	1	-	1
Amigdalite	-	1	-	1
Quebrante	-	1	2	3
Ventre caído	-	1	3	4
Olhado	-	1	3	4
Espinhela caída	-	1	2	4
Dor de cabeça	-	1	2	3
Erizipela	-	1	1	2
Inchação	-	-	2	2
Derrame	-	-	1	1
Constipação	-	-	1	1
Ferida de boca	-	-	2	2
Ramo	-	-	2	2
Dor de arcos	-	-	2	2
Campainha caída	-	-	2	2
Dor de ouvidos	-	-	1	1
Engasgo	-	-	1	1
Dor reumática	-	-	1	1
Ferida cancerosa	-	-	2	2
Dor de dente	-	-	1	1
Carne triada	-	-	1	1
Dor de mulher	-	-	1	1

Fonte: Coleta direta de dados.

TABELA 51

Em relação às resistências por parte dos médicos e Postos de Saúde, segundo a condição de benzedor, por município, 95,7% dos entrevistados responderam negativamente, enquanto, 4,3% afirmativamente. Apenas um dos entrevistados foi preso pela Polícia Federal.

Resistências por parte de médicos e Postos de Saúde, por município, segundo a condição de benzedor - 1979

Municípios	Resistências					
	Total		Sim (*)		Não	
	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%
Natal	5	21,7	-	-	5	21,7
Mossorô	4	15,4	1	4,3	3	13,1
Caicó	12	52,5	-	-	12	52,2
Total	21	100,0	1	4,3	20	95,7

Abs. = números absolutos

(*) Foi preso pela Polícia Federal.

Fonte: Coleta direta de dados.

GRAFICO 1
Tempo de pratica, segundo a condição de benzedor
1979

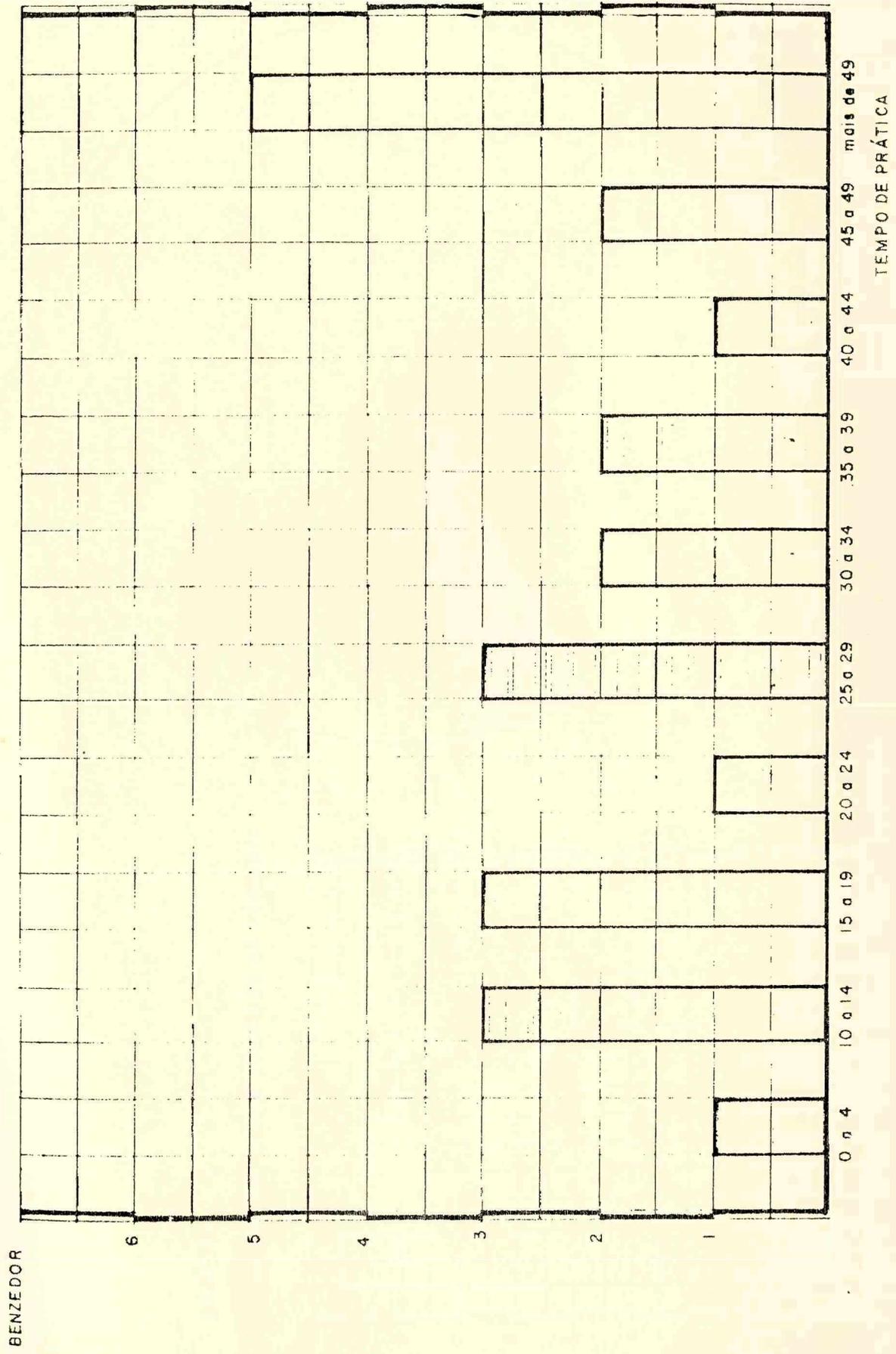


GRÁFICO 2

Local onde pratica, segundo a condição de benzedor
1979

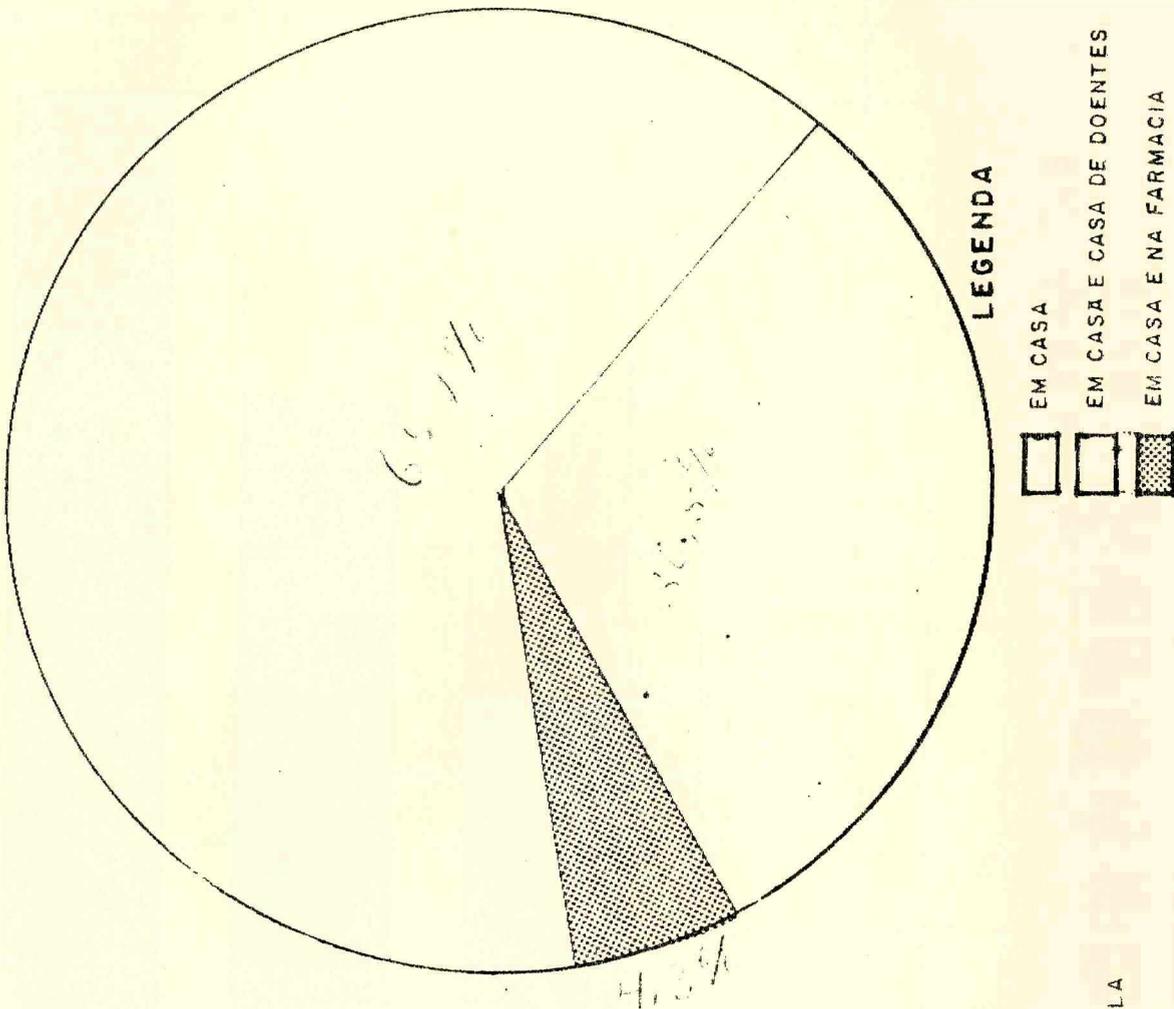


GRÁFICO 4

Cliente, segundo a condição de benzedor

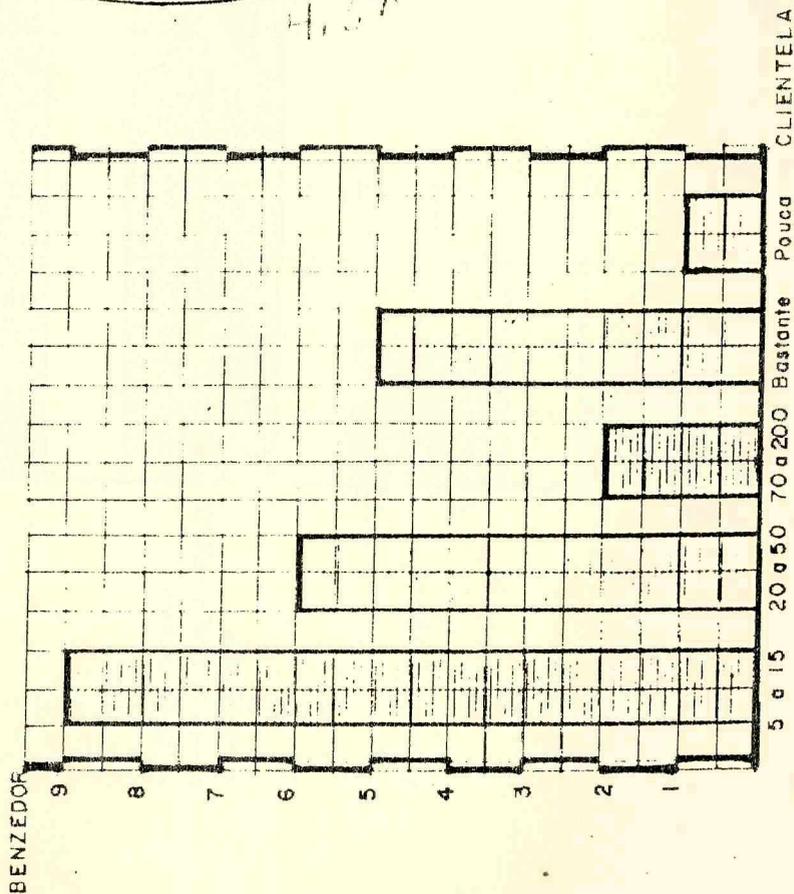


GRAFICO 3
Pagamento pela reza segundo as condições de benzedor

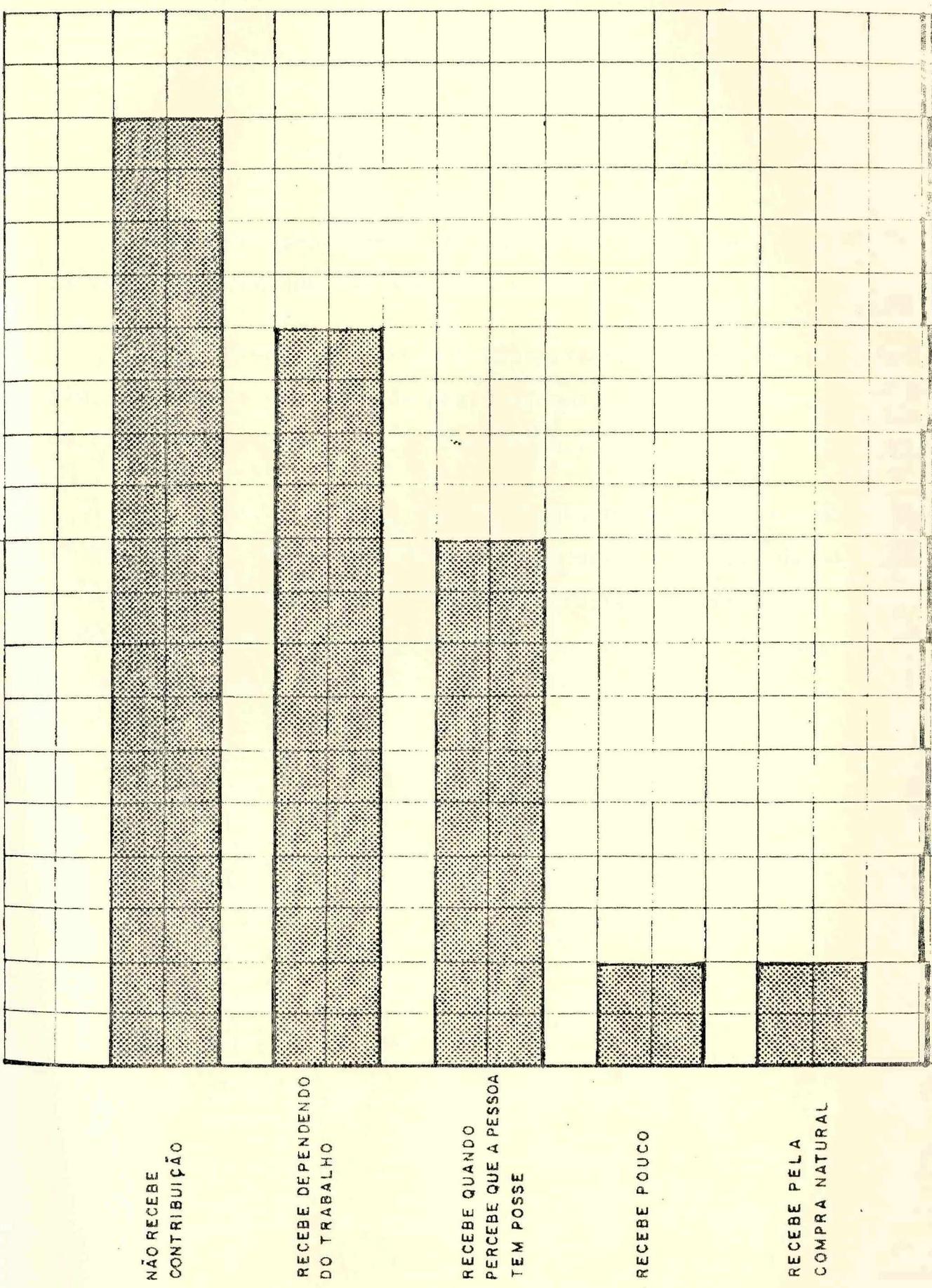


TABELA 52

Por serem bastante gerais os dados desta tabela serão apresentados em percentuais.

Quanto ao sexo dos entrevistados, por município, segundo a condição de profissional, verificou-se que 68,7% são masculinos e 41,2% femininos.

Em relação ao estado civil, os resultados são os seguintes: 31,2% solteiros, 62,6% casados, 3,2% desquitados, 3,2% amasiados. Um número bastante irrisório, conforme se pode observar, encontra-se no estado de desquite e amasiado.

TABELA 52 (continuação)

Sexo e estado civil, por município, segundo a condição profissional - 1979

Município	Profissional	Sexo		Estado civil					
		Total	Masculino	Feminino	Total	Solteiro	Casado	Desquitado	Anasiado
Natal	Médico	7	7	-	7	1	5	1	-
	Enfermeiro	5	-	5	5	2	3	-	-
	Farmacêutico	2	1	1	2	-	2	-	-
	Total	14	8	6	14	5	10	1	-
Mossoró	Médico	5	5	-	5	2	3	-	-
	Enfermeiro	4	2	2	4	2	2	-	-
	Dentista	2	1	1	2	1	1	-	-
	Total	11	8	3	11	5	6	-	-
Caicó	Médico	5	5	-	5	1	3	-	1
	Enfermeiro	2	1	1	2	1	1	-	-
	Total	7	6	1	7	2	4	-	1
Total	Médico	17	17	-	17	4	11	1	1
	Enfermeiro	11	3	8	11	5	6	-	-
	Dentista	2	1	1	2	1	1	-	-
	Farmacêutico	2	1	1	2	-	2	-	-
Total	32	22	10	32	10	20	1	1	

Fonte: Coleta direta de dados.

TABELA 53

Os dados desta tabela, também apresentados em percentual, pela mesma razão da anterior, mostram que, dentre os 52 entrevistados, 68,7% são do Rio Grande do Norte, sendo 22,7% da capital e 77,3% do interior do Estado. 25,0% são de outros Estados (Piauí, Ceará e Pernambuco) e 6,5% estrangeiros (Peru e Cuba)

Local de nascimento, por município, segundo a condição profissional - 1979

Local de nascimento	Natal			Mossoró			Caicó			TOTAL						
	M	E	F	T	M	E	D	T	M	E	T	M	E	D	F	T
Total	7	5	2	14	5	4	2	11	5	2	7	17	11	2	2	52
Natal, RN	2	1	-	3	-	-	1	1	1	-	1	3	1	1	-	5
Mossoró, RN	2	-	-	2	1	2	1	4	-	-	-	3	2	1	-	6
Pau dos Ferros, RN	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Santa Cruz, RN	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
São Vicente, RN	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Ceará-Mirim, RN	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Cuba	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Florianópolis, PI	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Nova Russa, PI	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Santana do Matos, RN	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Nova Cruz, RN	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Reriutaba	-	-	-	-	-	2	-	2	-	-	-	-	-	-	2	2
Recife, PE	-	-	-	-	1	-	-	1	-	-	-	1	-	-	-	2
Huancabamba, Peru	-	-	-	-	1	-	-	1	-	-	-	1	-	-	-	2
Santo Antonio, RN	-	-	-	-	1	-	-	1	-	-	-	1	-	-	-	2
Angicos, RN	-	-	-	-	1	-	-	1	-	-	-	1	-	-	-	2
Rio de Janeiro, RJ	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	-	-	-	2
Galinhos, RN	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	-	-	-	2
Jardim do Seridó, RN	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	-	-	-	2
Caicó	-	-	-	-	-	-	-	-	1	2	3	1	2	-	-	3

Legenda: M = médico E = enfermeiro F = farmacêutico T = total D = dentista

Fonte: Coleta direta de dados.

Os dados desta tabela, por serem muito esfacelados, são apresentados em números absolutos. Os anseios mais urgentes da comunidade quanto à saúde, por município, segundo a condição profissional, mostram-se bem variados, conforme se observa. Dentre todos, destaca-se o saneamento básico por ter sido o mais mencionado (11 respostas); seguem-se por ordem decrescente, a alimentação (10), a assistência médica (6), a medicina preventiva (5), o conforto e higiene (4), postos de saúde (3), vacinação (2), mais humanização entre os médicos (2), combate às cáries (2), educação sanitária (2), assistência educacional (2), maior nível de renda (2), pavimentação (1), visita domiciliar (1), orientação sobre a previdência social (1) e habitação (1).

Anseios mais urgentes da comunidade em termos de saúde, por município, segundo a condição profissional - 1979

Anseios mais urgentes da comunidade em termos de saúde	Natal			Mossoró			Caicó			T O T A L							
	M	E	F	M	E	D	T	M	E	T	M	E	D	F	A	L	T
Total	7	5	2	14	5	4	2	11	5	2	7	17	11	2	2	2	32
Saneamento Básico	2	1	2	5	2	-	-	2	3	1	4	7	2	-	-	2	11
Alimentação	4	2	1	7	1	-	-	1	1	1	2	6	3	-	-	1	10
Medicina Preventiva	2	1	-	3	1	-	-	1	1	-	1	4	1	-	-	-	5
Vacinação	1	-	-	1	-	-	-	-	-	1	1	1	1	-	-	-	2
Postos de Saúde	1	1	-	2	1	-	-	1	-	-	-	2	1	-	-	-	3
Assistência médica	2	3	-	5	1	-	-	1	-	-	-	3	3	-	-	-	6
Pavimentação	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	-	-	-	-	1
Visita domiciliar	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	1	-	-	-	1
Mais humanidade entre os médicos	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	2	-	-	-	2
Combate às cáries	-	-	-	-	-	2	-	2	-	-	-	-	-	-	2	-	2
Conforto e higiene	-	-	1	1	2	1	-	3	-	-	-	2	1	-	-	1	4
Educação sanitária	-	1	1	2	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	2
Assistência educacional	2	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	2
Maior nível de renda	1	1	-	2	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	-	2
Orientação sobre a Previdência Social	-	-	-	-	-	1	-	1	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Habitação	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1

Legenda: M = médico E = enfermeiro F = farmacêutico T = total D = dentista

Fonte: Coleta direta de dados.

Com relação às razões da prática da medicina popular, por município, segundo a condição de profissional, a quase totalidade dos entrevistados respondeu que esse tipo de medicina é bastante praticado (93,7%). Os restantes (6,3%) não deram respostas. Quando solicitados a esclarecer as razões dessa prática, os informantes apresentaram um número muito razoável de razões. Dentre elas, as que mais se destacam são o preço mais barato (12 respostas), o baixo poder aquisitivo da população (10) e o seu baixo nível cultural (9). As outras respostas, por ordem decrescente, são: a crença na homeopatia e medicina caseira (1), a liderança de curandeiro (1), a falta de educação sanitária (1) e a deficiência dos meios de comunicação (1). Portanto, o baixo custo da medicina popular leva a população a procurar esse tipo de medicina, em virtude de suas baixas condições econômicas.

Razões da prática da medicina popular, por município, segundo a condição de profissional - 1979

	Natal			Mossoró			Caicó			T O T A L					
	M	E	F	T	M	E	D	T	M	E	T	D	F	T	
Prática da medicina popular	7	5	2	14	5	4	2	11	5	2	7	17	11	2	32
Total	7	5	2	14	5	4	2	11	5	2	7	17	11	2	32
Bastante	7	5	2	14	5	4	1	10	4	2	6	16	11	1	30
Sem resposta	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	1	1	-	1	2
Razões da sua prática	7	5	2	14	5	4	1	10	4	2	6	16	11	1	30
Por causa do preço	1	4	-	5	2	2	1	5	2	-	2	5	6	1	12
Baixo nível cultural	3	-	-	3	2	1	-	3	3	-	3	8	1	-	9
Pouco acesso ao setor de saúde	-	1	-	1	1	-	-	1	1	-	1	2	1	-	3
Crença popular	1	2	-	3	-	-	-	-	2	1	3	3	3	-	6
Baixo poder aquisitivo	5	1	2	8	-	-	-	-	1	1	2	6	2	2	10
Facilidade de aquisição de ervas	-	-	-	-	1	2	-	3	1	1	2	2	3	-	5
Crença na homeopatia e medicina caseira	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Liderança de curandeiro	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Falta de educação sanitária	-	-	-	-	1	-	-	1	-	-	-	1	-	-	1
Meios de comunicação e orientação deficientes	-	-	-	-	1	-	-	1	-	-	-	1	-	-	1

Legenda: M = médico E = enfermeiro F = farmacêutico T = total D = dentista-

Fonte: Coleta direta de dados.

Analisando os dados referentes aos males curados à base de vegetais, por município, segundo a condição de profissional, as maiores incidências de respostas foram nos casos de gripe (10), de amebíase (6) e de diarréia (4). Com menor freqüência, citam-se dores lombares (2) e problema renal (2). Outros casos também foram mencionados (1 resposta cada): vento caído, constipação intestinal, quebranto, espinhela caída, hidratação oral, amigdalite, disenteria, coqueluche, hernia umbilical, anemia, menstuação irregular, hemorragia, tuberculose pulmonar, cálculo renal, infecção uterina, garganta, doença de olhos, úlcera, sinusite e sarampo.

Casos de males curados à base de vegetais, por município, segundo a condição de profissional - 1979

Casos de males curados à base de vegetais	Natal		Mossoró		Caicó		T. E. D. a. F. T.									
	M	E	M	E	M	E	M	E								
Total de entrevistados	7	5	2	14	5	4	2	11	5	2	7	17	11	2	2	32
Vento caído	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	-	1	-	-	-	1
Constipação intestinal	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	-	1	-	-	-	1
Quebrante	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	-	1	-	-	-	1
Espinhela caída	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	-	1	-	-	-	1
Dor lombar	1	-	-	1	-	-	-	-	-	1	-	2	-	-	-	2
Hidratação oral	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	-	1	-	-	-	1
Amigdalite	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	-	-	-	1
Disenteria	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	-	1	-	-	-	1
Gripe	3	2	1	6	1	2	1	3	1	1	1	5	4	1	10	
Coqueluche	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	-	-	-	1
Amebíase	1	-	1	2	1	2	-	3	1	1	1	2	1	-	6	
Hernia umbilical	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	-	1	
Anemia	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	-	1	
Menstuação irregular	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	-	1	
Hemorragia	-	-	-	-	-	1	-	1	-	-	-	1	-	-	-	
Tuberculose pulmonar	-	-	-	-	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	
Cálculo renal	-	-	-	-	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	
Infecção uterina	-	-	-	-	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	
Garganta	-	-	-	-	-	1	-	1	-	-	-	1	-	-	-	
Doença de olhos	-	-	-	-	-	1	-	1	-	-	-	1	-	-	-	
Úlcera	-	-	-	-	-	1	-	1	-	-	-	1	-	-	-	
Diarréia	1	3	-	4	-	-	-	-	-	-	-	1	3	-	4	
Sinusite	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	
Sarampo	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	
Problema renal	-	1	1	2	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	2	

Legenda: M = médico E = enfermeiro F = farmacêutico T = total D = dentista

Coleta direta de dados.

Quando solicitados a responderem sobre seus conhecimentos acerca da antecipação de conclusões científicas relativas à fitoterapia, por município, segundo a condição profissional (84,4%) dos entrevistados responderam afirmativamente, enquanto 15,6% responderam negativamente.

Como justificativas apresentadas para as respostas afirmativas, os sujeitos esclareceram dizendo que essa antecipação de conclusões científicas, em parte têm sentido (9) respostas, todo trabalho científico baseia-se no empirismo (6), algumas ervas despertaram, nos médicos, o interesse pela pesquisa (2) e há vários medicamentos feitos à base de ervas (2). As respostas negativas não foram justificadas.

Antecipação de conclusões científicas relativas à fitoterapia à base de observações do povo, por município, segundo a condição de profissional - 1979

	Mossoró			Caicó			Total							
	M	E	F	M	E	T	M	E	T	M	E	D	F	T
Antecipação de conclusões científicas	7	5	2	5	4	2	5	2	7	17	11	2	2	32
Sim	7	5	2	4	4	1	4	-	4	15	9	1	2	27
Não (*)	-	-	-	1	-	1	1	2	3	2	2	1	-	5
Total	7	5	2	4	4	1	4	-	4	15	9	1	2	27
Justificativa	1	-	-	-	-	-	1	-	1	2	-	-	-	2
Algumas ervas despertam nos médicos interesse pela pesquisa	2	-	-	1	2	-	1	-	1	4	2	-	-	6
Todo trabalho científico é baseado no empirismo	1	-	-	1	1	-	-	-	-	2	-	-	-	2
Há vários medicamentos feitos de ervas	1	4	2	7	1	1	-	-	-	2	5	-	2	9
Em parte tem sentido	2	1	-	3	1	1	1	3	2	5	2	1	-	8
Sem resposta														

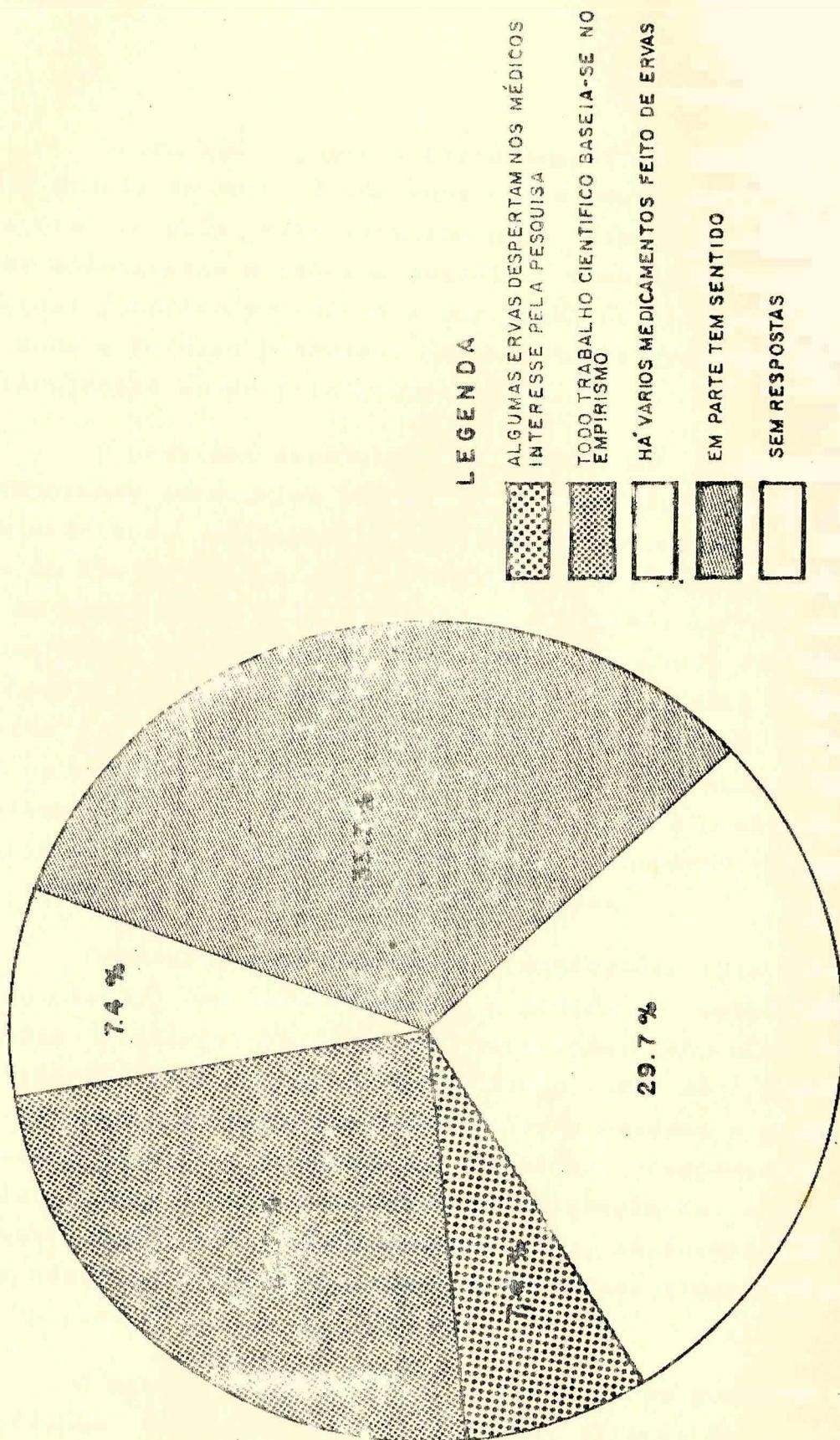
Legenda: M = médico E = enfermeiro F = farmacêutico. T = total D = dentista

(*) Os cinco profissionais que responderam não apresentaram justificativa

Fonte: Coleta direta de dados.

GRÁFICO 1

Justificativa e fundamentação de conclusões científicas relativas a fitoterapia a base de observações do povo, segundo a concepção do profissional



FONTE: coleta direta de dados

CONCLUSÕES

Posto que a pobreza historiográfica sobre o Estado do Rio Grande do Norte é coerente com a pouca produção da História Oral no país, este trabalho paga tributo à falta de apoios modelares e à própria ousadia. Como todo trabalho intelectual pioneiro propõe-se a ser provisório, a ser argumento somado a futuras pesquisas de estudiosos preocupados com o entendimento do próprio grupo social.

O problema essencial apresentado ao historiador do contemporâneo nordestino brasileiro é a pervivência de tempos históricos. Múltiplas fases compõem os mosaicos cronológicos do Rio Grande do Norte. Influências várias marcam a vida do homem comum que via o dilema de opção: ou o passado pesa sobre sua personalidade conalizando suas condutas para comportamentos "tradicionais", ou é atraído pelo "novo", "moderno", sendo motivado a procedimentos exóticos. Via de regra os extremos se mesclam e o resultado é um homem híbrido culturalmente. O passado se entrelaça com o presente. O tradicional se alonga na atualidade, e, esta perde o impacto na inevitável vida do pretérito no hoje.

Constatar tais fenômenos, compreender tais realidades são missões dos intelectuais. A medida do aprofundamento nestas "histórias vivas", ao historiador cabe não fazer o trabalho do etnólogo ou do antropólogo. Faz-se imperioso ao estudante de História compreender o passado e o que deste passado permanece presente na sociedade. Compreender e explicar. Compreender e explicar para transformar a sociedade atuando sobre ela. Quais seriam, pois, as formas de se operar nesse fato histórico que é a sociedade riograndense do norte, presente?

A maneira mais efetiva e eficaz de se penetrar nesta "estranha" sociedade riograndense foi através da eleição de meio operatório significativo da vida social. Desde logo

Mas a entrada não pertence
Só ao sol avião.
É também porto de mar
Do sertão do interior

Possui hotéis para burros,
Hospitais para motor,
Cemitérios para bondes,
Fábricas para o suor.

Mais tudo o que deve haver
Num bom porto de vapor:
Armazens, contrabandistas,
Fortezas, guarda-mor.

João Cabral de Melo Neto

se nos afigurou como válido o estudo da saúde como forma ilustrativa de toda a vida social. O estudo da saúde ao historiador se apresenta como um sentido polissêmico pois ao se estudar a saúde de uma comunidade faz-se, concomitantemente, o estudo da sociedade, em geral, funcionalisticamente.

Outra etapa foi o estabelecimento das maneiras de se estudar a saúde de uma população variada e desagrupada.

As formas "oficiais" de atendimento médico pareceram-nos, se não mentirosas, ocas de realidade. Faltava aos dados, frios, hospitalares ou institucionais, a verdade quente da vida, o sabor autêntico da realidade que ao ser reduzida a uma uniformidade ampla, nacional, deixava de ser típica, fiel, coerente com o meio que o gerou e nutriu.

Desde que se despresasse os números e as tabelas do INPS, por exemplo, restou-nos a possibilidade de se fazer um outro tipo de verificação, inclusive mais espontânea do que as convencionais. Elaborou-se um questionário onde era apresentada, de diferentes formas, a problemática da saúde, ou de outras maneiras da própria vida social.

As regiões escolhidas foram Natal, Salineira e Seridó. Três regiões sínteses do Rio Grande do Norte. Os questionários rodaram quer pelo público consumidor como pelos próprios "erveiros".

As constatações foram muitas. E ricas.

Se as hipóteses dos "modernistas" ou "modernizados" forçam a conclusões de que o novo, o técnico destrói o passado, o tradicional, se mistura com o inédito e o impacto produz um homem e uma sociedade sínteses. A cultura popular cede à técnica. A cultura erudita cede à população, assim, mais do que um homem pitoresco o riograndense do norte, hoje é um homem adaptado e adaptável, capaz de aceitar o impacto das presenças de sociedades e formas de vida industrializadas, mas também capaz de triar, selecionar os valores apresentados e adaptando-os, fazendo-os próprios: originais.

O que chama a atenção de quem decompõe analiticamente os dados conseguidos é que se trata de uma sociedade onde a densidade social é neutralizada pela presença desta cultura híbrida. A divisão sexual, as idades ou as procedências sociais não são fatores alarmantemente extremados. Não. Fala-se de uma sociedade onde as proximidades culturais marcam um nivelamento sadio, apto a progressões da totalidade.

Numa sociedade onde a ausência de identidades, inclusive de documentos, é uma evidência o que se questiona é da função do benzedor. Se a primeira sugestão é que o benzedor é uma figura hierarquicamente prestigiada, as conclusões mostram que não. O benzedor tem um papel social diverso. Representa o passado, a experiência, os ensinamentos dos antecessores que não podem ser substituídos. O benzedor não assume posições de milagreiros ou santos, são homens comuns diluídos na maioria, no geral, da população.

Por outro lado os consumidores também se aproximam socialmente ao procurar o benzedor. Deixam de lado posições sociais, títulos e tornam-se comuns no cenário do mercado, na casa do benzedor.

Ao se evidenciar que se fale de uma sociedade pobre, as constatações sobre "as coisas más da vida" recaem na falta de dinheiro e pois nas dificuldades de sobrevivência. A saúde logo se apresenta como sinal das condições sociais. Isto predispõe o homem à condição de atendente ou atendido da saúde, dentro de critérios mais próximos da natureza. Dai a farmacologia industrial não ter a penetração esperada.

Os fatores que chamam a atenção, nas conclusões, mostram que o "saber popular" resistindo aos golpes promovidos pelos meios "modernos" de comunicação de massa, desmonta como alerta à cultura oficial e universitária. As condições de reação do povo, em geral, mostram que a cultura popular não pode ser agredida pois ela reage e, pois, deve-se pensar, ou repensar em formas de desenvolvimento regional, onde aproveite-se mais, muito mais, as potencialidades da tradição oral.



BANCA DE JURY

BIBLIOGRAFIA

1. AGRA, Mária de Fátima - Farmacopéia popular da Paraíba (Notas). João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba, 1977.
2. ALBUQUERQUE, Ulysses Lins - Um sertanejo e o sertão. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio, 1957.
3. ALLEGUEDE, Bernard - Os franceses no Rio Grande do Norte. Natal, Conselho Federal de Cultura, 1976.
4. ALMEIDA, Renato - A inteligência do folclore. 2a. edição. Rio de Janeiro/Brasília, Editora Americana/Instituto Nacional do Livro, 1974.
5. ALOISI et alii - Medicina y sociedad. Barcelona, Editorial Fontenella, 1972.
6. ALVES, Rubens - Misticismo: a emigração dos que não tem poder.
7. AMARAL, Amadeu - O dialeto caipira. São Paulo, Hucitec, 1976.
8. ARAUJO, I. J. - Elementos de arte popular. Natal, Fundação José Augusto, 1977.
9. ARAUJO, Alceu Maynard - Medicina rústica. São Paulo, Editora Nacional, Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1977.
10. AZEVEDO, Fernando de - A cultura brasileira. São Paulo, Editora Nacional, 1975.
11. BALANDIER, Georges - Antropo-lógicas. São Paulo, Editora Cultrix, 1976.
12. BALBACHAS, Alfonsos - As plantas curam. São Paulo, Editora Missionária "A Verdade Presente", 1964.

13. BASTIDE, Roger - As religiões africanas no Brasil. São Paulo, Pioneira/Edusp, 1971. 2 vols.
14. — - Sociologia das doenças mentais. São Paulo, Editora Nacional, 1967.
15. BATISTA, Sebastião Nunes - Antologia da literatura de cordel. Natal, Fundação José Augusto, 1977.
16. BECKER, Ernest - A negação da morte. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1976.
17. BERLINGUER, Giovanni - Medicina e Política. São Paulo, Hucitec, 1978.
18. BERQUÓ, Elsa S. et alii - A fecundidade em São Paulo ; características demográficas, biológicas e sócio-econômicas. São Paulo, Cebrap, 1977.
19. BEZERRA, Nizomar F. - Algumas plantas medicinais nativas e cultivadas na Região de Mossoró. Coleção Comemorativa à Primeira Semana de Estudos da Caatinga, realizada de 21 a 26 de março de 1977. Mossoró, ESAN, 1977.
20. BRAGA, Renato - Plantas do Nordeste, especialmente do Ceará. 3a. edição. Fortaleza, Coleção Mossoroense, 1976.
21. CALAZANS, José - A Santidade de Jaguaribe. 1952.
22. CÂMARA, Maria Ceruza Soares. A função mágico-religiosa do ex-voto. Natal, 1977.
23. CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira - Kardecismo e Umbanda. São Paulo, Livraria Pioneira, 1961.
24. CAMPOS, Eduardo - Medicina popular do Nordeste - Superstições, crendices e mezinhas. Rio de Janeiro, Edições O Cruzeiro, 1967.
25. CANDIDO, Antonio - Os parceiros do Rio Bonito. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1977.

26. CARR, E. H. - Que é história? Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.
27. CARVALHO, Murilo et alii - Artistas e feitos populares. São Paulo, Editora Brasiliense, 1977.
28. CASCUDO, Luís da Câmara - Antologia da alimentação no Brasil. São Paulo, Estudos Brasileiros, 1977.
29. — - Antologia do folclore brasileiro. Quarta edição. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1971.
30. — - Civilização e cultura. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1973, 2 vols.
31. — - Coisas que o povo diz. Rio de Janeiro, Edições Bloch, 1968.
32. — - Contos tradicionais do Brasil (Folclore). Terceira edição. Rio de Janeiro, Coleção Brasileira de Ouro, 1967.
33. — - Dante Alighiere e a tradição popular no Brasil. Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1963.
34. — Dicionário do folclore brasileiro. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1962, 2 vols.
35. — Dicionário do folclore brasileiro. Terceira edição. São Paulo, Editora Nacional, 1972, 2 vols.
36. — - Folclore do Brasil. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1967.
37. — - Geografia dos mitos brasileiros. Rio de Janeiro, José Olympio, 1942.
38. — - Geografia dos mitos brasileiros. Rio de Janeiro, José Olympio/MEC, 1976.
39. — - História da alimentação no Brasil. São Paulo, Editora Nacional, 1967, 2 vols.

40. CASCUDO, Luís da Câmara - História dos nossos gestos. Brasília, São Paulo, Melhoramentos, 1976.
41. — - Interpretando o sertão. Natal, Fundação José Augusto, 1975.
42. — - Meleagro. Pesquisa da magia branca no Brasil. Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora, 1951.
43. — - Mitos brasileiros. Rio de Janeiro, Ministério de Educação e Cultura, Caderno de Folclore nº 6.
44. — - Movimento da independência do Rio Grande do Norte. Natal, Fundação José Augusto, 1973.
45. — - Nomes da terra. Natal, Fundação José Augusto, 1968.
46. — Pequeno manual do doente aprendiz. Natal, Imprensa Universitária, 1969.
47. — Prelúdio da cachaça - Etnografia, história e sociologia da aguardente no Brasil. Rio de Janeiro, Divisão do Instituto do Alcool e do Açúcar, 1968.
48. — - Religião do povo. João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba, 1970.
49. — - Superstições e costumes. Rio de Janeiro, Antunes, 1958.
50. — - Tradição, ciência do povo (etnografia). São Paulo, Perspectiva, 1971.
51. — - Tradições populares da pecuária nordestina. Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura, 1956.
52. — - A vaqueijada nordestina e sua origem. Natal, Fundação José Augusto, 1976.
53. — - Vaqueiros e cantadores. 2a. edição, 1968.

54. CASCUDO, Luís da Câmara - Viajando o sertão. Segunda edição. Natal, Gráfica Manibu, 1975.
55. CASTAÑEDA, Carlos - A erva do diabo. São Paulo, Edibolso, 1968.
56. CASTRO, Nei Leandro de - Romance da cidade de Natal. Natal, Fundação José Augusto, 1975.
57. CENTRO Rural Universitário de Treinamento e Ação Comunitária (CRUTAC) - Estudo piloto sobre medicina e farmacopéia popular na região de Froiri. Natal, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1972.
58. CHAUNU, Pierre - A história como ciência social. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.
59. CORREA, Carlos Humberto - O documento de história oral como fonte histórica. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1977.
60. — - História oral, teoria e prática. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1978.
61. COSTA, F. A. Pereira - Vocabulário pernambucano. Recife, Coleções Pernambucanas, 1976, 2 vols.
62. CUNHA, Euclides da - Os Sertões, campanha de Canudos. Vigésima nona edição. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1976.
63. DIÉGUES JUNIOR, Manuel - Etnias e culturas do Brasil. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977.
64. DOCUMENTOS em história oral. Comunicação apresentada pelos Professores George P. Browne, da Hall University, USA e Walter F. Piazza da Universidade Federal de Santa Catarina.
65. DUARTE, Dioclésio D. - A indústria extrativa do sal e sua importância na economia do Brasil. Rio de Janeiro, Mi

nistério da Agricultura, 1941.

66. DUARTE, Dioclésio D. - O sal na economia do Brasil. Rio de Janeiro, Alba Editora Livraria, 1942.
67. FACÓ, Rui - Cangaceiros e fanáticos. Terceira edição. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1972.
68. FARIA, Oswaldo Lamartine - Os açudes dos sertões do Seridó. Natal, Fundação José Augusto, 1978.
69. FERNANDES, Florestan - O folclore em questão. São Paulo, Coleção Estudos Brasileiros, 1978.
70. — - Organização social dos tupinambás. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1963.
71. FREIRE, Gilberto - Casa Grande e Senzala. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1975.
72. — - Nordeste; aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1967.
73. — - Ordem e Progresso, introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil. Terceira edição. Rio de Janeiro, José Olympio Editora/Brasília, MEC, 1974. 2 vols.
74. — - Sobrados e mucambos; decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. Terceira edição. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1968. 2 vols.
75. FUCCIO, Francisco de - Cultura médica popular. São Paulo, Atena Editora, 1957.
76. GEERTZ, Clifford - A interpretação das culturas; antropologia social. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
77. GODINHO, V. M. (org.) - A história social. Problemas, fontes e métodos. Lisboa, Editora Cosmos, 1965.
78. GOODE, William & HATT, P. K. - Métodos em pesquisa social. São Paulo, Editora Nacional, 1968.

79. GUIA DOS INVESTIDORES. Natal, Governo do Estado do Rio Grande do Norte, Secretaria de Indústria e Comércio, 1979.
80. GUIMARÃES, Reinaldo (org.) - Saúde e medicina no Brasil. Contribuição para um debate. Rio de Janeiro, Graal, 1978.
81. HOLANDA, Sérgio Buarque de - História da civilização brasileira. Vol. I - Época colonial. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1977.
82. JUNQUEIRA, Carmem - Os índios Ipavu. Um estudo sobre a vida do grupo Komaiuroi. São Paulo, Ática, 1975.
83. KUBLER, Ross E. - Sobre a morte e o morrer. São Paulo, Editora da USP, 1977.
84. LIMA, Domingos Gomes de - Síntese das principais realizações. Linhas prioritárias de ação para 1978. Natal, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1977.
85. MACHADO, Maria Christina Mothe - As táticas de guerra dos cangaceiros. 2a. edição. São Paulo, Editora Brasiliense, 1978.
86. MACHADO, Roberto - Danação da norma. Medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil. Rio de Janeiro, Graal, 1978.
87. MALTHES, Joachim - Introducción a la sociología de la religión. II. Iglesia y sociedad. Madrid, Alianza Editorial, 1975.
88. MARCIONILA, Quincas - Elementos da arte potiguar. Natal, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1977.
89. MARIANO, Ana Maria Soares de Salles - Saúde Pública em car-
taz. Possibilidades de decodificação. São Paulo, tese, exemplar mimeografado, 1979.

90. MEDEIROS, Alberto Pinheiro - Pequena história de Redinha. Natal, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1978. Trabalho realizado pela turma de História.
91. MEDEIROS, José Augusto Bezerra de - O sal e o algodão na economia potiguar. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1948.
92. MEDEIROS, Tarcísio - Aspectos geopolíticos e antropológicos na história do Rio Grande do Norte. Natal, Imprensa Universitária, 1973.
93. MEIHY, José Carlos Sebe Bom - Medicina de família: e renovação da medicina. São Paulo, Publicação da Irmandade de Misericórdia de Taubaté, 1978.
94. — - Problemas sociais da medicina: a questão da tradição médico-cultural no Brasil. Revisão de Terapêutica Médica, 11(8):44-58, 1978, out.
95. — - A religião e o povo. São Paulo, Edições Paulinas, 1978.
96. MELO, Carlos Gentile de - Saúde e assistência médica no Brasil. São Paulo, Hucitec, 1977.
97. MELO, Manuel Rodrigues de - Patriarcas e carreiros. Influência do Coronel e do carro de boi na sociedade rural do Nordeste. Rio de Janeiro, Irmãos Pongetti, 1954.
98. — - Várzea do Açu. 1940.
99. MELO, Veríssimo - Algumas fontes para o estudo da medicina popular (no prelo).
100. — - Calendário cultural e histórico do Rio Grande do Norte. Natal, Conselho Estadual de Cultura, 1976.
101. — - O conto folclórico no Brasil. Cadernos de Folclore, nº 11.

102. MELO, Veríssimo de - Ensaaios de antropologia brasileira. Natal, Imprensa Universitária, 1973.
103. — - São João de 1977. Natal, Fundação José Augusto/Gráfica Manimbu, 1977.
104. — Xarias e canguleiros. Natal, Imprensa Universitária, 1968.
105. MILLER, J. - As idéias de McLuhan. São Paulo, Cultrix / EDUSP, 1971.
106. MONTENEGRO, M. Eugenia M. - Lembranças e tradições do Açú. Natal, Fundação José Augusto, 1978.
107. OS NEGROS DO ROSÁRIO - A presença do Folclore. Recife, Jornal do Comércio, Suplemento Especial, 28 de dezembro de 1968.
108. NEVES, G. et alii - Normas para pesquisas de literatura oral. Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro. Rio de Janeiro, Cadernos de Folclore, nº 8, 1969.
109. NOGUEIRA, Oracy - Pesquisa social: introdução às suas técnicas. São Paulo, Editora Nacional, 1968.
110. NONATO, Raimundo - Visões e abusões nordestinas. Natal, Edições do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, 1977.
111. NORONHA, José Carvalho de - Saúde e medicina no Brasil. Rio de Janeiro, Graal, 1978.
112. ORTIZ, Renato - A morte branca do feiticeiro negro. Petrópolis, Vozes, 1978.
113. PATARRA, Neide Lopes & IANNI, Octavio - Conceição do Araguaia. Estudo de caso: dinâmica populacional, transformações sócio-econômicas, atuação das instituições. São Paulo, CEBRAP, Estudos de População, 1977.

114. PLESSNER, Z. H. - Antropologia dos sentidos. Obstáculos conhecidos.
115. POMBO, Rocha - História do Rio Grande do Norte. Rio de Janeiro, Editores Annuário do Brasil, 1922.
116. RADCLIFFE-BROWN, A. R. - Antropologia. São Paulo, Ática, 1978.
117. RAWDLES, W. G. L. et alii - Para uma história antropológica e noções de reciprocidade. São Paulo, Martins Fontes Editora, 1978.
118. REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MÉDICA (ABEM) , vol. II, nº 1, janeiro/abril, 1978.
119. REVISTA CAICÓ - 28 de julho de 1978, nº 2. Caicó.
120. RIO GRANDE DO NORTE - Principais produtos. Natal, Governo do Estado. Secretaria de Indústria e Comércio, 1979.
121. — - Parque têxtil integrado do Rio Grande do Norte. Natal, Governo do Estado. Secretaria de Indústria e Comércio, 1978.
122. — - O problema da educação no Estado do Rio Grande do Norte. Proposta de sua adequação a fim de transformá-la em efetivo instrumento de desenvolvimento regional. Natal, Imprensa Universitária, 1972.
123. — - Programa de implantação de polo químico do Rio Grande do Norte. Natal, Governo do Estado. Secretaria de Indústria e Comércio, 1979.
124. — - Programa de implantação do polo metalúrgico do Rio Grande do Norte. Natal, Governo do Estado. Secretaria de Indústria e Comércio, 1979.
125. — - Relatório das atividades desenvolvidas na Divisão de Saúde e Serviço Social da Prefeitura Municipal de Caicó, 1978.

126. RIO GRANDE DO NORTE - A busca do desenvolvimento. Programa de ação do Governo do Estado, 1976-1979.
127. — - Diagnóstico estrutural do Rio Grande do Norte. Unidade Setorial de Planejamento, vols. A e B.
128. — - Proposta preliminar de um plano educacional para a Zona Rural da Região do Seridó (1978/1980). Natal, MEC / Secretaria Geral/UNESCO, 1976.
129. ROCHA, Raimundo Teixeira - Farmacopéia popular norte-riograndense (no prelo). Natal, Imprensa Universitária, 1978.
130. — - A Feira. Série de Cultura Popular. Natal, Fundação José Augusto.
131. — - Termos e expressões populares ligados a doenças. Natal Monografia para Concurso de Professor Assistente, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1977.
132. RODRIGUES, Gilda de Castro - Reses e homens. Uma interpretação antropológica de dois sistemas terapêuticos. Brasília, Dissertação de Mestrado, 1978.
133. RODRIGUES, José Honório - Teoria de história oral. Introdução, métodos. 4a. edição. São Paulo.
134. ROMULO, Wanderley - Câmara Cascudo e os trovadores. Natal, Tipografia Santa Terezinha, 1966.
135. ROQUE, Joaquim - Rezas e benzeduras populares (etnografia alentejana). Portugal, Beja, 1946.
136. ROY, Teresa M.M. - "História oral". Estudos Sociais, Marília, nº 15, pp. 123-130, 1976.
137. SANTOS FILHO, Lycurgo - "Medicina colonial". In HOLANDA, Sérgio Buarque de - História geral da civilização brasileira. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1960.
138. — - História da medicina no Brasil. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 2 volumes.

139. SAÚDE EM DEBATE. Revista do Centro Brasileiro de Estudos da Saúde, nº 2, jan./março, 1977.
140. SCOTT, J. W. - Tratado de magia oculta. São Paulo, Brasil Editores, 1961.
141. SILVA, Janice Theodoro - Raízes da ideologia do planejamento: Nordeste (1889-1930). São Paulo, Ciências Humanas, 1978.
142. SIMPÓSIO DE PESQUISA DE FOLCLORE - São Paulo, 1976. São Paulo, Governo do Estado. Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.
143. SINOPSE PRELIMINAR DO CURSO DEMOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO NORTE, 1970. Natal, MEC/FUNARTE/IBGE, 1971.
144. TEIXEIRA, Fausto - Medicina popular mineira. Rio de Janeiro, Organizações Sinões, 1954.
145. TEVES, Angelina Cabral de - A mulher tribal brasileira. São Paulo, Librasp Editorial, 1978.
146. UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE - Síntese das principais realizações. Linhas prioritárias de ação para 1978. Reitor Domingos Gomes de Lima.
147. — - A Universidade como fator de desenvolvimento e segurança. Reitor Domingos Gomes de Lima. Conferência proferida em 16/8/1977 no VI Ciclo de Estudos sobre a segurança e desenvolvimento, promovido pela Delegacia da ADESG no Rio Grande do Norte, em Natal.
148. VELHO, Gilberto - A utopia urbana: um estudo de antropologia social, em apêndice à utopia revisitada. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
149. VIVEIROS, Paulo Pinheiro - História da aviação no Rio Grande do Norte (1894 a 1915). Natal, Imprensa Universitária, 1974.

CONTEÚDO

	Pág.
Introdução	1
O tempo e a documentação	4
O tempo	4
A documentação	5
Conceito de cultura	6
Cultura popular e medicina	7
1. Rio Grande do Norte: o Homem e a paisagem cultural	13
1.1. Colonização	13
1.2. Localização	14
1.3. Clima	14
1.4. Condições gerais de saúde	28
2. As fazendas e as cidades: evoluções	31
2.1 Herança lingüística	31
2.2. As populações e a distribuição	32
Dados demográficos	35
2.3. Características da Linguagem Oral	36
3. A vegetação do Rio Grande do Norte	39
4. A região geográfica como condicionadora de comportamentos	41
4.1. Como o homem domina a vegetação	41
4.2. Como se locomove	44
4.3. Necessidade básica - Alimentação	45
4.4. Doces e sobremesas	46
4.5. Tabus alimentares	46
4.6. Como se veste	48
4.7. O que bebe	49
5. Estudo de três regiões	51
5.1. As razões da escolha das três regiões geográficas	51

	Pág.
5.2. Comidas natalenses tradicionais	56
5.3. As formas de convívio social	58
5.3.1. Danças folclóricas	59
5.3.1. Folguedos folclóricos	60
5.4. Meios de comunicação em Natal	60
5.5. Educação	61
Quadro I - Estabelecimentos e matrículas dos municípios de Natal, Mossoró e Caicó	62
5.6. Salineira	66
5.7. Seridó	70
5.7.1. Aspectos físicos	70
5.7.2- Ocupação do espaço	73
5.7.3. Saúde	75
5.7.4. Formas de convívio social	76
6. A vida social: a vida sã	81
6.1. A vida no campo	81
6.2. A vida na cidade - Modificações cotidianas	82
6.3. As formas de vida: lazer em Mossoró, Natal e Caicó	84
Natal	93
Mossoró	95
Caicó	99
Tabelas	104
Conclusões	177
Bibliografia	180

FICHA nº 1

1. Vegetal
 - 1.1. Nome científico
 - 1.2. Nome popular
 - 1.3. Habitat
 - 1.3.1. Nativo
 - 1.3.2. Exótico
 - 1.3.3. Cosmopolita
2. Partes utilizadas
 - 2.1. Folha
 - 2.2. Raiz
 - 2.3. Casca
 - 2.4. Flor
 - 2.5. Seiva
3. Fórmulas medicamentosas
 - 3.1. Chá
 - 3.2. Garrafadas
 - 3.3. Lavagem externa
 - 3.4. Clister
 - 3.5. Unguentos
 - 3.6. Emolientes
 - 3.7. Emplastros
 - 3.8. Refrigerantes
 - 3.9. Escalda-pês
 - 3.10. Vomitórios
 - 3.11. Lambedores
 - 3.12. Xarope
4. Modo de preparar
5. Modo de usar
6. Veículos
 - 6.1. Água
 - 6.2. Cachaça
 - 6.3. Vinho
 - 6.4. Banha de porco
 - 6.5. Banha de galinha
 - 6.6. Banha de tijuagu
 - 6.7. Banha de cobra
 - 6.8. Sebo de carneiro
 - 6.9. Óleo vegetal
 - 6.10. Seiva vegetal
 - 6.11. Mel de abelha
7. Indicações
8. Contra-indicação
9. Resguardo
10. Obs.:

PESQUISA SOBRE MEDICINA POPULAR E CULTURA POPULAR

Local Data

Responsável pelo questionário

I. Dados pessoais civis

Nome:

Local de nascimento:

Data:

Filiação

Estado civil

Documentos que possui

II. Dados pessoais religiosos

Religião principal

Outras

Por que segue o

Santos de devoção

Onde pratica o culto

Principais rituais

Promessas - Para que santo(s)

Por que?

Para o que?

Resultados

III. Dados familiares

Cônjuge

Forma de relacionamento (casado em cartório, amigado, etc.)

Filhos próprios:

Idade

Sexo

Agregados familiares

Renda familiar

Renda pessoal

Mora em (local)

Histórico (como foi parar lá?)

Tipo de moradia (descrição)

Taipa

Madeira

Acampamento

Tijolos

Tipo de bairro

Bom

Médio

Favela

Bairro rural

Forma de propriedade

Casa própria

alugada

cedida

em pagamento (BNH)

Moradores da casa

Unifamiliar (es) (n) Quantos?

Familiares indireto (s) (n) Quantos?

Amigo(s) (n) Quantos?

Subaluguel (éis) (n) Quantos?

Comodidades

Água - poço

encanada

bica

córrego

cacimba

Esgoto
Fossa negra
Latrina

Iluminação (s) (n)

Elétrica
Vela
Querozene
Lamparina

Lixo

Despesas

Alimentação
Luz
Água
Condução
Prestações
Divertimentos
Remédios e medicamentos
Médicos

Escolaridade

Pessoal
Filhos
Agregados

Cônjuge

IV. Dados de saúde

Pessoal
Familiar
Doenças pessoais
Doenças da família
Já foi ao médico (s) (n)
Estão matriculados em posto de saúde (s) (n)
Qual?

Forma de atendimento médico - auxílio

Vizinho
Médico
Curandeiro
Benzedor
Hospital
Farmácia
Auto medicação com drogas industriais
Auto medicação com drogas flora-fauna
Rezas
Outros
Por que?

PESQUISA SOBRE MEDICINA POPULAR E CULTURA REGIONAL

Local

Data

REsponsável pelo questionário

Clientela: médicos, dentistas, farmacêuticos, parteiras, enfermeiras diplomadas e engenheiro sanitaria

I - Dados pessoais

Nome

Local de nascimento

Filiação

Estado civil

Documento que possui

1. Quais os anseios mais urgentes da comunidade em termos de saúde?
2. A medicina popular ainda é muito praticada em seu município?
3. Você poderia dizer, em síntese, as razões pelas quais a maioria da população prefere as ervas, aos remédios de farmácia, em caso de doença?
4. Cite, se possível, alguns casos de males, do seu conhecimento, curados à base de vegetais, segundo a crença popular.
5. É verdade que as observações do povo, no tocante à fitoterapia, têm antecipado conclusões científicas?

Obs, :

PESQUISA SOBRE MEDICINA POPULAR E CULTURA REGIONAL

Local Data

Responsável pelo questionário

I - Dados pessoais civis

Nome

Local de nascimento

Filiação

Estado civil

Documentos que possui

Conceito de coença

Por que existe doença

Que remédios usa mais? Para que? Cr\$

Farmacêuticos

Vegetais

Animais

Misturas

Outros

Onde compra?

De quem?

Como prepara?

Frequência do uso

Divulgação

PESQUISA SOBRE MEDICINA POPULAR E CULTURA REGIONAL

Local

Data

Responsável pelo questionário

I - Dados pessoais civis

Nome

Local de nascimento

Filiação

Estado civil

Documentos que possui

Benzedor

1. Faz tempo que pratica?
2. Onde?
3. Como a aprendeu?
4. Recebe por isto? Quantos exemplos (3)
5. Fregueses
6. Curas mais importantes
7. Resistências; Médicos
Posto de Saúde

PESQUISA ORAL

LOCAL DATA.../.../.....

RESPONSÁVEL PELO QUESTIONÁRIO

DADOS PESSOAIS CÍVIS

NOME:

LOCAL DE NASCIMENTO: DATA:.....

FILIAÇÃO:

ESTADO CIVIL:

DOCUMENTOS QUE POSSUI:

.....
.....

GRAU DE ESTUDO:

1. O que é a vida? _____

2. Por que vivo? _____

3. Quais as coisas boas da vida? _____

4. Quais as coisas más da vida? _____

Obs.: _____

Reg: 2905/75